

Evernight Publishing

SAM CRESCENT

THE ALPHA SHIFTER
COLLECTION

THE ALPHA'S TOY





P  L
APRESENTA

The Alphas Toy

Série

The Alpha Shifter Collection

Livro 01

Sam Crescent



6 anos de tradução

Equipe PL

Tradução: Mariana Flor

Revisão: Gíu

Revisão Final: Cíndy Píinky

Leitura Final: Lola

Formatação: Lola

Verificação: Anna Azulzinha



P  L
APRESENTA

Série The Alpha Shifter Collection

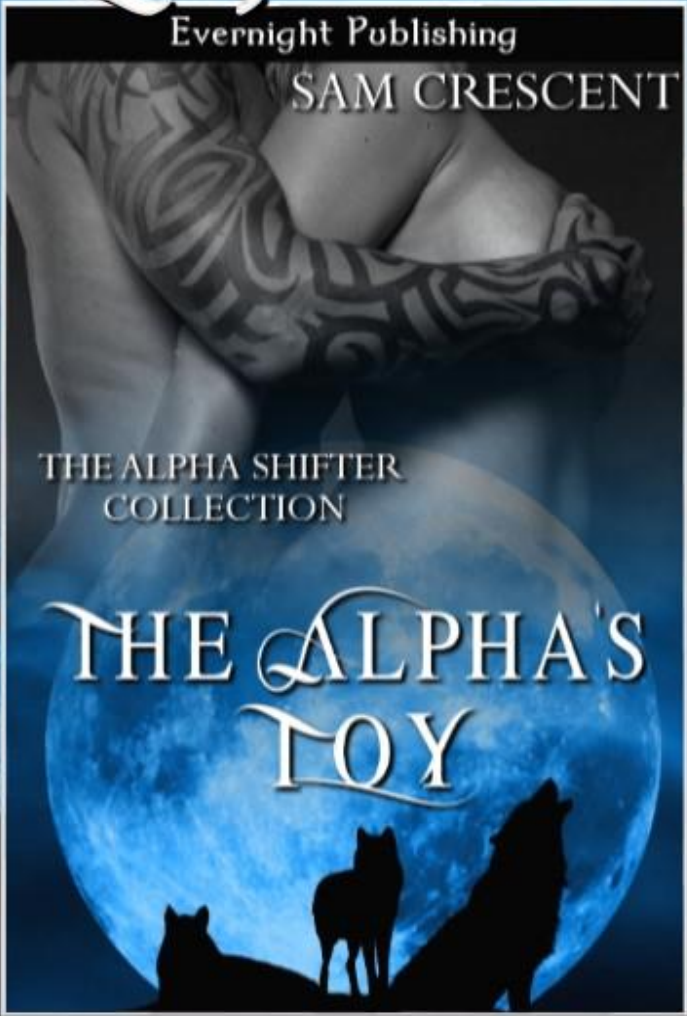
Lançamento

Evernight Publishing

SAM CRESCENT

THE ALPHA SHIFTER
COLLECTION

THE ALPHA'S TOY



Em Breve



Sinopse

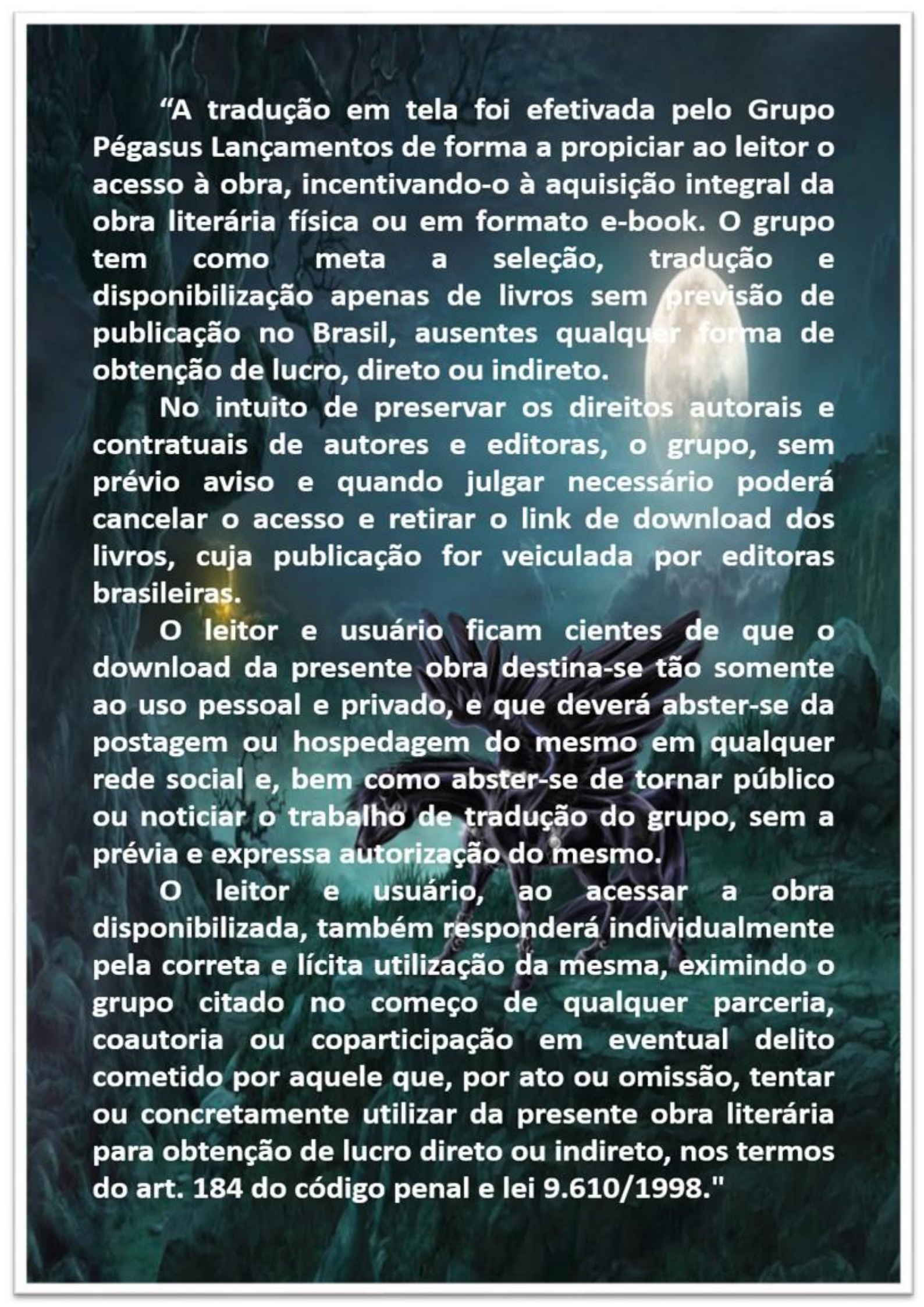
Para poupar uma inocente ela tem que se tornar seu brinquedo.

Quando Zeke ataca sua matilha, Mary, uma loba de meia-raça, quer salvar uma loba jovem, mas para fazer isso, ela tem que aceitar o acordo do lobo alfa. Ela deve ser seu brinquedo até a próxima lua cheia. Mary despreza o alfa que ela deve agora dar seu corpo, mas ela não pode negar a resposta que ele inspira dentro dela.

Explorando o covil dos falecidos, Zeke tropeça em algo que poderia destruir todas as raças de lobo. Os líderes da matilha de Mary estavam fazendo experimentos com

lobos. As razões ainda são desconhecidas, mas Zeke fará tudo o que puder para descobrir a verdade, especialmente quando ele descobre que Mary foi uma de suas experiências.

Mesmo antes do final do mês Mary torna-se tudo o que ele pode pensar, e está determinado a manter seu brinquedo seguro. Então uma torção do destino deixa-o saber que ela é mais do que um brinquedo. Mary é sua companheira. Ele pode superar seu medo e convencê-la a ficar quando o mês terminar?

The background of the page is a dark, moody illustration. It features a full moon in the upper right quadrant, partially obscured by dark, gnarled tree branches. In the lower center, there is a dark, winged creature, possibly a Pegasus or a dragon, standing on a rocky outcrop. The overall color palette is dark, with shades of blue, green, and black, creating a mysterious and somewhat ominous atmosphere.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

**Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face,
expondo ao grupo de forma
desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do
grupo!**

**Não gostou, leia o livro no
idioma original**

Equipe Pégasus Lançamentos

Capítulo

Um

Mary observou quando outro de sua alcateia foi massacrado pelo intruso. As correntes de prata ao redor de seus pulsos, tornozelos e pescoço a impediam de fazer qualquer coisa. Seu alfa e sua rainha já haviam sido mortos na invasão. Ela era originalmente da cidade, mas todos os meses na época da lua cheia ela viajava para o campo para correr com a alcateia. Mary sabia que não deveria realmente ver o grupo como dela, eles só a aturavam porque Dani e Roger exigiram isso. Nenhum dos outros membros realmente gostava dela. Ainda assim, o ar livre da cidade não se comparava ao cheiro da floresta, à relva fresca ou à sensação de outros lobos, mesmo que fossem hostis. Ela não tinha encontrado nenhuma outra alcateia e não estava interessada em ser rejeitada a cada tentativa, foi por isso que ela ficou onde estava. Melhor o diabo que você conhece e tudo isso..., mas agora, até mesmo isso estava sendo tirado dela



enquanto observava os membros do grupo serem abatidos por um homem que ela não conhecia.

Ela era conhecida como uma mestiça, o que significava que ela foi transformada por ter a infelicidade de estar no lugar errado na hora errada. Trabalhando até tarde como recepcionista na agência de publicidade, Mary foi mordida por um cachorro vira-lata, pelo menos foi isso que ela pensou no momento. Desde que foi mordida ela aprendeu mais. O grande vira-lata era, na verdade, um lobo. Alguns faziam cara feia para um humano transformado, enquanto outros encontraram seus companheiros mordendo humanos. Ela não tinha ideia do porquê foi mordida, mas Mary teve que aprender rapidamente em como ser uma meia raça. Se não fosse por Roger, o líder agora falecido, ela teria morrido. O cão que a mordeu a abandonara ferida e sangrando. Roger e sua esposa, Dani, a guiaram durante a transição até ela ser capaz de se misturar com os humanos de novo. Até ser mordida, sua vida foi comum, ela nunca reservou um tempo para saborear sua vida ou os prazeres simples que ela gostava. Roger e Dani a ajudaram a se adaptar. Os cães pararam de latir para ela e ela não teve outra escolha a não ser vender seu amado gato. Ter seu animal de estimação sibilando para ela o tempo todo era inquietante.

Então, todos os meses ela voltava para o bando para abraçar o destino que fora forçado sobre ela. A maioria dos lobos não queria contato pelo fato dela não ser puro sangue, ela não podia trocar de forma voluntariamente e estava restrita a lua cheia, além disso, ela era maior do que as



outras mulheres lobos. Onde os outros lobos eram magros sem uma grama extra, Mary tinha abundância de quilos para poupar. Correr com os lobos não mudou nada, ela não se importava em saber como seu corpo permaneceu o mesmo, mesmo com ela comendo mais. Sua vida mudara drasticamente nos últimos dezoito meses e agora sabia que sua vida iria mudar novamente.

Dani e Roger estavam mortos, junto com outros quatro homens e mulheres, seus corpos estavam em um canto enquanto o homem sorria ameaçadoramente para a multidão. Sua alcateia estava atrás dele, obviamente preparados para atacar, se necessário.

O medo se agarrava em seu estômago. Em toda a sua vida, ela nunca foi o tipo de pessoa que procurou o confronto. O homem que claramente era o alfa parecia feliz em despedaçar os membros de sua alcateia. Ele estava fazendo isso por diversão? Ela nunca o viu antes e não sabia o que ele tinha contra sua alcateia.

Eles são realmente sua alcateia?

Durante muito tempo Mary não se sentia como um membro da alcateia. Eles a toleraram, mas ninguém queria mais nada com ela. Ela era a única que foi transformada por um lobo desconhecido e eles fizeram questão de que ela soubesse que eles não gostavam nem um pouco disso. Nem Dani nem Roger conheciam quem a transformou, mas eles estavam lá quando ela mais precisara deles e ela se sentia leal em relação a eles. Lambendo os lábios crus e rachados,



ela gritou enquanto a cabeça de outro homem estava sendo rasgada de seu corpo.

Seu estômago virou e se inclinando para frente, ela não pode mais conter o vômito. Tudo o que ela consumiu nas últimas horas saiu. As pessoas ao redor dela começaram a amaldiçoar e a se afastar. Alguém chutou sua coxa enviando-a para o chão. Felizmente, ela não pousou em seu próprio vômito.

Quando seu estômago se acalmou, ela se levantou mais uma vez para olhar para o palco. A prata das correntes machucou sua pele e ao olhar para baixo, podia ver a pele vermelha e esfolada sangrando nos lugares onde o metal a tocava. Enxugando a testa, desejou que houvesse algo mais que pudesse fazer.

O som de um grito feminino interrompeu seu pensamento. Mary viu a única pessoa que foi agradável com ela, uma menina de não mais que quatorze anos, Jessica era seu nome, quando os outros membros da alcateia ignoraram Mary, a jovem adolescente falou sobre sua vida constantemente. Mary achava estranho que, Jessica sempre se sentiu diferente, como se ela não pertencesse ali. Às vezes, Mary tinha certeza de que ela e Jessica, cheiravam da mesma maneira, mas ninguém falava nada sobre a menina, pelo menos não para ela.

Observando o homem arrastar a menina para o palco, Mary teve que desviar o olhar. Jessica não era uma criança má. Ela era jovem, doce e não foi poluída por outros membros



da alcateia. Jessica não diferenciava o sangue puro dos mestiços. A jovem viu pessoas se transformarem em lobos, a inocência dentro de seus olhos era algo a ser acarinhado, não ignorado. Mary foi ignorada a maior parte de sua vida, a única vez que ela não foi negligenciada foi quando foi mordida. Aos vinte e cinco anos de idade, ela nem sequer teve uma experiência sexual com um homem. Era lamentável, mas ser uma mulher acima do peso trazia seus próprios problemas. Ela estava farta das piadas cruéis e viu a verdadeira intenção nos olhos dos homens que a convidaram para sair. Mary preferiu manter todos à distância ao invés de arriscar ter o coração quebrado, ou mesmo esmagado, por decisões ruins. Manter a guarda elevada permitiu-lhe viver a sua vida em paz.

— Não, não, não, não, por favor. Eu não fiz nada de errado! — Jessica disse, implorando por sua vida.

Olhando para o chão, Mary sentiu o medo através de seus ossos. As súplicas de Jessica estavam chegando até ela. Não havia como deixar que algo acontecesse à moça. Olhando para cima, ela observou alguém puxar a corrente ao redor do pescoço de Jessica. Os gritos eram demais e antes que Mary pudesse parar o que estava fazendo, gritou para eles.

— Deixa a em paz! Ela é uma menina jovem e não fez nada de errado. — Sua voz percorreu o ar viajando sobre o resto deles para pousar sobre o homem que a maltratava.

Mordendo o lábio, ela ouviu o resto de sua maldição enquanto seus inimigos se voltavam para ela. Os homens a



atacaram antes que ela tivesse tido a chance de ficar nua e correr. Alguns dos membros não tiveram essa sorte e foram de fato mortos. Mesmo que ela tivesse convivendo com isso nos últimos dezoito meses, Mary não tinha se acostumado a ver outros homens nus. Ela viu mais mamas e seios nos últimos meses do que ela se lembrava em toda sua vida.

— Você fala para salvar este pedaço de lixo choramingando? — O homem perguntou. Ele era o Alfa, e quando falou, Mary sentiu algo responder dentro dela. Era como se seu lobo conhecesse sua voz e estivesse chutando sua pele tentando sair.

Ela não tinha ideia de quem era o homem, ela nunca o viu antes em sua vida. Mary sabia que ela teria se lembrado dele só pelo que ele parecia. Tinha bem mais de um metro e oitenta e em um braço havia uma tatuagem negra que descia do seu pescoço através dos seus braços grossos. O Alfa não usava uma camisa, apenas um par de calças justas que se fixavam em seus quadris, e delineava suas grossas pernas. Ele não se deixaria cair em uma briga e cada parte dele exalava poder e masculinidade. Mary nunca conhecera outro homem como ele. Só por sua áurea ela já se sentia derrotada e não somente porque estava presa em correntes de prata.

Por toda a distância que estava dele, ela não conseguia distinguir outra coisa a não ser o fato de ser um homem gigante.

Ele está matando a sua alcateia.



— Ela é uma menina... — Mary disse, forçando-se a falar. Se ninguém mais falasse por Jessica, ela o faria.

Não há como sair vivo daqui.

O homem sorriu, agarrando Jessica pela cintura.

— Você quer negociar a vida dela? — Perguntou o Alfa.

Mary assentiu com a cabeça. Qualquer confiança que ela tinha desapareceu quando ele ordenou ao homem ao lado dele para agarrá-la. O resto dos membros tentaram se afastar dela, esperando não ganhar a ira do Alfa. *Merda!* Por que não poderia ter ficado em casa e ido para a mata da cidade? Estava guardada por alta segurança, mas poderia ter pelo menos se transformado e conseguido a corrida que ela desejava. Em vez disso, ela foi para um grupo que a desprezava e agora estava olhando para o possível fim de sua vida.

O ar livre, as florestas sem fim e o cheiro da cachoeira a atraíam mais do que o artifício das caminhadas da cidade. Ela esperava um dia se acomodar longe da cidade.

— Max, eu quero ela inteira. Quero ver quem quer pechinchar por essa pequena chorona. — Disse o Alfa.

Jessica choramingou no palco. Mary olhou para aquele que chamava Max quando se aproximou dela, ele parecia morto com uma cicatriz que marcava todo um lado de seu rosto. Max foi quem a agarrou por trás, nas árvores, enquanto ela se despia. Não teve tempo para correr, mas tentara. Ele cortou a corrente que a ligavam aos outros, havia apenas uns trinta ali. O número diminuía conforme a pilha



de cadáveres aumentava.

Seu braço foi agarrado e ela foi arrastada para o palco. Ela não sabia como se comportar na frente do Alfa.

— Você se curvará. — Disse Max, forçando-a a cair de joelhos.

Ficando de joelhos, ela gritou enquanto a prata parecia puxar seus pulsos.

— Bem, você tem minha atenção. Agora, o que você quer? — Perguntou o Alfa.



Zeke olhou para a mulher que estava à sua frente. A garota que ela tentou negociar estava choramingando no canto e ele realmente não se importava com porra nenhuma dessa alcateia, mas o perfume dessa mulher o atraía. Não havia nenhum mal nela, enquanto o resto do bando estava lotado disso. Ele não ficaria satisfeito até que todos eles estivessem mortos e seus corpos queimados em uma pilha de cinzas.

— Eu deveria falar olhando para o chão? — Ela perguntou.

— Qual é o seu nome? — Zeke perguntou. Max segurou-lhe o cabelo enquanto a pressionava no chão. Seu homem estava fazendo um bom show, do qual Zeke estava orgulhoso. Todo o seu bando estava fazendo o melhor que podia na situação atual, estavam apoiando uns aos outros.



Olhando para a garota loira atrás dele, Zeke se aproximou, a menina não podia ter mais de catorze anos e não tinha o mesmo perfume do resto da alcateia. Agarrando um pedaço de seu cabelo, Zeke inalou sua fragrância, a menina era inocente, mas ela ainda era um membro da alcateia e ele se encarregou de livrar o mundo deles.

— Eu sou Jessica. — A garota disse, parecendo aterrorizada.

— Eu não estou falando com você. — Virando ao redor, ele se afastou, caminhando em direção à mulher curvada no assoalho. Colocando a mão no cabelo, moveu-se para Max segurar a garota. — Qual o seu nome?

— Mary. — Ela tinha cabelo castanho escuro e ele notou que era sedoso ao toque. Mesmo com sua raiva apertando dentro dele, notou a sensação de seu cabelo e o cheiro intoxicante vindo dela também.

Olhando para a multidão, Zeke viu a raiva e a repulsa enquanto olhavam para a mulher no palco. Ninguém gostava dela e parecia que ela era a única a fim de poupar a garota mais jovem, Jessica.

Levantando a cabeça para trás, ele olhou fixamente em seus profundos olhos marrons escuros, que estavam quase tão escuros quanto seus cabelos. Ela estava com medo, mas tentou escondê-lo.

— Você não é um lobo de sangue puro. — Ele disse, inalando sua pele.

— Eu fui mordida ao sair do trabalho. — Disse. Suas



mãos estavam no chão, segurando-se. Ela mordeu o lábio, claramente não feliz em falar com ele.

Ele voltou seu olhar para a alcateia. Eles odiavam o fato de que a permitiram entrar.

— Nenhum deles se importa com você. — Ele disse, levantando-a. Zeke deu uma boa olhada nela, mesmo se ela cheirasse toda a lobo, Zeke teria sabido que não era. Seu corpo a denunciava. Mulheres de sangue puro eram incapazes de ter peitos exuberantes como os dela e Mary tinha quadris cheios, estômago arredondado, coxas bem torneadas e a maior bunda que ele já tinha visto. Ele se perguntou como ela seria nua. Zeke não tinha putas em sua própria alcateia, elas eram a porra de um problema com toda a sua merda territorial. Ele gostava de foder quem ele gostava, uma vez que as cadelas se envolviam elas começavam a tentar ganhar sua atenção.

As únicas mulheres que ele aceitou eram as de sua velha alcateia, suas irmãs e sua mãe também foram aceitas, embora fossem parte de outra alcateia. Além disso, seus homens que eram acasalados tinham suas mulheres aceitas, mas ele não aceitava fêmeas solteiras.

— Eu não me importo. Não machuque Jessica! Ela não fez nada de errado e é muito jovem.

Envolvendo seus dedos ao redor de seu pescoço, Zeke se pressionou perto de seu corpo. Seu pau encaixado em sua bunda, seu corpo era uma beleza e Zeke de repente sentiu o desejo de brincar com ela.



Olhando para Max, viu que Jessica estava perfeitamente contida, esperando por sua decisão.

— Se eu a poupar, o que você vai me dar? — Zeke perguntou, gostando cada vez mais do seu plano.

— O que você quer? — Mary lutou contra ele, Zeke achou sua luta viciante. Ele adoraria tê-la debaixo dele, lutando para se libertar. Só que, ela estaria gritando com o prazer que ele lhe daria.

Passando a mão pelo corpo de Mary, fez uma pausa enquanto acariciava seu peito e depois sobre seus generosos quadris. Ele a queria nua, em sua cama ou de pé contra a porra da parede, ele não se importava desde que ela estivesse com ele.

— O que eu quero? — Ele perguntou, olhando para a sala. Nenhum deles sentiria falta de Mary e ele não era um homem cruel. Jessica não sabia a merda que sua alcateia causou e poupá-la não iria afetá-lo. Max estava segurando Jessica com força, mas não a machucava. Não havia nada de perverso na forma como ele a segurava, eles não eram lobos cruéis, eles estavam à procura de justiça.

— Olhe para eles, Mary. — Ele fez de sua voz uma carícia enquanto dizia seu nome. Ela ficou tensa. — Eles preferem ver você despedaçada.

Mary ofegou e ele passou o braço em volta da cintura, segurando-a.

— Jessica é inocente. — Disse ela.



Ele era mais alto que ela e podia ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. O grupo poderia ter permitido que ela corresse com eles, mas nenhum deles queria ter nada a ver com ela. Eles preferem vê-la queimar do que tentar ajudá-la. Seu desgosto voltou com força. A alcateia de Zeke a aceitaria, eles ficariam juntos e ele se certificaria de que ela não fosse ferida. Sendo uma mulher mordida ela não teria o mesmo temperamento de uma cadela sangue-puro. Eles cuidavam dos seus, mesmo quando suas irmãs ficavam com ele, seus homens a respeitavam, cuidavam delas e se certificavam de que eram cuidadas. Zeke confiava em seus homens com tudo e por causa disso, ele se assegurava de tratá-los com respeito.

— A questão é, Mary, o que você não faria? — Zeke perguntou.

Ela se enrijeceu em seus braços e ele sentiu outro cheiro vindo dela: Desejo. A mulher em seus braços estava atraída por ele, mesmo assustada. Sorrindo, Zeke virou-a para encará-lo.

— O que você quer? — Perguntou Mary. Lágrimas caíam pelo seu rosto.

— É muito simples, querida. Vou poupar a garota se você concordar em ser meu brinquedo pelo o próximo mês. — Disse Zeke. Ele acariciou sua bunda, adorando o jeito que ela estremeceu sob seu toque.

— Eu não posso. Tenho compromissos.

Ele acenou com a cabeça para Max, que empurrou



Jessica severamente fazendo-a gritar.

— Então sugiro que você mude seus planos para o próximo mês. Eu quero você comigo por um mês, até a próxima lua cheia. Se eu tiver menos do que isso, ela morre.

Jessica choramingou, gritando, enquanto Max aumentava seu aperto sobre ela novamente.

— Não! Pare! Vou fazer alguma coisa.... Eu concordo! — Disse Mary, gritando sobre o barulho que a mulher estava fazendo.

— Você concordará em ser meu brinquedo, me deixar jogar com você sempre que eu quiser, como eu quiser? — Ele perguntou.

— Sim. — Sua voz estava ofegante. Será que ela gostava da ideia de ser seu brinquedo pessoal? Zeke ansiava por levá-la para casa, todas as possibilidades o faziam ansiar por levá-la rapidamente sem terminar o que ele veio fazer. Seus homens poderiam terminar o que ele começou e ele ficaria feliz em colocar essa mulher em sua cama.

Porra, seu pau se contraiu com o pensamento de afundar em sua boceta apertada e quente.

— Max, você tem a menina? — Zeke perguntou.

— Sim.

— Boa. Amarre-a junto com esta. Vamos levá-las para casa quando acabarmos.

Zeke entregou Mary ao homem, e se voltou para a multidão. A raiva o consumia e ele sabia o que queria fazer



para se livrar da vida dos filhos da puta.

— Espere, o que você está fazendo? — Mary perguntou.

— Você pediu para poupar Jessica, considere-a poupada. Você nunca falou nada sobre os outros. Eles vão morrer. — Com eles acorrentados juntos não ia ser muito divertido.

Ele observou Max enrolar a corrente de prata ao redor da mulher. O vapor subiu das mãos de Max quando ele tocou a prata. Seu homem precisaria de algum cuidado quando voltassem para a casa, e a esposa de Max cuidaria dele.

— Não, por favor, poupe-os também.

— Nenhum mais, bebê. Nem mesmo o prazer de ter sua bunda por mais de um mês me faria poupar alguém mais. — A corrente de prata foi enrolada em torno de Jessica e depois amarrada a um dos postes. Não havia como as duas mulheres escaparem. Ele não sabia o que ele faria com Jessica, mas não iria machucá-la. Mary tinha cuidado disso e ele não era um bastardo que voltava em sua palavra. Sua palavra significava algo para ele. Talvez ele fosse um pouco antiquado, mas ele não se importava. Ninguém jamais diria que ele voltou atrás em sua palavra.

Afastando-se, ele deu o aceno a seus homens para liberar as correntes. Uma vez que a prata se foi a maior parte do grupo se transformou em lobo e correu. Alguns deles não perderam tempo se transformando e só começaram a correr. Antes de levá-la para cama, precisava esvair sua energia, caso contrário, a machucaria com a necessidade de



machucar o que o consumia atualmente.

Ele contou até três, levando tempo entre cada número. Seus homens já estavam se transformando, esperando o momento certo para atacar. Sorrindo, ele falou a palavra final e se permitiu mudar de forma. Uivando para lua, ele perseguiu a primeira pessoa que não fazia parte de sua alcateia. A noite ia ficar vermelha com o sangue de seus inimigos.



Capítulo

Dois

— Por que você fez isso? — Jessica perguntou. Esta era a primeira vez que Mary estava perto da jovem, sempre tentava manter a distância de todos, porque ela sabia do desgosto que eles tinham por ela. Não era como se seu sangue mestiço pudesse mudar os outros membros da alcateia. Ela ouviu os sons dos homens e mulheres que corriam para salvar suas vidas, a dor vinda deles em forma animal e humana a assustava até os ossos, ela nunca ouviu nada tão horrível quanto o som da morte.

— Por que eu fiz o que? — Mary perguntou, olhando para a loira. Jessica era esbelta, bonita e seria um lobo maravilhoso um dia.

— Pediu-lhes para me poupar? Você se entregou a esse monstro para salvar minha vida. Eu não entendo. — Os olhos de Jessica estavam vermelhos e inchados de chorar. Ela estremeceu cada vez que o ruído de um do seu bando ecoava pela noite.



— Eu fiz o que eu tinha que fazer. Você não merece morrer quando nem sequer viveu. Seja qual for o problema que esta alcateia tem com a nossa, eles não vão pensar sobre quem eles matam. — Mary gritou quando a prata queimou debaixo de sua camisa, as faixas em torno de sua cintura. Por que ela não poderia ter desenvolvido um gosto pela prata ao invés de ser alérgica a ela?

— Tente ficar quieta e não vai coçar. — Disse Jessica.

Assentindo com a cabeça, Mary permaneceu imóvel e descobriu que a prata era desconfortável, mas não doía mais.

— Obrigada, e essa é a razão pela qual eu tive que poupar você.

— Por quê? Ninguém mais teria se importado. Eles agem como pessoas agradáveis, mas não me ajudariam.

— Você foi legal comigo, Jessica. Eu não podia deixar ninguém te machucar. Culpe-me por não ser uma raça completa ou puro-sangue ou o que quer que seja que vocês todos me chamam. Elas ficaram em silêncio. Os sons de sua alcateia sendo derrubada ficava cada vez mais baixos, não haveria mais nada dentro de alguns minutos. — Sinto muito pelo resto do seu bando. — Disse Mary.

— Não se preocupe, não são meu grupo. Eles provavelmente mereciam o que está acontecendo. — A raiva na voz de Jessica assustou Mary.

Dentro de uma hora Max e Zeke estavam de volta. Zeke abotoava o jeans de uma maneira puramente masculina e sua vagina se contraiu quando um tiro de luxúria a



acertou. O intenso sentimento assustou Mary, deixando-a tensa.

Jessica ficou imóvel, olhando por trás do ombro de Mary.

— Você está bem em trazer Jessica para a casa? — Zeke perguntou.

Max assentiu trabalhando a corrente de prata ao redor delas.

— Eu vou levar Mary. Tenho certeza de que temos muito o que discutir.

Seu corpo estava coçando por toda parte, por causa das correntes e também pela forma como Zeke a estava fazendo sentir.

Você é o brinquedo dele. Você não está aqui porque quer.

Ela tentou cortar todos os seus pensamentos lascivos sobre o homem na frente dela. Sua necessidade em relação a ele teria alguma coisa a ver com a sua virgindade? Mary esperava que não. Ela não estava pronta para se apaixonar por um homem que não conhecia.

Você vai transar com ele até o final da noite. Logo, logo não será mais virgem.

Quando ela fez o acordo de estar com ele, não pensou sobre esse pequeno inconveniente. Merda, ela esperava que não doesse. Não havia nenhuma maneira de que ela pudesse esconder dele o fato de ele ser o seu primeiro.

Provavelmente o último, também, já que nunca confiava



na companhia de um homem.

A prata subiu por sua pele criando uma trilha ardente de dor. Caindo de joelhos, ela gritou quando a dor ficou muito intensa.

Rapidamente a prata deixou sua pele e Mary ofegou.

— A prata não deveria doer assim. — Disse Zeke, ajudando-a a se levantar.

— Eu não acho que ser alérgica à prata quando humana ajudou. — Ela sempre teve uma reação grave a joias de prata e sempre teve que usar ouro ou não usar nada.

— Como um lobo a dor foi ampliada. — Disse Zeke.

— Eu acho que sim. — A prata machucava. Ela viu Jessica sendo levada e começou a lutar dentro dos braços de Zeke. — Você não vai machucá-la, vai?

— Nós temos um acordo. Eu cumpro a minha palavra.

— Você acabou de matar todo o meu grupo, me desculpe se eu não acredito em você.

Zeke jogou a cabeça para trás e riu. A mão em seu braço apertou. Não doeu, mas ela sabia que não havia chance de escapar. Ele a impediria de ir a qualquer lugar.

— É bom saber que seu espírito não foi quebrado. — Ele se aproximou, inalando seu cheiro. — Deus, eu não posso esperar para ver se sua boceta é tão apertada como eu imagino. — Cruzando as pernas, ela olhou para ele. — Cruzar suas pernas não vai manter meu pau longe de você. Você vai me ter em todo lugar. — Sua mão se moveu para sua bunda,



apertando-a. — Sua bunda, boca, boceta e peitos são todos meus.

Não fique excitada.

Ela era virgem, mas não era imune ao tesão. Desde que foi mordida, seus impulsos sexuais cresceram. Não havia nada que pudesse fazer para deter seus desejos. Ela foi forçada a comprar filmes pornográficos na tentativa de encontrar algum tipo de liberação com sua própria mão. Só no último ano se masturbara mais do que em toda a sua vida. Aos vinte e cinco anos de idade, era bastante lamentável.

— Ah, eu vejo como você reage a isso. — Zeke se inclinou apertando seu nariz contra a curva de seu pescoço. Se ele mordesse o seu pescoço, ele a mataria. Seu pulso batia e ela tentou se acalmar. Se ele tirasse um pedaço de seu pescoço, ele acertaria uma artéria importante, e sendo mestiça, ela não sobreviveria a esse ataque. Ela esperava que ele agisse com seu lado mais humano. — Você quer meu pau, não é? — Lambendo os lábios, ela olhou por trás de seu ombro desejando que houvesse algo mais que pudesse fazer. — Você não vai responder. Eu posso viver com isso. Vou ter você implorando, em breve. — Juntos, eles saíram para a noite. O ar quente passou por cima dela e ela ofegou. O cheiro do ar noturno chamou seu lobo, implorando para ser solto. Era a primeira vez que ela evitava a mudança. No momento em que a lua cheia estava alta no céu noturno, ela gostava de mudar. Os próximos três dias eram importantes para ela, pois mantinha a doença à distância. Quando ela



não se transformou durante uma lua, pois não podia mais suportar o tratamento da alcateia, ficou doente durante todo o mês. O trabalho foi horrendo, já que não conseguia suportar os ruídos e aromas. A única maneira que ela poderia manter o foco era se transformar a cada lua cheia.

— Sua alcateia era um bando de bundões! — Zeke disse, levando-a para longe da terra aberta em direção às árvores. Ouviu o som da água que fluía do rio e da cachoeira que ela sabia que estava ali. A primeira vez que a encontrara, Mary não deixou a cachoeira durante todo o fim de semana da lua cheia.

— Do que você está falando? — Ela perguntou, tentando manter o ritmo. Ele tinha bem mais de um e oitenta e ela estava lutando para acompanhar seus longos passos em seus um metro e cinquenta e dois.

— Existem maneiras e meios para manter o lobo afastado. Há mestiços por aí que não podem se transformar em toda lua cheia. Eles têm maneiras e meios para lidar com isso. Correr, trabalhar, até mesmo tomar um banho de água fria pode ajudar com os desejos.

Mary não ouviu falar de outras maneiras. Ninguém da alcateia queria falar com ela e, embora Roger e Dani tenham sido simpáticos, uma vez que ela conseguiu controlar a transformação e sabia o que estava fazendo, nenhum dos dois ofereceu mais nenhum conselho. De fato, além de Jessica, ninguém falou com ela, era como se ela não existisse para ninguém. Eles a mantiveram no hall de entrada, nunca



lhe dando a oportunidade de se sentir mais do que um animal de estimação dentro da alcateia.

Balançando a cabeça, ela continuou acompanhando os passos de Zeke.

— Eu não sei do que você está falando. — Disse ela.

— Não, você não sabe.

Ela reconheceu onde ele estava indo enquanto caminhavam pela encosta da floresta. Ele estava levando-a para o topo da cachoeira. Mary concentrou-se na escalada, ficando sem fôlego em pouco tempo. Zeke segurou seu braço levando-a consigo.

— Eu não confio no seu lobo e é hora de você saber como se controlar. Alguns mestiços não podem, sequer, esperar até a lua cheia para se transformar.

Quando chegaram ao topo, ela olhou para a água abaixo.

— Por que estamos aqui? — Ela perguntou.

— É hora de você saber como lidar com você mesma.

Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, ele a empurrou para a beira. Gritando, Mary entrou em pânico segundos antes de mergulhar na água abaixo.



Saltando sobre a beira, Zeke a seguiu para baixo. Ele conheceu um mestiço na cidade e eles se tornaram amigos. Durante o tempo que passaram juntos, Zeke perguntou ao



homem como ele parou de se transformar. O homem foi mordido por uma loba. Ela o ajudara na mudança, mas foi expulsa por sua alcateia por virar sua companheira.

Zeke não tinha problemas com mestiços e era amigo do jovem casal. Eles só não faziam parte de sua alcateia porque nenhum deles queria ser parte de uma.

A água o cercou e ele se empurrou para a superfície, ofegando por ar. A corrida foi incrível e ele sabia que viria muito mais por saltar sobre a beira. Mary gritou, afastando os cabelos de seus olhos. Rindo, Zeke mergulhou. A água não estava fria, assim como ele pensou, por ser um dos mais quentes agostos de sempre. Ele adorava o calor, pois significava que muitas roupas não eram necessárias. A única coisa que ele odiava sobre a vida na cidade era o fato de ele ter que usar roupas para trabalhar. Zeke adorava estar nu e mesmo que pudesse se dar ao luxo de não ir trabalhar, ficaria louco se não estivesse ocupado. Trabalhar em um escritório cheio, manteve-o conduzido e também o desafiou com ruídos e aromas. Ele transou com muitas mulheres em seu escritório e ele as escolheu por como elas respondiam a ele.

O cheiro de uma boceta acolhedora o deixava louco.

— Que porra você estava pensando? — Mary perguntou, gritando.

Ele nadou até ela, envolvendo seus braços ao redor dela, rindo.

— Que corrida!

— Eu poderia ter morrido. — Ela bateu nele com



força. — Eu não sou a porra de uma boneca de pano que você pode testar para ver até onde pode ir antes de quebrar. Eu sou humana!

Segurando seu rosto, Zeke a forçou a olhar para ele.

— Seu lobo está implorando para sair? Você está lutando para manter a pequena cadela contida? — Ela fez uma pausa na luta contra ele. — Veja, ela não está, está? Você pode pensar sem ter que lidar com ela arranhando para sair de você. — Ele olhou em seus olhos sabendo que disse a verdade.

— Assim? Apenas permitindo a mudança fez isso. — Ela estava nadando com ele sem tentar fugir.

— Você deu a seu corpo a mesma adrenalina que o lobo precisa. Você a colocou na cama. Não estou dizendo que vai durar e eu não te aconselharia a saltar de um edifício, mas existem maneiras e meios para você sobreviver sem se transformar.

Mary passou a mão por seu rosto, empurrando as mechas soltas do cabelo da frente.

Olhando para seus olhos castanhos escuros, Zeke queria ver aqueles olhos implorando para que ele a fodesse. Segurando seu braço, ele andou para a beira e saiu, puxando-a para fora da água. A camiseta que ela usava estava grudada em suas curvas, exibindo os seus mamilos duros. Qual seria o sabor dela?

Não, ele não ia degustar agora. Ele cheirou sua inocência e comê-la do lado de fora não seria a melhor ideia.



— É hora de irmos. — Ele segurou seu braço enquanto voltava para onde seu carro estava estacionado. Zeke planejou o ataque há muito tempo e esta noite ele lembrou de esconder qualquer cheiro de sua aproximação com a fumaça do carro. Lobos não teriam suspeitado de carros. As fumaças deram a ele e à sua alcateia tempo para se aproximarem antes de os atingirem.

Enfiando-a no banco do passageiro, ele a prendeu antes de ir para o outro lado.

— Você chegou aqui de carro? — Ela perguntou.

Ele não respondeu. Zeke sentiu a antecipação do que estava por vir.

Ela ficou em silêncio, sentada olhando pela janela. O cheiro de sua inocência o distraía. Ter o perfume de um lobo nem sempre era preciso. No momento, ele não podia cheirar se Mary esteve com outro homem. Normalmente as mulheres carregavam o cheiro de seu parceiro por um longo tempo e Mary não tinha outro cheiro misturado ao dela e foi o que o atraiu também. Ela poderia ser inocente por causa do quão diferente ela cheirava em comparação ao resto de sua alcateia, ou ela poderia até mesmo ser uma virgem. Merda, ele esperava que ela não fosse virgem. O que ele queria fazer com ela, sendo uma virgem não daria.

— Há um homem esperando por você em casa? — Perguntou. Não seria a primeira vez que uma mulher o fodeu quando havia um homem esperando por ela.

— Se eu tivesse um homem eu não teria concordado em



ser seu brinquedo. — Ela cruzou os braços, mostrando-lhe que estava chateada.

— Você ficaria surpresa com quantas mulheres teriam me fodido e, em seguida, voltado para um macho humano. — Disse ele.

— Eu não sou uma delas. Eu nunca iria trair um homem na minha vida, nunca. — Ela ficou em silêncio por alguns segundos. — Como eu poderia até mesmo ter um homem com a minha... condição?

— Muitas mulheres ainda estão lá fora desfrutando homens que têm a.... condição. — Ele sorriu pensando em sua própria condição. Não havia nada de errado em ser um lobo. Zeke descobriu que ser um shifter o ajudava em sua vida. O sentido do olfato ajudava e também o fato de que ele poderia se virar em uma luta justa. Foi um lobo toda a sua vida, era como se tivesse nascido para isso.

Sua família veio de uma longa linhagem de lobos e Zeke esperava passá-la adiante como suas irmãs faziam quando tivessem filhos. Pensar em suas irmãs o fez sombrio e lembrou-lhe do porquê dizimar a outra alcateia.

— De qualquer maneira, eu não teria concordado em ser o seu brinquedo se houvesse um homem esperando por mim. — Ela falou a verdade e ele a admirava por isso.

Zeke ainda não estava perto de descobrir se ela era virgem ou não.

— Quantos parceiros você teve? — Perguntou.



Ela se virou e olhou para ele.

— Não é da sua conta. — Ele mudou seu trajeto, fazendo uma curva na estrada. Zeke perguntou o que Max teria feito com Jessica, ele não estava preocupado se o outro homem feriu a garota, eles não eram monstros e a menina estava protegida. — Será que vou ser autorizada a utilizar um telefone quando chegarmos onde quer que você está me levando? — Perguntou ela.

— Sim. Se você pensar em chamar a polícia, então eu vou te matar.

Mary começou a rir.

— O que eu diria? 'Ei, policial, eu fui sequestrada e mantida contra a minha vontade, porque eu queria proteger uma mulher de ser morta. Além disso, eu sou parte lobo e isso é tudo parte do negócio'.

Zeke sorriu, embora não quisesse.

— Eu posso ser uma mestiça, mas eu conheço as leis. Eu não posso levar os humanos a nós. — Ela se virou para olhar para fora da janela. — Eu estou sozinha nessa.

— Você sabe quem te mordeu? — Ele perguntou, mudando de assunto. Ele sabia que ela não iria telefonar para a polícia, não havia nenhum uso para a lei e nenhum ser humano poderia ganhar contra um lobo.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Eu estava saindo do trabalho e havia um cão preto escuro. Pelo menos, eu pensei que era um cachorro e



não pensei muito nisso até que desabei na calçada um pouco antes da mordida. Eu pensei que estava queimando de dentro para fora.

Zeke ouviu quando ela falou. Ele gostava do som de sua voz e sabia que ele podia ouvi-la durante todo o dia sem nenhum problema. Virando em direção ao portão, onde ele e seu bando viviam durante os dias da lua cheia, se virou para olhar para ela.

— Onde estamos? — Ela perguntou.

— Eu venho de uma longa linhagem de lobos. Ao longo do tempo nós compramos propriedades para ajudar a construir as nossas alcateias. Isso é meu. Você vai conhecer um pouco da minha alcateia agora. Esteja avisada, eles são todos homens. Eu não suporto cadelas em torno de mim durante a lua.

Descendo do carro ele a ouviu murmurar, "*porco sexista*". Sorrindo, Zeke descobriu que amava essa rispidez dela. Domá-la seria um desafio que o motivava.

Pressionando o botão do intercomunicador, ele perguntou quem estava lá.

— É Dave, senhor.

— Dave, deixe-me entrar. Max instalou a menina? — Perguntou.

— Sim. Ela foi alimentada e está bem.

Rindo, Zeke voltou para o carro. Os portões elétricos se abriram e ele atravessou. Sua casa era seu orgulho e



alegria. Ela pertenceu ao seu avô e agora pertencia a ele. Alphas que nasciam em uma alcateia tinham a opção de ficar e aprender a submeter-se a corrente de Alpha. Eles poderiam lutar pela posição, mas, em seguida, ocorria um problema se a alcateia não concordasse. Então você teria que deixá-la como um amigo e iniciar a sua própria. Zeke escolheu a segunda opção. Ele nunca foi o tipo de homem de aceitar ordens, seu pai o preparou para deixar a alcateia em uma idade precoce. Zeke nunca poderia lutar contra o seu pai, que ainda era o Alpha. Desta forma, ajudou a manter ambos fortes. Quando fosse a hora, seu pai deixaria o cargo e a alcateia votaria por um novo alpha, mas até esse momento, seu pai mantinha-se como o líder.

Estacionando o carro, ele saiu, indo até o lado onde estava Mary, que já estava abrindo a porta e saindo. Sua noite estava melhorando.



Capítulo

Três

Olhando para a casa na frente dela, Mary se perguntou como ela iria lidar com o próximo mês. Seu trabalho era seguro e ela tinha férias chegando. Este homem que era seu dono pelo próximo mês, claramente tinha muito dinheiro para manter sua alcateia.

Ele exterminou seu grupo.

Jessica estava segura. Mary poderia lidar sabendo que ela salvou a jovem. O que ela ia fazer quando o mês chegasse ao fim? Sem nenhuma alcateia onde era bem-vinda, aliás, sem nenhuma alcateia de jeito algum. Várias iriam machucá-la, no mínimo, ou até mesmo matá-la. *Merda.* Ela nem sabia se queria se juntar a outro grupo. A vida como mestiça era difícil e ela não podia falar com ninguém sobre os problemas que encontrou como, por exemplo, do calor que sofria.

Estendendo a mão, ela tocou o braço nu de Zeke. Sua carne era firme e dura ao toque. Puxando seu braço, ela se



sentiu como se seus dedos estivessem em chamas.

Ele olhou para o braço e, em seguida, para os dedos dela, sorrindo.

— Baby, eu vou estar enterrado até as bolas dentro de você. É melhor se acostumar com o meu toque ou você está em apuros.

Ela respirou fundo e olhou-o nos olhos, suas bochechas estavam quentes por suas palavras.

— Eu não tenho nenhum grupo e nenhum lugar para correr. — Disse. Zeke levantou uma sobrancelha, olhando-a. — Er.... Eu estava pensando se você poderia me ensinar algumas dessas habilidades para manter meu lobo controlado.

Ele cruzou os braços, observando-a.

Mary começou a contorcer-se sob o seu controle.

— Sim, eu vou ajudá-la com uma condição.

Revirando os olhos, ela olhou para trás desejando que pudesse escapar.

— Qual condição? — Perguntou ela.

Zeke se aproximou mais e ela deu um passo para trás. Ele passou um braço ao redor dela, puxando-a para perto.

— Diga-me aqui e agora, você é virgem?

— Isso não é uma condição. Você quer uma resposta a uma pergunta.



— De qualquer maneira, me responda.

Que diabos estava acontecendo? Por que ele queria saber se ela era virgem? Merda, ela estava muito envergonhada. Olhando para cima e para baixo, no comprimento de seu corpo, ela não tinha coragem de lhe dizer a verdade. Ele esteve com muitas mulheres. Certamente ninguém iria notar um pequeno detalhe, como um hímen.

— Não, eu não sou virgem. — Ela mentiu e no momento em que as palavras deixaram seus lábios, Mary desejou que ela pudesse levá-las de volta. Ele olhou nos olhos dela e ela não conseguia dizer uma palavra.

— Bom. — Ele a levou para a porta da frente, onde Max estava.

— Leve-a para a cozinha e certifique-se de que ela coma alguma coisa. — Zeke se afastou, deixando-a nas mãos de Max.

— Espere, o que aconteceu com Jessica? Ela está segura? — Mary perguntou, preocupada com a jovem.

— Ela foi alimentada, tomou banho e passeou.

Empurrando para fora de seu braço, ela olhou para ele.

— Ela não é um cão.

Max riu.

— Eu nunca disse que ela era. Jessica, a loira, está descansando. Foi uma longa noite para ela.

Eles passaram por vários homens, todos eles inalaram quando ela passou.



— Eu cheiro ruim ou algo assim? — Ela perguntou.

— Algo assim. — Max abriu a porta mais distante, onde uma mulher estava ao lado de um fogão. Mary franziu a testa.

— Eu pensei que ele disse que não havia mulheres na sua alcateia. — Mary estava confusa quando a mulher de cabelo escuro se virou para sorrir para ela.

— Zeke não permite mulheres no grupo. Eu sou a companheira mestiça de Max. — A mulher se aproximou dela com um sorriso. — Eu sou Jane.

Tomando a mão da mulher, ela sorriu.

— Eu sou Mary.

— É um prazer conhecê-la, Mary. Tenho certeza que você está com fome. Por favor, sente-se. — A mulher tinha curvas, o que denunciava o fato dela não ser puro-sangue. Sentada à mesa, Mary viu vários homens olhando para eles ao canto.

Uma bacia com três pedaços de pão foi colocada na frente dela.

— Eu tenho permissão para ficar porque eu sou mestiça e não quero nada com os outros homens. Não me interpretem mal, eles são como uma família, mas eu amo Max.

Max passou através da porta do outro lado do cômodo, que dava para o exterior. Ela viu Zeke através da janela de vidro no telefone. Mary não podia ouvir uma palavra do que diziam uns aos outros.



— Por que outras mulheres são um problema? — Perguntou ela.

— Você nunca esteve num grupo com cadelas tentando roubar seu homem? Vou te contar, no mundo dos humanos são os caras que são vadios, mas neste mundo, as mulheres são o pior. Elas não podem deixar um homem sozinho. É irritante. — Jane se sentou em frente dela e começou a comer — Visitamos um grupo ao norte nas montanhas rochosas. Fui com Max, e as mulheres da alcateia estavam tentando transar com ele bem na minha frente! — Jane parou de comer e apertou sua mão. — Eles acham que porque somos mestiças não valem a pena o tempo do sexo masculino. Essas mulheres com seus quadris delgados me irritam.

Mary sorriu.

— É que... Hm, os homens no grupo que eu estava não gostavam de mim. Eu era gorda demais. — Calor encheu suas bochechas pela simpatia nos olhos de Jane.

— Querida, há homens por aí que gostam de um pouco de carne nas suas mulheres. Max nem sequer me deixa fazer dieta. Ele proibiu dietas e todos os alimentos saudáveis em casa, ele considera suas paixões o melhor tipo de exercício.

Foi a vez de Jane crescer com o rosto vermelho.

Sorrindo, Mary se encontrou gostando do Max que Jane descrevia.

Olhando para a parede mais distante, ela viu que os homens ainda estavam observando-as.



— Por que eles estão olhando? — Perguntou ela.

— Os homens olham, Mary. Quando eu disse que alguns homens gostam de suas mulheres com carne, bem, alguns dos homens do grupo de Zeke são esse tipo de homens que amam mulheres com curvas. — Jane começou a comer.

Sentindo seus olhares, Mary lutou para comer. Com apenas metade da comida ela se levantou, terminando.

Jane parou.

— Zeke me deu ordens e eu não estou no escuro, Mary. Sente-se e coma, você precisa manter sua força.

Sentando-se, Mary pegou a colher como uma criança repreendida.

— Ela está te dando problemas? — Perguntou Zeke, entrando na cozinha com Max atrás dele. Mantendo a cabeça inclinada sobre seu alimento, Mary tentou ignorar o calor que a sua voz criou em seu corpo. Nenhum homem deveria ter esse tipo de poder.

— De modo nenhum. Eu gosto dela, Zeke. É melhor mantê-la.

Mary não podia acreditar que eles estavam falando dela como se ela não estivesse ali. Max parecia ter pena dela quando pegou Jane em seus braços.

— Pare de reclamar, mulher. Você é minha para cuidar.

— Baby, eu quero que outros encontrem o tipo de felicidade que temos.



Max deu um tapa na bunda de Jane.

— Vamos lá, você pode me mostrar um pouco de amor.

Os dois desapareceram fora da porta. Ela notou que os homens que a olhavam antes desapareceram também.

Zeke serviu-se um pouco de sopa e Mary comeu a sua própria, surpresa quando Zeke tomou mais duas porções e comeu um pedaço de pão.

Quando ele terminou, se levantou, limpou os pratos e depois virou-se para ela. Ela nunca conheceu um homem capaz de comer mais do que ela.

Ele não pode ser comparado a nenhum outro.

— Vamos. — Ele pegou sua mão e levou-a para cima. Zeke parou no terceiro andar, abrindo uma porta.

Um aspecto da sua mudança é que agora ela era capaz de ver bem no escuro. Jessica estava deitada de lado, dormindo.

— Ela vai ser cuidada.

Balançando a cabeça, ela seguiu-o para cima. Não havia muitas pessoas ao redor.

— Onde está todo mundo?

— Depois de uma corrida alguns ficam para trás até amanhã de manhã, outros vão embora depois. Esta não é uma prisão, Mary. Esta é uma casa para o meu grupo correr e ser livre.

Sem dizer nada, ela entrou em seu quarto, que foi



dominado por uma cama quadrada na parede oposta. Ela viu os quatro dosséis e o que fez ofegar foram os laços de seda em volta de cada poste. Mary viu vídeos de bondage o suficiente para saber o que eram.

Virando-se, ela saltou quando a porta fechou e foi trancada.

— Tire suas roupas. — Zeke disse. Ele estava encostado na porta, e ela observou-o colocar a chave no bolso. — Você é meu brinquedo, Mary. Eu acho que eu tenho sido muito bom e agora quero o pagamento.

Ele deu um passo para dentro do quarto.

Ela caminhou para trás enquanto ele avançava em sua direção, não havia nenhum lugar para correr. Diante dele, Mary sabia que isso era o que ela escolheu.

Pense sobre a necessidade. O fogo que queima e a dor que você sente. Se entregue.

Durante um mês ela poderia ser seu brinquedo e então ela seria capaz de ir embora.

Segurando a camiseta úmida, ela a tirou sobre a cabeça. Envergonhando-se de sua barriga saliente, ela se cobriu com as mãos. *Merda*, como ela poderia fazer isso? Ele era um deus grego enquanto ela era uma mestiça estúpida.



Avançando, Zeke agarrou as mãos dela e evitou que ela se cobrisse. Ele não iria dar-lhe a chance de se esconder dele.



Durante toda a noite ele se segurou, mas não podia esperar mais. Ela era dele, e ele pretendia tirar o máximo proveito de seu corpo. As mulheres eram demasiadamente frágeis nas alcateias que ele visitou, ele as fodia, mesmo encontrando pouca ou nenhuma satisfação com elas.

Mary era toda mulher. Suas curvas o estavam deixando louco e sabendo que o cheiro de sua inocência não tinha nada a ver com ela ser virgem, Zeke não podia esperar para se enterrar dentro dela.

— Você não vai cobrir-se. Quero ver cada parte de você.
— Ele levantou o rosto dela, com um dedo sob o seu queixo, para que ela pudesse vê-lo. — Você entende?

— Sim. — Lágrimas brilhavam em seus olhos. Ela manteve-as para si, saindo de seus braços.

Ela desabotoou o botão superior da calça jeans, baixando o zíper.

Zeke observou-a sair de sua calça jeans. Puta merda, olhe para aquelas coxas. Ele não podia esperar para tê-las ao redor de seus quadris. Elas eram firmes e carnudas, ficariam facilmente marcadas, sua pele era muito pálida.

Quando ela ficou apenas de lingerie, Zeke a puxou para o centro do quarto. Ele circulou em volta do seu corpo. A roupa de algodão branco liso não fez nada pela sua figura. Zeke estava perto inalando sua doce fragrância fresca. Seu cheiro apenas o deixava pronto para gozar.

— Eu gosto do seu cheiro. — Disse, cheirando-a.



Seu corpo tremia. Por trás dela, ele colocou a palma de sua mão contra seu estômago. Sua excitação crescia, embora ela claramente não quisesse. Os sons no quarto eram de sua respiração profunda. Empurrando seu cabelo para fora do caminho, ele colocou beijos ao longo da parte de trás do seu pescoço. Puxando-a para ele, pode sentir a pele dela na sua, fazendo com que pequenos choques percorressem seu corpo ao tocá-la.

O que havia nela que o atraía tanto? Ele nunca respondeu a uma mulher do jeito que fazia com Mary. A mestiça estava infectando sua mente.

Trepe com ela, tome ela e a reclame.

O mantra estava correndo através de sua mente, bem como a necessidade dentro do seu lobo. O lobo preto escuro estava choramingando, implorando, para morder e transar com ela.

Calma, rapaz.

Acariciando um dedo pelo braço dela, ele beijou seu pescoço sentindo-a derreter contra ele. Sua submissão seria doce. Seu corpo se entregaria sob o seu comando.

— Eu não vou te machucar. — Disse — Quando você sair daqui você vai saber como é ser fodida, ser propriedade de um Alpha.

Ela engasgou e ele a virou para si.

Mantendo as mãos em suas costas, rasgou o sutiã de seu corpo, seguido de sua calcinha. Levantando a calcinha



rasgada no ar, ele mostrou a ela, estava coberta pelo cheiro de sua excitação.

— Você me quer, Mary.

— Isso não significa nada. — Ele fez sua jogada, se aproximando. Ela se afastou dele, caindo sobre a cama, exatamente onde ele a queria.

— Se mova para trás e abra as coxas. Eu quero ver a boceta que poderei brincar sempre que quiser.

Mary olhou para ele durante alguns segundos, mas cedeu. Ela se inclinou para trás abrindo suas coxas, dando-lhe uma visão perfeita de sua boceta gorda.

Indo para sua calça jeans, ele abriu o botão, olhando para a joia de seu clitóris, que pulsava para ele. Ele iria comer sua boceta.

Empurrando seu jeans para baixo, ele agarrou seu pau, saindo de dentro de sua calça. O olhar dela foi diretamente para lá e ele viu seus olhos se arregalam com seu comprimento.

Zeke estava acostumado com essa reação. Muitas mulheres se surpreendiam pelo seu grande comprimento. Ele foi abençoado em muitas áreas, especialmente com um pau grande.

— Não se preocupe, querida. Eu vou caber dentro de você.

Seus olhos se arregalaram enviando punhais em direção a ele.



Acariciando seu comprimento, ele espalhou seu pré-sêmen em torno da cabeça. O prepúcio foi puxado para trás com a força de sua excitação.

Ela lambeu os lábios e ele inalou a fragrância de seu calor no ar. Mary vinha sofrendo há muito tempo. As necessidades de uma cadela no cio estariam agarrando-a, ela estava pronta para encontrar um companheiro, e, tomando uma respiração profunda, Zeke soube que ela era fértil.

Algo puro e animalesco rolou sobre ele, enchendo-o de dentro para fora com a necessidade de reclamá-la.

Ajoelhado sobre a cama, ele riu quando ela deslizou para trás. Agarrando seu tornozelo, ele a puxou para perto.

— Você não vai escapar. — Disse, sorrindo. Se posicionou bem acima de sua vagina e Mary começou a lutar. Segurando suas coxas para baixo, Zeke voltou sua atenção para a sua boceta gananciosa. Ela estava desesperada por uma boa foda.

Ele fechou a distância e chupou sua pérola. Mary gritou, seu corpo enrijeceu enquanto ele chupava seu clitóris em sua boca. Seu creme vazou de sua vagina. Circulando sua boceta, ele sentiu sua essência inundar seus dedos.

Liberando seu clitóris, ele deslizou sua língua para baixo para lambe sua entrada antes de voltar e morder seu clitóris. Suas mãos estavam agarrando a cama.

— Oh Deus! — Ela disse, gritando.

Seu corpo estava em chamas, provando sua



necessidade. Zeke se perguntou como ela havia sobrevivido tanto tempo sem um macho, ele não podia cheirar outro homem sobre ou dentro de seu corpo.

Levantando, ele olhou nos olhos dela. As profundidades marrons, uma vez escuras eram de um âmbar profundo quando olhou para ele. Seu lobo estava implorando por alguma ação, tanto quanto a mulher.

Companheira.

A palavra sussurrou através de sua mente. Zeke sentiu uma consciência respondendo dentro dele. Seus lobos gostavam um do outro. Mary fechou os olhos, e quando ela os abriu, segundos mais tarde, eles eram marrons escuros, mais uma vez.

— Quanto tempo se passou desde que você teve um homem? — Perguntou. — Ela abanou a cabeça. — Não importa. Eu vou transar com você de qualquer maneira. — Nenhum homem iria afastá-lo dela.

— Nenhum homem. — Ela disse, ofegante. Tocando sua pele ele pôde sentir o calor que irradiava dela.

— Eu cuidarei de você.

Sacudindo o clitóris, ele a sentiu desmoronar em poucos segundos. Ela gritou, empurrando-se para fora da cama quando seu orgasmo a atingiu. Sorrindo, ele acariciou seu pau com os dedos quando deslizou entre suas coxas. Segurando seu eixo, ele pressionou o comprimento entre suas dobras, cobrindo-o com o gozo dela.



Sua mão foi para o braço dele que circulava sua cintura. Ele abaixou-se, tomando seus lábios, fazendo a gemer, se abrindo para o seu beijo. Zeke provocou seus lábios com a língua, querendo que ela se abrisse. Mary deixou que ele entrasse e ele saqueou sua boca, roçando sua língua na dela.

Deixando seu pau, ele agarrou a mão dela, pressionando-as na cama, acima de sua cabeça. Travando os dedos juntos, Zeke aprofundou o beijo. Porra, ele saiu de sua mente enquanto a beijava.

Ela gemeu, pressionando-se contra ele. Seu pau colidiu em seu clitóris e ela gritou. Lentamente, ele ergueu os quadris, batendo em seu clitóris com cada impulso de seu quadril.

As pernas de Mary se abriram, dando a ele o espaço que precisava.

Separando seus lábios, ele desceu seus beijos por seu pescoço, mordendo onde a veia pulsava. Zeke não rasgou sua pele, mesmo que ele quisesse isso mais do que tudo. Em vez disso, ele chupou seu pescoço, marcando-a.

Um mês vai ser suficiente?

Deixando uma de suas mãos, ele agarrou seu pau, a necessidade de estar dentro dela maior do que qualquer outra coisa. Ele guiou seu pau para sua entrada.

Chupando seu pescoço, sentiu ela se contorcer debaixo dele. Ela parecia consumida pelo prazer.



Com a ponta dentro de seu sexo, ele agarrou seu quadril e bateu dentro dela em um impulso duro.

Mary se esticou debaixo dele e Zeke sentiu a pequena pele se romper, deixando-o saber o que aconteceu, raiva o encheu por suas mentiras.

Seu pau estava dentro dela pulsando com a sensação do aperto de sua boceta virgem, que não era mais virgem.

Olhando para ela, Zeke viu as lágrimas escorrerem dos seus olhos e pingarem na cama.

— Por que você mentiu para mim? — Perguntou, grunhindo as palavras para ela. Zeke não se retirou do seu calor apertado.

Suas unhas se afundaram na carne de seus braços, marcando a pele dele com seu perfume. Será que ela sabia o que estava fazendo?

Não, ele duvidava que ela tivesse uma única pista do que estava acontecendo e ele tomou sua virgindade asperamente. Não havia como voltar atrás agora. Mary, a loba mestiça que concordou em ser seu brinquedo, não ia a lugar nenhum.



Capítulo

Quatro

Mary pensou que todos mentiram sobre a dor. Sexo, era supostamente algo natural entre todos. Um homem e uma mulher se encaixam como ervilhas em uma vagem ou milho em uma casca. Ela não esperava pela dor. O pau dele era grande, mesmo quando ficou imóvel dentro dela.

Mordendo o lábio ela encarou a expressão irritada dele. Nada do que ele dissesse ou fizesse a faria se sentir melhor ou pior. Ela realmente pensou que seria capaz de fugir com isso. Aos vinte e cinco anos de idade, ela assumiu que não sentiria nada. Sendo honesta, ela pensou que não era possível sentir muita dor.

Tola estúpida.

Sua mão se moveu por seu corpo para segurar seu pescoço. A ameaça em seu rosto a assustou, seu coração batia contra seu peito quando olhou para ele, pedindo-lhe para não a machucar.



— Por que você mentiu para mim? — Ele perguntou. Fechando os olhos, ela respirou fundo várias vezes tentando ganhar o controle de seus nervos rebelados. — Responda-me e não acho que seja bom mentir. O cheiro de inocência está todo sobre você e eu posso cheirar seu sangue, porra! — Ele rosnou as palavras na cara dela.

Abrindo os olhos, ela olhou para ele.

— Dizer-lhe algo pessoal sobre mim? Você está completamente louco? — Ela apertou contra sua mão quase desafiando-o a apertar seu pescoço. Mary sabia que ela iria sobreviver a pressão, mas não se ele quebrasse seu pescoço, ninguém iria sobreviver a isso. — Você me tem como a porra de um brinquedo. Você realmente esperava que eu o deixasse saber que eu era virgem aos 25 anos de idade?

Quanto mais ela falava, mais ela odiava a verdade que derramava dos seus lábios.

— Você tem vinte e cinco anos de idade? — Ele perguntou, sorrindo.

Seu sorriso a fez ofegar quando a ameaça desapareceu e ela viu o belo homem que ele realmente era.

— Sim. — Olhando sobre seu ombro, Mary não conseguia parar sua curiosidade. — Quantos anos você tem?

— Trinta e nove anos.

Quatorze anos de diferença. Ele não parecia ter passado dos trinta, não havia cabelos grisalhos ou grandes rugas em seu rosto. Ele parecia bom para sua idade, mas a maioria dos



lobos pareciam.

— Se você quiser reclamar disso, então você pode me soltar e eu vou embora. Vou levar Jessica comigo.

Sua mão se moveu de seu pescoço para baixo, beliscando seus mamilos, fazendo-a gemer com a picada dura de seu toque.

Zeke claramente sabia o que fazer com o seu corpo para fazer o prazer se transformar em algo mais profundo. Ela nunca conheceu sentimentos como os que ele estava despertando.

— Você realmente acha que eu vou deixar você fugir de mim, baby? Eu estou abrigando Jessica e eu quero uma mulher para transar sem me negar. Você é meu brinquedo, Mary, e eu não estou dando-lhe o fora. — Ele se inclinou para baixo, acariciando seu pescoço. — Além disso, você não é mais virgem, não mais. Eu posso foder tudo que eu quero agora.

Mary ficou tensa quando ele mordiscou seu pescoço. Ela sentiu a ponta afiada de seus caninos perto de seu pescoço. Seu pulso batia e se ele a atacasse ela estaria morta em questão de minutos.

— Por favor, não me mate! — Disse ela.

Ele se afastou, seu pau ainda enterrado dentro dela.

— Que tipo de homem você pensa que eu sou, porra? — Perguntou. A autoridade em sua voz a deixou sem ilusões de quem estava no controle. O sangue Alpha vazou em seus



olhos. Seu lobo respondeu, ronronando contra a parede de sua pele. — Eu nunca iria matá-la. Independentemente de qualquer rumor eu não tenho prazer em estuprar mulheres e nem as foder mortas, Mary, eu amo as mulheres que são quentes, molhadas e estão implorando para caralho. — Ele rosnou para ela duramente.

Mary balançou a cabeça, envergonhada por quão quente se sentia por ele. Seu corpo respondia a ele, mesmo quando ela queria fugir.

— Eu sinto muito.

— Agora, eu vou te foder, Mary. Sua virgindade pertence a mim e não há nenhuma maneira que você vai me tirar isso. Você é minha! — Ele segurou seu queixo, forçando-a a olhar para ele. — Diga.

— Sou sua.

— A quem a sua boceta pertence? — Ele perguntou.

— Você.

— A quem a sua boca pertence? — Ele pressionou um dedo entre os lábios.

— Você.

Ele baixou a mão, até tocar na sua bunda.

— A quem está bunda pertence?

— Você.

Cada parte dela pertencia a ele e ela estava mais do que disposta a dar-lhe tudo o que ele exigiu. A dureza de sua voz



despertou algo entre suas coxas. Sua boceta parecia molhada e ela não conseguia parar as contrações.

— Eu posso sentir a sua resposta para mim, Mary. Sua boceta está apertando em torno de meu pau e eu posso dizer que você está com tesão. Sua boceta está jorrando em torno de mim. — Virando a cabeça, Mary nunca se sentiu mais constrangida do que com suas palavras. Ela experimentou a humilhação em dar-se a um homem que ela não conhecia, mas seu corpo respondia a ele. — Não, você olha para mim. Não se atreva a se afastar de mim. — Ele segurou seu rosto não lhe dando outra opção senão olhar para ele. Ela viu o calor em seus olhos quando olhou para ela. — Quando você estiver comigo, você vai aceitar tudo o que lhe peço. Você não irá discutir.

— Eu sei. Eu sou o seu brinquedo.

— Bom. — Sua mão se virou para uma carícia na bochecha. A súbita mudança dentro dele a assustou. O Alpha diante dela tinha um lado macio. Ela não duvidava de que ele iria matá-la se ela representasse uma ameaça à sua alcateia. — Agora, eu vou te foder e antes que a noite termine você vai estar me implorando por isso.

Ela não acreditava na forma como seu corpo estava naquele momento.

As mãos de Zeke voltaram para seus quadris enquanto seus lábios foram para seus seios. Ela o sentiu sugar seu mamilo com a boca, primeiro um depois o outro. Mary tentou pensar sobre a dor, mas com os lábios criando um caos



dentro de seu corpo, ela não conseguia sequer lembrar da dor.

O aperto nos quadris aumentou e então ela sentiu seu pau deslizar para fora de seu corpo. Ofegante, ela viu que ele estava olhando para ela.

— Olhe para mim. — Disse.

Se apoiando nos cotovelos, ela olhou para baixo a tempo de ver o pau dele, molhado com sua excitação, saindo dela, mas não todo. Lambendo os lábios, ela não podia acreditar que todo aquele comprimento estava dentro dela. Por muito tempo ela foi uma massa queimando de sensação sem ajuda para encontrar qualquer libertação.

— Caralho. — disse ele, saindo dela.

Mary choramingou quando ele a virou sobre sua barriga, com as costas encostadas em seu peito. Seu pau duro ficou pressionado contra a sua bunda. Ela sentiu a maciez de sua própria excitação cobrindo sua extensão.

— Eu vou fazer você gozar antes de eu te foder. Você precisa saber o que você está perdendo.

Sua mão mergulhou entre suas coxas. Dedos, ela não soube quantos, penetraram em seu canal enquanto o polegar pressionou em seu clitóris. Ela empurrou em seus braços. Mary tinha apenas sentido o prazer de seus próprios dedos, e agora ela estava sentindo o que Zeke podia fazer. Ela não sabia que o prazer poderia ficar melhor do que o que sentia sozinha, seu polegar correu sobre seu clitóris e ao redor. Seus dedos bombeavam dentro dela.



Fechando os olhos, ela sentiu os lábios em seu pescoço enquanto ele trabalhava mais duro dentro dela.

— Você vai gozar para mim, baby. Então você vai tomar meu pau neste pequeno buraco apertado. Eu vou te comer tão gostoso que você vai estar desesperada para ter o meu pau dentro de você.

Mary acreditava que ele a deixaria viciada nele.

— Nenhum outro lobo tocou você, não é? — Perguntou. Ela balançou a cabeça, queimando dentro com a necessidade de se liberar. — Você é minha pequena cadela no cio.

Suas palavras não a assustaram. Ela sentiu como se estivesse no cio, uma virgem com necessidade de foder. Não, ela não era mais virgem, Zeke já tomou sua virgindade.

E eles ainda iriam foder.

Empurrando contra suas mãos, Mary gritou, segurando o cobertor enquanto outra onda de calor a inundava.

— Por favor! — Disse ela, pedindo-lhe.

— Goze para mim, Mary. — Sua voz era firme. Ela sabia que não poderia desobedecê-lo. Zeke passou o polegar sobre seu clitóris e Mary não pode adiar sua libertação. Prazer caiu através dela, enquanto seu orgasmo a arrebatou. Ela gritou em voz alta, os sons dela ecoando nas paredes. Desde que ela foi transformada, Mary não sentia qualquer tipo de paz. Agora, finalmente se sentiu como ela própria. A loba dentro dela estava saciada e por isso estava agradecida.





Zeke colocou os dedos em sua boceta sentindo o calor de sua liberação inundar suas mãos. Ele sentiu a loba dentro dela acalmar quando a onda pós orgasmo terminou. Acalmando-a com beijos e carícias, ele retirou a mão do meio de suas coxas. Se perguntou por quanto tempo ela lidou com o calor em espiral dentro dela. Zeke não se lembrava de uma mulher lidar com o calor, sem um homem para ajudar, mas tudo o que ela fez deve ter acalmado o lobo dentro dela. Ele sabia que não teria feito o lobo desistir, mas certamente acalmou o suficiente para trabalhar.

— Obrigada. — Disse ela, gemendo. Ela ouvir o ronronar vindo de seu próprio corpo? Ela estava deitada em seus braços.

Ele não terminou com ela. Seu pênis estava duro e implorando por sua chance de explodir dentro dela.

Companheira.

As palavras correram por sua mente fazendo-o parar. Não, ele não pensaria nisso neste momento. Ele precisava esperar e ter certeza antes de tomar quaisquer decisões precipitadas como reivindicar uma mulher.

Voltando para a cama, ele abriu suas coxas. Mary não lutou com ele neste momento. Fitando os lábios de sua vagina ele viu os pontos de sangue que denunciavam a sua virgindade. Ele queria se inclinar para trás e urrar feito um Neandertal, mas em vez disso, ele agarrou a base de seu eixo



rodando a ponta através de sua essência cremosa. Ela gritou, mas não evitou o contato.

Empurrando a ponta para sua entrada, ele permaneceu apenas com a cabeça em seu interior. Segurando as mãos dela entre as suas, ele as acomodou ao lado da cabeça de Mary.

Sem dizer uma palavra, ele estocou tudo dentro dela.

Ela gritou de prazer.

Sua excitação se aprofundou. Ele não podia sentir qualquer dor vindo dela. Puxando para fora do seu calor apertado ele parou quando apenas a cabeça permaneceu dentro. Zeke não perdeu contato com seus olhos enquanto ele empurrava nela mais uma vez. Seus gemidos ficaram mais altos quando ele tomou seu tempo para puxar para fora e, em seguida, se afundar dentro, levando-a de surpresa a cada vez.

Deixando de lado as mãos, Zeke agarrou seus quadris e enfiou dentro dela, com força. Ele queria enterrar-se dentro dela e nunca mais deixar o calor de seu corpo.

Seus olhos estavam dilatados e Zeke amava o olhar submisso enquanto ela manteve as mãos ao lado da cabeça, para que ele a fodesse duro. Olhando para baixo, viu que eles estavam ligados. Seu pau nu estava escorregadio com o gozo dela.

Suas bolas formigavam com o início de seu orgasmo. O corpo dela chamava o dele. Aumentando o aperto em seus quadris, ele se inclinou para reivindicar seus lábios. Ela se abriu e ele saqueou sua boca com a língua.



— Beije-me de volta! — Pediu ele.

A língua dela acariciou a dele. Deixando seus lábios, ele afundou uma mão em seu cabelo, segurando-a perto e agarrou sua bunda com a outra. Ele aprofundou o beijo e seus dentes entraram em confronto com a profundidade.

Mordendo o lábio, ele bateu estocou fundo dentro dela, segurando seu orgasmo. Apertando mais forte a bunda dela, Zeke beijou até seu pescoço, lambendo o local onde seu pulso batia contra sua carne.

— Por favor! — Disse ela.

Ele não sabia o que ela estava pedindo e naquele momento não importava. Batendo dentro dela, Zeke rosnou enquanto seu orgasmo se chocou contra ele. Cada parte de seu corpo estava em chamas com a necessidade de reclamá-la. Removendo os lábios de seu corpo, ele pressionou a cabeça no travesseiro, que abafou o som do seu rugido.

Sua semente embebia seu ventre e ele ainda ficou dentro dela por vários minutos após o orgasmo terminar.

O único barulho que podia ser ouvido dentro das quatro paredes do quarto era o som de sua respiração.

— Zeke? — Ela perguntou. Ele estava consciente do fato de que era a primeira vez que ela chamava seu nome. Fechando os olhos, ele contou até três antes de se afastar. Ele se retirou de seu corpo, abalado até o núcleo pelo prazer que ela lhe dera. — Zeke? — Ela disse o nome dele novamente. A mulher não sabia que ele queria silêncio?



— Vá dormir! — Disse ele, levantando-se.

Ela não discutiu ou fez qualquer movimento para segui-lo. Saindo do quarto, ele foi para seu banheiro, batendo a porta fechada atrás dele.

Olhando para seu reflexo Zeke se perguntou por que ele não podia ver uma mudança olhando para ele. Envolvendo uma toalha em torno de sua cintura, ele saiu do banheiro pela outra porta que dava para o corredor. Sua alcateia sabia que não devia perturbá-lo em seu próprio espaço. Descendo para o segundo andar, ele bateu na porta de Max e ouviu Jane gemendo e Max se desculpando. Zeke esperou enquanto Max pegava um robe da cadeira e segundos depois abria a porta.

— Alpha, como posso ajudá-lo?

Max abaixou a cabeça e Zeke se perguntou por que a formalidade.

— O que você está fazendo? — Zeke não exigia submissão de sua alcateia. Ele comandava através do respeito, dando tanto quanto recebia.

— Seus olhos, Zeke. Eles estão queimando. — Max abriu a porta. Zeke viu que Jane tinha o cobertor até o queixo enquanto olhava para ele.

Olhando no espelho Zeke viu os olhos de seu lobo olhando de volta para ele.

— Merda. — Passando a mão pelo rosto, Zeke passeou pelo quarto de seu amigo até que ele se sentiu no controle



novamente.

— Alpha? — Perguntou Max.

Abrindo os olhos, ele olhou para o amigo.

— Encontre tudo o que puder sobre Mary. Eu quero saber tudo. Na parte da manhã volte para a casa dela e recupere suas coisas. Vou dar-lhe algumas roupas para você sentir seu cheiro.

— Sim, Alpha. — Disse Max.

Zeke precisava saber por que ele estava se sentindo assim. Ela era diferente, e ele lembrou do cheiro dela antes. Não, foi tarde demais e ele não conseguia pensar em outra mulher.

Eles a levaram.

— Descubra tudo. Eu quero saber onde ela morava, quero toda a porra do seu passado! — Saindo do quarto, ele voltou para seu banheiro. Fechando a porta, ligou o chuveiro e ficou embaixo. O grupo que ele matou foi responsável pelo desaparecimento de sua irmã. Seu pai pediu sua ajuda, visto que ele morava perto do outro grupo. Zeke conhecia Roger e Dani há algum tempo, eles compartilharam algumas refeições juntos como um sinal de amizade. Em todo esse tempo ele nunca pensou que era possível eles estarem capturando e negociando fêmeas e vendendo-as pelo maior lance. Sua irmã que ainda estava desaparecida, fazia parte do grupo de seu pai quando desapareceu. A caçada começou no momento em que perceberam que ela sumiu e o problema que enfrentavam para dizer a força policial local. Eles não poderiam dizer-lhes



que um lobo desapareceu, para que eles lidassem com o desaparecimento dela pessoalmente. Não que isso levasse a outra conclusão que não o grupo de Dani e Roger parecendo culpado.

Roger e Dani ainda não mencionaram uma mestiça em seu bando. Pressionando a palma da mão na parede de azulejos, Zeke deixou a cascata de água quente escorrer sobre sua pele. O grupo de Mary a desprezava. Nenhum deles se importava com ela. Nas poucas refeições que ele compartilhou com Roger e Dani, Zeke nunca percebeu uma pitada mal, ou o verdadeiro cheiro que se agarrava a eles esta noite. Eles tinham que ter usado algo para mascarar o cheiro horrível.

Ainda o assombrava o quão perigoso o outro casal era e ainda assim deixaram a mestiça viva. Onde a encontraram?

Vários anos atrás, Zeke estava sentado atrás de sua mesa quando sentiu o cheiro mais incrível do lado de fora. Deixando seu escritório, foi em busca da mulher responsável por deixar o perfume. No caos do escritório com tantos outros cheiros, ele a perdeu. Andando pelas ruas escuras para proteção, ele mudou para lobo e foi caçar. Enquanto ele estava tomando um fôlego, o cheiro dela foi em direção a ele.

Lembrou-se de morder a mulher, mas por sua vida, ele não foi capaz de se lembrar de como ela era e nunca foi capaz de localizá-la depois daquela noite.

Sacudindo a cabeça, Zeke desligou a água, pegou uma toalha e se dirigiu para o quarto. Mary estava dormindo na



cama. Ele viu as marcas das lágrimas enquanto ela dormia. Estendendo a mão, ele acariciou um dedo por seu rosto.

Ela foi atacada na cidade e mordida. Poderia ser uma coincidência que sua companheira era a mestiça diante dele? Por que Roger e Dani a levaram? Ele não sabia nenhuma das respostas às suas perguntas e não havia como descobrir. Ele matou a ambos para ter sua irmã de volta e ainda assim ele não estava mais perto de sua irmã ou da mulher que estava procurando.

Zeke estava determinado a encontrar as duas. Ele não iria se contentar até que devolvesse sua irmã ao seu pai. A mulher destinada a ser sua companheira estava lá fora. Olhando para o rosto de Mary, ele sentiu seu lobo socar contra a sua pele, sacudindo-o.

Afastando-se, secou a umidade de sua pele e jogou a toalha no cesto de roupa suja.

Subiu na cama ao lado dela, envolvendo um braço em volta da sua cintura. O cheiro dela era diferente do que ele se lembrava na cidade.

Não, não podia ser Mary. Podia?

Merda, Zeke não sabia o que fazer. Seu pênis engrossou quando Mary gemeu em seu sono. Até que Max tivesse a sua informação Zeke tiraria o máximo proveito de seu brinquedo.



Capítulo

Cinco

Abrindo os olhos, Mary olhou para a luz brilhante do sol sobre ela. Ontem à noite ela não esteve de frente para a janela. Recordando-se da noite anterior ela corou e outras partes do corpo protestaram a luz da manhã. Ela se virou e tornou-se ciente do braço masculino pesado sobre seu estômago. Virando a cabeça, ela encontrou Zeke atrás dela, dormindo.

Ele ainda estava lá. A última coisa que ela lembrava era dele ordenando-lhe que dormisse antes de se afastar violentamente. A dor a apunhalou profundamente pela forma como ele a tratou. Mordendo o lábio, ela tentou se afastar dele, mas seu braço se apertou ao redor dela.

Movendo-se novamente, Zeke a manteve no lugar.

— Você pode continuar lutando comigo o quanto quiser. Eu não vou deixar você ir até que você peça muito bem. — Disse ele, resmungando contra suas costas.



— Eu preciso usar o banheiro. — Sua mão se moveu para baixo, deslizando entre suas coxas. Ela engasgou até mesmo quando uma nova enxurrada de excitação a inundou. Mary desejou que seu corpo não a traísse com o seu toque. Ela não queria gostar depois de tudo.

Dedos abriram as dobras de seu sexo, expondo-a.

—Você está dolorida? — Perguntou. Ele a fodeu e a abandonou na última noite. Por que se importava se ela estava dolorida? — Me responde.

Olhando pela janela Mary ficou tensa com os dedos trabalhando nela. Quando ele mergulhou um deles dentro dela, ela gritou.

— Sim, eu estou dolorida.

Ainda assim, ele não a soltou. Seus dedos despertaram paixões dentro dela, e mesmo que ela estivesse com dores, Mary sabia que ela não iria negar-lhe.

Rapidamente, ele tirou a mão e deixou a cama. Ela gritou quando ele a pegou, levando-a até o banheiro. Ele a colocou em cima do vaso sanitário.

— Faça o seu negócio. — Disse ele, indo em direção ao chuveiro.

Ela olhou para o comprimento de seu corpo. Seu pênis estava grosso e se destacava. Ele não prestou qualquer atenção quando se virou na água.

Fazendo seu negócio, ela deu descarga e lavou as mãos.

Zeke pegou a sua mão, puxando-a para dentro do



chuveiro. De pé sob a água quente, ela enfrentou a cascata deixando a água lavar o sono de seu rosto.

Ele girou em torno dela e a empurrou em uma cadeira.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou. Ela nunca sentou no chuveiro.

Ele se agachou na frente dela sem responder, suas mãos foram para as coxas dela e ele as abriu.

Ela viu o olhar dele estava em sua vagina. Virando a cabeça para o lado, Mary queria estar envergonhada com o que ele estava fazendo.

— Eu não deveria ter deixado você na noite passada. — Disse.

Olhando para baixo, ela viu que ele estava olhando para ela.

— O que você quer dizer? — Perguntou, odiando a dor que sentiu mais uma vez. Eles não prometeram um ao outro qualquer coisa. Porra, ela estava aqui, porque salvou Jessica de ser morta.

— A noite passada foi a sua primeira vez. Eu deveria ter sido mais atencioso com a sua situação. Eu fui um babaca com você.

Ele parecia sincero quando olhou para ela.

— Está tudo bem. — Ela observou seus dedos acariciando através de seus finos pelos pubianos.

— Não, não está. Qualquer cara tratando uma das minhas irmãs como eu te tratei estaria no chão, eu mesmo o



colocaria lá, sem pensar duas vezes. Eu sinto muito.

Mary ficou em silêncio enquanto ele a lavava. Seu toque era suave e o desejo cresceu novamente dentro dela.

— Onde está Jessica? — Perguntou Mary.

— Eu imagino que ela esteja tomando café da manhã. — Suas mãos eram gentis e atenciosas enquanto a banhava. Mary cortou qualquer esperança. Ela não estaria se apaixonando pelo homem que estava cuidando dela. Zeke estava sendo cuidadoso, mas ela sabia que não era realmente ele. O homem à sua frente tinha o pavio curto. Ele matou todo o seu grupo na noite passada.

Não havia espaço para os sentimentos piegas.

— Por que você estava com Roger e Dani? — Ele perguntou, mudando de assunto, se levantou, levando-a com ele. O banco foi empurrado para o canto. Ele girou o corpo para enfrentar a ducha, e lavou seu cabelo.

— Eles estavam no hospital depois de eu ter sido mordida. — Ela ergueu o braço no ar. — O lobo mordeu meu braço. Tirou um grande pedaço de mim. — Se olhasse perto o suficiente poderia ver as linhas finas das cicatrizes. Com seu novo sangue de lobo a cura foi muito mais rápido do que um ser humano. — Eles me disseram que o hospital não poderia me ajudar. Eu estava queimando e as enfermeiras e os médicos não puderam fazer nada sobre isso. Eu fui contra o conselho médico, seguindo-os para o mundo.

Ele lavou o sabão de seu cabelo. Quando terminou, desligou o chuveiro, abrindo a porta. Zeke pegou uma toalha



em primeiro lugar, envolveu-a em torno de sua cintura. Seu pau ainda estava duro como uma rocha.

— E o lobo era negro? — Perguntou.

— Sim, o lobo era preto e saiu de um beco. Ele me cheirou e depois levou um pedaço de mim. Eu não estava fazendo nada além de olhar para a minha bolsa. — Lembrou-se do medo que tomou conta dela, o cão era enorme. Mais tarde, ela descobriu que era um lobo.

— O que aconteceu depois que eles a levaram? — Perguntou, levando-a para o quarto. Ele se sentou na cama, puxando-a entre suas pernas. Não havia espaço para ela lutar. Com o pensamento no passado, Mary se lembrou de sua primeira transformação, a maneira como eles a acorrentaram, injetando-a com alguns calmantes para ajudar com a dor. Um monte de suas memórias se foram. Ela não conseguia se lembrar de tudo o que aconteceu com ela.

— Eu tirei alguns dias de folga no trabalho. Eu não havia tirado muito por que nunca precisei. Então, nas duas semanas seguintes eles me ajudaram a ganhar o controle. Durante vários meses eu tive que visitá-los, para tomar os medicamentos e me transformar em lobo. — As doses queimaram sua carne, ou pelo menos era essa a sensação que ela teve. *Tinham* queimado sua carne? Mais uma vez suas memórias foram misturadas. Há alguns meses atrás eles pararam de injetar nela.

— Conte-me sobre o seu tempo depois da transformação. — Seus dedos estavam acariciando suas



coxas debaixo da toalha.

— O que exatamente você quer saber? — Perguntou ela, sem entender por que ele queria que ela contasse sobre a experiência.

— Jane, a mulher que você conheceu ontem à noite, não teve qualquer problema com a mudança. Max a mordeu e depois da febre inicial, ela ficou bem.

— Sorte sua. — Mary não iria repetir a experiência novamente. A dor só a fez temerosa de transformar alguém, não que ela transformaria qualquer pessoa contra sua vontade.

— Quais foram as injeções? — Perguntou.

— Eu não sei. Seria melhor perguntar a Jessica. Eu não sei.

Zeke se levantou, seus dedos deslizando em seu cabelo. Ele virou a cabeça para o lado, expondo seu pescoço. Ela o ouviu inalar profundamente.

— Você não cheira como ela. — Disse ele.

Franzindo a testa, ela olhou para ele. Ela não podia se afastar, Zeke era muito forte para ela dominar. Quando ele se inclinou para trás seus olhos estavam brilhando âmbar.

Seu lobo bateu contra sua carne. Mary gritou quando sentiu o impacto de dentro. Tropeçando em seus braços, ela caiu de joelhos. A dor se intensificou quando seu lobo ameaçou sair.

— Basta! — Zeke gritou a palavra e ainda assim seu



lobo não estava escutando. Desmoronando no chão, Mary agarrou a cabeça quando a dor explodiu e enviou fogo para cada parte de seu corpo.

A porta do quarto se abriu.

Seu lobo rosnou, querendo sair de seu corpo. Mary sempre se sentiu bem com seu lobo, mas, naquele instante, ela sentiu como se fossem dois seres diferentes. Era como se seu lobo tivesse sido preso de alguma forma e agora foi finalmente liberto de tudo que o prendia.

— Ajude-me! — Ela pediu, gritando.

As palavras de Mary foram cortadas quando ela sentiu seu braço quebrar, preparando-se para a mudança.

Não, ela não iria sobreviver a isso. Não era a lua cheia e ela disse muitas vezes que se ela mudasse sem a lua ela iria morrer.

Tomando respirações profundas, ela gritou quando sua coxa se torceu, por vontade própria, em um ângulo estranho. A dor era diferente de tudo o que ela já sentiu. O que estava acontecendo com seu lobo?

Você vai me matar.

Mary choramingou quando sua perna foi arremessada em outro ângulo. Ela ouviu o outro grupo em torno dela gritando ordens. Alguém a puxou para mais perto. Eles estavam muito quentes. A toalha que ela usou foi arrancada de seu corpo. Olhando para baixo, ela viu seu estômago ondulando como se seu lobo estivesse prestes a arrancar seu



estômago.

Não estamos mais presos.

Em pânico, Mary choramingou, gritando por socorro.

— Basta! — Zeke gritou a palavra mais uma vez. Sacudindo ao som, Mary olhou em seus olhos vendo as brilhantes profundidades Alpha.

Companheiro. Alfa.

O lobo dentro dela ronronou e lentamente, se acalmou. O corpo dela rasgou em um ângulo estranho antes de se encaixar novamente. Ela gritou mais uma vez antes que a escuridão a levasse.



Zeke sentiu a queda e foi grato por isso. Jane lhe entregou a toalha que ele colocou sobre seu corpo, dando-lhe um pouco de dignidade. Passando a mão sobre o rosto, ele a olhou.

— Que porra foi essa? — Jane perguntou, sentando-se para trás.

Max e vários de seus homens estavam olhando para a mulher, que estava pálida. Sua pele estava coberta de uma camada de suor e não pelo banho quente que compartilharam. Puta merda, ele nunca esteve tão aterrorizado em toda sua vida. O jeito que ela caiu de joelhos gritando enquanto seu lobo batia para fora. Seu lobo não



respondeu imediatamente, era como se ela nunca tivesse sido livre. Zeke percebeu o desespero dentro do lobo, de Mary. O lobo estava preso em uma gaiola implorando para ser solto.

— Eu não sei. Eu preciso falar com Jessica. Na verdade, eu preciso ir e olhar o esconderijo do bando. Estou começando a sentir que algo fodido foi feito por lá e Mary é um desses lobos.

Ela era a mulher que ele mordeu. Zeke tinha certeza disso, embora ela não cheirasse como a tal mulher. Tudo o que ela descreveu daquela noite foi fiel ao que ele se lembrava. No dia seguinte, quando ele voltou para encontrá-la Mary não estava em qualquer lugar à vista. Ele não sabia o nome dela ou onde encontrá-la. Porra, alguma coisa estava acontecendo e ele precisava descobrir.

— Porra, Zeke. Eu nunca vi nada assim! — Disse Max.

Jane estava ajoelhada no chão, acariciando os cabelos de Mary, que tremia e murmurava em seu sono.

— Ela mencionou algo sobre injeções. Não quero mais que você descubra algo sobre ela, como te pedi ontem à noite. Vamos voltar para a casa da sua alcateia. Eu vou investigar isso a fundo. Seja o que for que Roger e Dani estavam planejando, não ia ser bonito. — Tomando Mary em seus braços, Zeke sentiu seu coração batendo. Olhando para todos os seus homens, ele viu simpatia em todos.

— Para uma meia raça, ela é forte. — Disse Jane. — Eu nunca conheci ninguém que evitasse a mudança.

Zeke concordou.



— Eu não acho que ela vai sobreviver a próxima mudança, a menos que descubra o que aconteceu com ela enquanto ela estava com os outros.

— Você não acha que eles estavam fazendo experimentos, não é? — Perguntou Jane.

Congelando, Zeke olhou para a outra mulher.

— O que?

— Eu ouvi rumores de que alguns grupos estão usando mestiços como experimentos para tentar reforçar sua alcateia. Se Mary estava recebendo injeções, como você sabe que Roger e Dani não estavam testando alguma coisa? — Perguntou Jane.

Zeke olhou para Max, que assentiu.

— Um dos grupos próximos a nós se ofereceram para pagar dinheiro por Jane. — Disse Max. — Eu matei o homem que tentou pagar pela minha mulher. Há grupos lá fora, fazendo testes, Zeke.

Acariciando seus cabelos, Zeke se perguntou o que diabos aconteceu com ela depois que a mordeu.

— Eu preciso descobrir a porra de alguma coisa. — Olhando para Jane, viu a preocupação nos olhos da outra mulher. — Posso deixá-la com você?

— Sim. — Zeke pegou Mary em seus braços e a colocou na cama. — Zeke?

Ele se virou para Jane quando ouviu seu nome.

— O lobo dela respondeu ao seu.



— Eu sei. — Ele ficou tenso, olhando para os seus homens, esperando por alguém falar. Nenhum deles fez com que a simpatia por Mary fosse ofuscada por todo o resto.

— Ela é a mulher que você está procurando? — Perguntou Jane.

Zeke não lhe respondeu, saindo de seu quarto. Um dos homens entregou-lhe um par de jeans. Ele ainda estava muito quente para vestir algo mais do que um par de jeans.

— Onde está Jessica? — Perguntou.

— Trancada em seu quarto. — Disse Max.

Descendo para o piso inferior, ele não tentou a fechadura. Pressionando o pé na madeira, ele escancarou a porta. Jessica pulou em seus pés deixando cair no chão o livro que estava lendo.

Seus olhos azuis estavam arregalados e arredondados quando ela olhou para ele. Ela era uma raça pura, supostamente filha mais velha de Roger e Dani. Ela nem sequer cheirava como os bastardos de sua alcateia.

— No que seus pais estavam envolvidos? — Ele perguntou, avançando para dentro do quarto.

— Eu não sei do que você está falando. — Ela se levantou, levantando as mãos para tentar afastá-lo.

Zeke estava cansado de ser aplacado. Indo para o lado dela, ele agarrou seu braço e a puxou para fora do quarto.

— Então vamos ver o que mamãe e papai planejaram. — Ele não a soltou. Agarrando uma corrente de prata da porta,



envolveu em torno de seu braço.

Ela gritou, clamando por ajuda.

Ele não dava à mínima. Depois do que acabou de ver, a pequena cadela tinha sorte de não ser pior.

Max não disse uma palavra enquanto se dirigiam para fora na manhã. O sol estava brilhando e o calor do verão já estava alto. Zeke continuou andando ignorando o chiar da prata em sua pele. Ele não daria a Jessica a satisfação de vê-lo ferido. A cadela ainda era parte de um grupo inimigo.

— Por favor, eu não fiz nada! — Disse ela, chorando.

— Não? Bem, vamos descobrir o que o resto da alcateia sabia. — Eles percorreram a distância até onde ele matou seu grupo. Os corpos ainda estavam deitados no chão só que desta vez eles estavam negros da queima. Seus homens retornaram para se certificar de que estavam todos mortos. Jessica soluçou quando eles passaram.

Suas lágrimas não significavam nada para ele. Caminhando ao redor dos corpos, ele foi direto para a casa grande. Zeke visitou a casa várias vezes. Ele nunca esteve interessado em lutas entre bandos.

— O que você está esperando encontrar? — Perguntou Max.

— A resposta do porquê o lobo da minha mulher tentou estourar para fora dela.

Jessica engasgou.

— Mary está bem? Nada aconteceu com ela, não é?



Agarrando ambos os braços, Zeke deixou todo o seu desprezo a mostra para a menina.

— Ela está bem para caralho. Algo que a porra dos seus pais fizeram para ela causou isso e eu não vou parar até encontrar.

— Eu não sei o que eles fizeram. Eu nunca estive envolvida com nada disso.

Ele olhou para a menina de 14 anos de idade sabendo que ele precisava controlar sua raiva. Zeke ouviu falar de alcateias que experimentavam por conta própria, mas ele nunca encontrou uma. Que merda que eles querem com sua irmã se estavam experimentando em mestiços?

Porra!

Talvez sua irmã estivesse simplesmente no lugar errado na hora errada.

— Eu nunca estive envolvida em qualquer coisa. Eu juro. Você tem que acreditar em mim! Eu gostava de Mary. Ela era doce e nunca me ignorou. — Disse Jessica.

As palavras eram verdadeiras. Zeke inalou profundamente. Nenhuma mentira e ele as detectaria facilmente.

Nada. O cheiro dela estava limpo. Seja o que for que o grupo tenha feito Jessica não tinha conhecimento.

Amarrando a corrente de prata em torno de uma cadeira com Jessica lá, Zeke a deixou sozinha. Max estava com ele quando revistaram a casa.



— O que exatamente estamos procurando? — Perguntou Max.

— Eu não sei, porra. Algo a ver com experiências ou ciência do caralho, eu não sei! — Movendo-se através da casa o cheiro do outro grupo estava em toda parte. Zeke sentiu sua ira aumentar a cada passo que dava. Ele realmente queria ir para casa e envolver seus braços em torno de Mary.

— Você está indo bem, Alpha? — Perguntou Max, ficando perto.

— Sim. Quero descobrir por que os grupos estão experimentando. Nós somos criaturas perigosas, sem experimentar uns sobre os outros. — Disse Zeke. O pensamento de Mary ser vulnerável depois dele tê-la mordido e ter sido usada para algumas experiências do caralho o irritou.

— Sinto muito pela sua irmã. — Disse Max.

— Eu vou encontrá-la. Estou perto. Sei que eu estou.

Eles abriram outra porta para encontrar um cômodo vazio, com nada além do mobiliário habitual. Entrando na cozinha, abriram as três portas. Uma porta abriu-se para algumas escadas. Acendendo uma luz, Zeke sabia que não iria gostar do que descobriria.

— O que está acontecendo com Mary? — Perguntou Max.

— O que tem ela? — Ele deu o primeiro passo e depois outro.



— Ela é claramente algo mais do que um brinquedo. — Max era também um amigo fora da alcateia, Zeke gostava de ficar em contato com todos os seus lobos.

— Até que eu saiba com que merda ela está lidando, ela é o meu brinquedo e eu não quero que nenhum de vocês filhos da puta a tratem de outra forma.

Juntos, eles desceram as escadas. O quarto abria em um porão cheio. Zeke congelou quando os experimentos estavam claros para ver. Havia uma mesa com correntes de prata enroladas. Agulhas, papéis de nota, equipamento científico e equipamento de vídeo estavam na sala. Ele não precisa de mais provas para saber que o grupo de Mary se envolveu em alguma merda séria.

— Puta que pariu.

— No que quer que o grupo dela estava envolvido, Mary foi parte dos experimentos. — Disse Zeke, sentindo-se como se tivesse tropeçado em algo muito maior do que jamais imaginou. Ele iria informar seu pai e com a ajuda de outro Alpha, ele chegaria ao fundo da situação.



Capítulo

Seis

Prazer rasgou através de seu corpo e Mary abriu as pernas para que ele continuasse. O sonho era tão vívido e ainda não estava claro, ao mesmo tempo. A língua acariciando através das dobras de sua vagina era claro. Mas de quem era aquela língua, ela não sabia. A sensação dessas lambidas experientes fazia com que ela pouco se importasse com quem pertencia, desde que ele não parasse o que estava fazendo.

Abrindo os olhos, ela se tornou consciente para o fato de que já não estava sonhando, mas o prazer continuava. Olhando para baixo, viu a cabeça de Zeke movendo-se entre suas coxas. Sua língua hábil lambia seu clitóris. Gemendo, ela agarrou o lençol debaixo de seu corpo, desejando que houvesse algo para ela segurar.

Agarre seu cabelo.

O desejo de esmagar o clitóris contra o seu rosto era



forte. Tudo o que ela queria fazer era tomar o prazer que ele estava dando a ela. Soltando o lençol ela se abaixou agarrando pedaços de seu cabelo enquanto ela empurrava os quadris contra seu rosto. Ele rosnou contra sua carne macia e ela gritou em resposta.

— Por favor! — Disse ela, pedindo sem realmente saber o que.

Zeke puxou suas mãos e ela soltou o cabelo. Ele se levantou, enxugando o creme que escorria por seu rosto. Ela ainda não gozou e agora seu corpo estava em chamas para o que ele podia lhe dar.

— Você está se sentindo melhor? — Perguntou.

Ela franziu o cenho para ele, não sabendo o que ele estava falando, então se lembrou de seu lobo tentando escapar. Mary não se preocupou com isso, seu corpo estava as ordens dele.

— Estou bem.

— Bom, venha aqui. — Ele estava no final da cama deixando-a sem nenhuma outra opção a não ser rastejar até ele.

Sua mão se afundou nos cabelos dela, usando seu aperto para puxá-la para mais perto. Ele estava agitado e ela amou para caralho a sensação dele tomando o controle.

Os lábios de Zeke estavam nos dela e sem ele exigir, ela se abriu para recebê-lo. Suas línguas colidiram juntas, acariciando e mergulhando mais fundo. O calor derramou de



sua boceta para os topos de suas coxas.

— Receptiva para caralho! — Disse ele, deixando os lábios irem. Seus dentes beliscavam até seu pescoço, em seguida, ao longo de sua clavícula. — Você quer ser fodida, não é, meu brinquedinho? — Perguntou.

Ela não era um brinquedo, mas as palavras que vieram de seus lábios a deixavam louca. Tudo o que ela queria fazer era agradá-lo.

Para baixo, seus lábios foram beliscando os seios. Ela empurrou o peito para fora querendo seus lábios, Mary não se importava o que ele pensava dela. O calor estava construindo dentro dela e sua pele estava sensível ao toque.

De repente, ele a puxou deixando-a de joelhos diante dele. Ela percebeu que mesmo bruto, ele não a soltou até que tivesse certeza de que ela estava estável.

— Chupa! — Disse ele, acariciando o seu comprimento com a mão livre.

Ela olhou para todo o seu pau, em sua direção. A ponta estava escorregadia com pré-sêmen brilhando à luz do quarto. Quanto tempo passou desde esta manhã?

Abrindo os lábios ela lambeu a ponta, provando o sêmen em sua boca. Ela gemeu com o seu gosto, que por si só a fez pensar em casa, uma sensação estranha de ter. Colocando a cabeça dentro de sua boca, ela chupou profundo não querendo deixá-lo ir. Ela estava viciada e o calor foi construindo dentro dela.



— Porra, é isso. Aperte os lábios em mim. — Disse ele, rosnando.

Seus braços grossos ficaram tensos quando ele a forçou a tomar mais. Ela relaxou, tomando mais dele até que chegou ao fundo de sua garganta. Ele gemeu, puxando para fora só para meter de novo. Zeke manteve um ritmo constante para que Mary o tomasse. Ela amou seu gosto quando o engoliu, deslizando ao longo de sua língua.

— Caralho! — Ele resmungou quando puxou para fora de sua boca. Ela olhou para ele lambendo os lábios.

Ele não se moveu, acariciando seus lábios com os dedos. Nenhum deles gozou ainda. Mary antecipou seu próximo passo quando ele a ergueu em seus braços. Ela gritou quando ele a bateu contra a parede ao lado da porta.

— Enrole suas pernas em volta de mim. — Disse ele, ordenando-a.

— Eu sou muito pesada para você me levantar. — Ela tornou-se ciente de seus quilinhos a mais.

— Eu sou um lobo e Alpha. Eu posso levantar você e se você mencionar a porra do seu peso novamente eu vou bater em sua bunda até que esteja em carne viva. — Ele rosnou as palavras na cara dela.

Sorrindo, ela enrolou as pernas em volta de sua cintura. Ele colocou a mão entre eles e afundou seu pau em suas dobras. Ela se sentiu dolorida por dentro e ainda quente, pronta para o que ele poderia lhe dar.



— Caralho, muito molhada. Você é minha mulher. Minha puta. — Ele estocou nela a cada palavra.

Choramingando, ela se segurou nele enquanto ele arremetia dentro dela, forçando suas costas contra a parede. Ela foi surpreendida pela parede ainda estar de pé.

Virando-se, ele saiu do seu corpo e jogou-a no centro da cama. Ainda assim, nenhum deles gozou.

— O que você está esperando? — Ela perguntou, curiosa para saber.

Seus olhos brilharam âmbar e o poder rolou sobre ele.

— Deite-se na cama, de barriga para cima.

Não havia nenhuma maneira para ela negar-lhe. Ele colocou o tom Alpha em sua voz. Mantendo seu olhar sobre ele, ela se inclinou para trás, deitando na cama, encarando o teto. Ele se arrastou para a cama chocando-a quando ele se ajoelhou na cabeça dela.

— Eu vou lambar você enquanto você me chupa.

— Você vai me sufocar! — Disse ela, olhando para o pau rígido.

Ele balançou sua cabeça.

— Não, eu não vou.

Ela teria que confiar nele. Olhando para o eixo grosso ela se perguntou como o tomaria profundamente com ele sobre ela.

Balançando a cabeça, Mary sabia que queria tentar



mais do que ela queria algo mais.

— OK.

Zeke se moveu sobre ela, apresentando seu eixo para os lábios a espera. Ele deslizou para dentro da abertura, movendo-se em sua boca. Fechando os olhos, ela se concentrou em não entrar em pânico.

Suas mãos se moveram para suas coxas, abrindo as pernas. No instante seguinte, ela sentiu os dedos dele deslizando entre suas dobras.

Lentamente, ela o chupou em sua boca, criando um ritmo estável e ao mesmo tempo sentindo o que ele estava fazendo com seu próprio corpo.

Dedos deslizaram para dentro de sua boceta, curvando-se para tocar seu ponto G. Chorando, ela tomou mais dele em sua boca. Sêmen vazou revestindo sua língua. Ela engoliu-o, amando o gosto.

Os dedos dentro dela deslizaram saindo, sendo substituídos pela sua língua. Ela ficou tensa quando seus dedos lisos exploraram o buraco enrugado de seu ânus.

— Relaxe, baby. Lembre-se a quem você pertence e com o que você concordou. Você é minha para brincar. Meu brinquedo.

Ela nunca esqueceria de como ele a lembrava disso constantemente. Ele não estava dando a ela uma chance de se acostumar com qualquer coisa. Menos de vinte e quatro horas atrás, ela era virgem, e agora não mais.



Não importa.

No curto espaço de tempo que passara ali, seu corpo se sentiu mais como dela mesma, do que alguma vez já teve em todo o tempo depois da mordida.

Os dedos dele circularam seu ânus provocando-a. Ela focou em seu pau em sua boca, sugando-o profundamente. Zeke gemeu e ela gritou enquanto seus lábios chupavam seu clitóris. Eles estavam torturando um ao outro e ainda assim nenhum deles cedeu.

Ele bombeou seus quadris e ela relaxou o suficiente para ele ir mais fundo. Com ela relaxada seu dedo escorregou para dentro de sua bunda. O dedo dentro dela fez com que toda aquela região queimasse e pulsasse com o prazer e Mary gritou gozando, em torno de seu pau duro.

Após o orgasmo Zeke não desistiu. Ele circulou seu clitóris enquanto ela estremeceu de tão sensível que ela se sentia. O dedo dentro de sua bunda foi mais profundo.

— Chupa meu pau. — Disse Zeke. — Eu não vou parar até que você possa engolir minha porra.

Mary lutou contra a vontade de mordê-lo. Serviria de lição por tratá-la como.... Como seja lá o que ela fosse...

Balançando a cabeça, ela tomou seu pênis mais profundo em sua boca querendo que ele perdesse o controle e gozasse para ela.

O lobo dentro dela ronronou de satisfação com a decisão de fazê-lo perder o controle. Gemendo, Mary colocou os



braços ao redor da sua cintura e levou-o profundamente. Era a sua vez de senti-lo perder-se.



Zeke sentiu a mudança dentro dela, Mary abriu os lábios tomando-o profundamente em sua boca. Ele também sentiu que a sua loba estava perto da superfície, outra vez. O que ele sentia era o desejo da loba em agradá-lo. Ele sabia que Mary estava segura, a loba não tentaria sair pois já conseguiu o que queria e estava saciada. Ele faria qualquer coisa para saciar a loba e proteger Mary.

O que ele encontrou na casa do outro grupo o preocupava. Um grupo perto dele estava fazendo testes e ele não sabia o que realmente estavam fazendo. Ele falou com seu pai, que estava tão chocado quanto ele. Ambos concordaram em aumentar a busca por sua irmã, não havia nenhuma maneira de que ele desistisse. Zeke não podia deixar a sua irmã nas mãos de loucos.

O próprio pensamento de sua irmã sofrendo afastou o desejo dele. Forçando as memórias do que viu para o fundo de sua mente, Zeke se forçou a estar ali, de volta ao presente. A boca de Mary estava fazendo coisas más para o seu pau e quando ele inalou sua fragrância, seu pau engrossou mais uma vez.

Uma de suas mãos estava segurando seu próprio peso, para não a esmagar, enquanto a outra estava brincando com sua bunda. Ele não ia se livrar dela. O mês seguinte era dele



e ele não ia desistir de um único dia com ela. Seu grupo, e falar com o seu pai, iria ajudá-lo a lidar com seus inimigos.

Seu pai concordou em permitir esse tempo entre ele e Mary, enquanto ele assumiu a responsabilidade de recolher mais informações. Era um esforço conjunto entre ambas as alcateias, e também com outras que queriam saber mais sobre o desaparecimento de lobos. Depois que ele explicou tudo o que aconteceu, seu pai entendeu o quão importante era o próximo mês. Se ele não sentisse o desejo de tomá-la como sua companheira, Zeke sabia que teria que deixá-la ir. Não havia necessidade de se acasalar com alguém que não estava destinada a ele.

Adicionando um segundo dedo em sua bunda, ele usou os sucos de seu orgasmo que fluíam de sua boceta.

Empurrando seu pau em sua boca, ele foi mais fundo sentindo o gozo começando a vir. Forçando-se em sua boca ele a sentiu relaxar e ele deslizou em sua garganta, ela não lutou contra ele e seu esperma fluiu dele em sua garganta, que esperava. Não havia nada que ela pudesse fazer além de aceitar. Sua garganta trabalhou-o firmemente.

Quando ela não aguentou mais, puxou fora de sua garganta e caiu para o lado. Seus dedos ainda estavam na sua bunda e ele não estava pronto para dar um fim nisso.

Com as duas mãos livres, ele usou uma para brincar com sua boceta. Seu creme vazava de sua boceta e ele revestiu seu dedo com ele para provocar o clitóris.

Ela gemeu, estremecendo ao seu toque.



— Por que você é sempre diferente? — Ela perguntou, sem fôlego.

Ele ficou tenso, olhando para ela. Sua cabeça estava descansando em um travesseiro. Ela parecia tão bonita e relaxada quando olhou para ele. Zeke se viu querendo essa expressão no rosto dela em todos os momentos. Ele se perguntava o que ela sofreu nas mãos dos bastardos, Roger e Dani. A morte que ele lhes deu foi muito gentil após descobrir o que eles fizeram, não só a Mary, mas também a sua irmã.

Você não sabe o que eles fizeram com ela ainda.

— O que você quer dizer? — Perguntou, deslizando o dedo mais fundo. Seu pau endureceu mais uma vez, ser um lobo lhe dava uma libido maior, que significava que não precisava de muito tempo para se excitar novamente.

— Em um momento você é doce e agradável. No momento seguinte, eu acho que você vai me matar. — Ela correu os dedos pelos cabelos, e ele gostou da forma como ela estava relaxada dentro de sua casa.

— Eu te deixo nervosa? — Ele adicionou um segundo dedo em sua boceta. O cheiro dela estava fazendo o seu lobo ronronar contra a sua pele.

Seus lobos se combinavam, será que ela sentia da mesma maneira?

— Sim. — Sua voz estava sem fôlego.

— Bom! — Seus olhares se encontraram e Zeke não podia desviar da intensidade do olhar dela. — Por que você



continuou virgem? — Ele encontrou-se perguntando, curioso para saber.

Seu olhar escureceu e ela balançou a cabeça.

— Não, eu não vou responder isso. — Ela se afastou dele e sentou sobre seus joelhos. Deitado de costas ele a assistiu vir para cima dele. Os seios dela pendiam, roçando em seu peito. Mantendo suas mãos ao lado de seu corpo, ele olhou para ela.

— Quem é o homem real? — Perguntou ela.

— Por que você era virgem? — Ele respondeu a sua pergunta com outra.

Suas mãos repousaram sobre os ombros dele. Ela estava tão perto que seus lábios quase se roçavam. O cheiro de sexo e necessidade permeava o ar. Ele não pôde resistir por mais tempo, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos, ele sorriu para ela. Zeke não ia correr, ele estava gostando de passar seu tempo com ela.

— Você não tem nada a dizer? — Perguntou ela.

— Eu vou responder a sua pergunta quando você responder a minha. — Ele acariciou o cabelo dela, seus dedos através do comprimento.

Ela ficou em cima dele. Sua respiração se espalhou em seu rosto e ela aumentou o espaço entre seus lábios.

Afundando os dedos em seus cabelos, seu olhar vagou sobre seu corpo. Seus mamilos estavam duros, cutucando seu peito.



— Você não vai me dizer.

— Você é meu brinquedo, Mary. Eu posso fazer com você o que eu quiser. — Seus olhos se dilataram quando ela olhou para ele. — Conte mais sobre o seu tempo com o outro grupo. — Disse ele, querendo saber mais. Ele a manobrou para que ela estivesse escarranchada em seus quadris. Segurando seu pau grosso, ele se deslizou para dentro de sua fenda cremosa.

— O que você quer saber? — Ela gemeu, deslizando para baixo de seu comprimento, levando-o até o punho dentro dela. Ele sentiu o solavanco da ponta contra o colo do útero, estava tão profundo.

— Tudo.

As mãos dela permaneceram em seus ombros enquanto ele curvou suas mãos em torno de seus quadris mantendo-a sobre ele. Sua boceta molhada agarrou firmemente o seu pau e não havia nenhum outro lugar onde ele preferiria estar do que dentro dela.

— Eles me mantiveram trancada em uma cela, eu acho que as barras eram feitas de prata. — Ela choramingou quando ele empurrou seus quadris. Ele não queria que suas memórias fossem assustadoras, distraindo-a de seus pensamentos, ele acariciou os dedos para cima para provocar seus mamilos. — Eu sei que elas eram de prata, porque eu estendi a mão para tocá-las. O metal queimou meu corpo. Lembro-me de gritar de dor. — Zeke apertou os seus mamilos, mostrando-lhe outro tipo de prazer misturado com



dor. — Eu não posso pensar quando você faz isso.

— Acostume-se. Vou te comer sempre que posso.

Ela assentiu e reabriu os olhos, sorrindo para ele.

— Você está me torturando.

— Com o melhor tipo de tortura e equipamentos. Minhas mãos. — Mostrou-lhe as mãos. — E meu pau. — Segurando seus quadris ele impulsionou para cima e os dois gritaram. Seus lobos estavam tão perto quanto eles poderiam estar. — Quais eram as injeções? — Perguntou.

— Eles disseram que iria domar minha loba. — Mary estava lutando para falar. Ele gostava de vê-la com a mente cheia do prazer que ele lhe proporcionava.

— De que maneira?

— Roger e Dani disseram que eu não era capaz de permitir que o meu lobo assumisse completamente. Mesmo quando mudo, corro o risco de não voltar mais. — Ela lambeu os lábios, abrindo os olhos. Aqueles olhos âmbar mostraram a ele o quão perto ela estava de se deixar ir. Ela nunca mudou, a não ser controlada pela lua cheia, Mary claramente não tinha nenhuma pista sobre o tipo de poder que possuía. Não, ela não era tão forte quanto ele, nascido lobo. Ela não teria o tipo de controle que ele tinha, mas com a prática ele poderia treiná-la. — Ambos me disseram que eu não iria sobreviver se eu deixasse fluir. Eu tomei as injeções todas as vezes que eles ofereceram. Eu não quero morrer. Eu não levo uma vida excitante ou satisfatória, mas eu não



quero morrer.

Sentando-se, ele segurou seu rosto.

— Eu não vou te matar. — Não havia nenhuma maneira de que ele matasse a mulher destinada a ser sua. Lentamente, hora após hora, ele estava se lembrando do cheiro dela e cada vez mais Mary começou a cheirar como ele se lembrava.

Indo para seu pescoço, ele se inclinou inalando sua fragrância fresca que já não era mascarada por produtos químicos ou outra porcaria com a qual eles a estavam ferindo. Ela estava começando a cheirar como o céu.

Virando-a de costas, Zeke saiu dela só para estocar seu pau de novo dentro, ela circulou seu pescoço, segurando-o quando ele fodeu duro e rápido. Nas vezes em que estiveram juntos eles não usaram preservativo, Zeke não tinha a intenção de usar qualquer tipo de borracha. Ela era fértil e sua companheira. Era hora de ele dar a Mary o que ele deveria ter dado há muito tempo. Toda merda pela qual ela passou, foi por causa dele.

Nenhum outro homem iria se aproximar dela para reivindicá-la. Toda vez que ele a tomasse outros lobos seriam capazes de sentir o cheiro dele por todo o seu corpo. A onda possessiva que varreu Zeke o surpreendeu, ela mudou de ser seu brinquedo para algo mais. No momento em que ela enfrentou a multidão de puros-sangues para salvar a menina, Zeke sabia que havia algo diferente nela. Ele não estava errado. Esta mulher, sua mulher, era tudo o que queria. Sua



alcateia precisava de uma rainha e ele sabia que com o respeito que vinha de seu grupo, eles iriam aceitá-la como sua própria.

Batendo dentro dela, Zeke a fez gozar antes de encontrar o seu próprio orgasmo. Ele iria mantê-la segura, mas também precisaria entender a fundo o que seu outro grupo testou.



Capítulo

Sete

Depois que ela telefonou para o trabalho e conseguiu organizar o próximo mês de férias, para ser o brinquedo de Zeke, Mary foi capaz de relaxar. Ela amava sua vida com os seres humanos. Sim, não havia ninguém em sua vida e ela nunca confiou nos homens, mas era sua vida. Ela gostava de cozinhar e ajudar no abrigo dos sem-teto, a algumas quadras do seu apartamento. Trabalhar como recepcionista na empresa de publicidade era divertido. Ninguém, além dos colaboradores mais próximos se lembravam dela. Gostava de sua vida assim. Mary via algumas mulheres que lutavam para trabalhar por causa de toda a atenção que tinham do sexo masculino.

Houve um tempo em que ela queria algo assim, mas então ela caiu em si. Ninguém jamais incomodou-a o suficiente para tornar o trabalho duro, ela não conhecia todos os que trabalhavam no edifício, pois não se aventurava a sair



da sala de pessoal no piso térreo. Max ficou com ela quando Jane foi fazer café da manhã para os membros do grupo de Zeke que ficaram para trás.

Ela não tinha permissão para sair de casa a menos que Max ou um dos homens estivessem com ela.

— Eu não vou fugir. — Disse. — Eu fiz um trato pela vida de Jessica. Eu não vou sair antes de cumprir minha parte. — Além disso, ela não estava pronta para deixar o sexo para trás, Zeke despertou algo dentro dela. Pela primeira vez desde que foi mordida ela estava começando a se sentir como seu antigo eu novamente. Ela sempre se sentiu doente e cheia de calor e desde que Zeke transou com ela, ela foi capaz de se concentrar e manter a calma. Ontem à noite foi quente para cacete. Ela amou os minutos que foi capaz de estar sobre ele, tomando seu pênis profundamente dentro dela.

— Eu não estou aqui, a fim de impedi-la de fugir. — Disse Max, olhando para o sol.

O sol está bastante agradável hoje, pensou Mary.

— Então por que?

— Desde que descobrimos... algumas coisas, ele quer você protegida.

Jessica estava sentada lá dentro, com Jane, comendo. Olhando para trás, através da porta, Mary viu que os ombros da jovem estavam curvados sobre sua tigela de cereais. Ela não era a mesma desde que saiu com Zeke.

— Ele não a teria matado, você sabe. — Disse Max,



chamando sua atenção.

— O que você quer dizer?

— Zeke, o Alpha. Ele é um homem duro, mas não é um homem mau. Ela não cheira como os outros. Nem você. Ele não teria matado você. — Max sorriu. — Eu imagino que quando você ofereceu dar qualquer coisa, ele não pôde resistir a sua oferta tentadora.

Calor encheu as bochechas dela. Max não estava sendo cruel, ele não sabia como sua vida era antes dela conhecer Zeke. Os homens gostavam de provocá-la sobre suas curvas.

— Eu magoei você. — Disse Max, olhando com remorso.

— O quê? — Mary sacudiu a cabeça.

— Você mente mal. Cada tipo de emoção tem um cheiro específico. Eu posso detectá-lo. — Ele bateu no nariz.

Enfiando alguns fios de cabelo atrás da orelha, ela passou a mão sobre a frente de sua camiseta. Zeke permitiu que ela usasse roupas enquanto outros estavam na casa. Ela pediu nesta manhã, para que pudesse ter alguma dignidade.

— Não é nada. É só que os homens não são muito agradáveis, com.... Ahn... minha forma. — Disse ela, sentindo-se corar.

— Eu sinto muito. Eu nem sempre penso. Os homens podem ser uns idiotas. — Max parecia envergonhado.

— Este não é o tipo de conversa que eu quero ter. — Mary disse, dirigindo-se para longe da casa. Sua humilhação estava completa.



— Somos todos diferentes. — Disse Max, seguindo-a.

— O que?

— As cadelas que nascem raramente são algo além de magrelas e sem peitos. — Ele olhou para o chão, claramente chocado por ter falado com ela sobre isso. — Merda, eu estou estragando isso. Transformei Jane porque ela é tudo o que eu quero em uma mulher. Eu amo suas curvas e eu não encontro isso em uma puro-sangue. — Ele esticou os braços, mostrando a espessura dos músculos. Será que ela entrou em um universo alternativo onde os homens não têm um filtro entre sua boca e cérebro? — Eu estive com mulheres esbeltas e sinto que eu vou quebrá-las. Jane, ela é toda mulher e com ela sendo uma loba, eu sei que ela pode tomar o tipo de foda que eu quero dar a ela.

Suas bochechas ficaram ainda mais quentes, era possível sentir o fogo sobre elas.

— Hm... Eu acho que você está me elogiando.

— Jane me escarpelaria se soubesse que eu estou falando com você sobre isso.

— Eu sei, Max! Eu acho que você está assustando a mestiça até a morte. — Jane disse, enxugando as mãos em uma toalha. Mary riu quando ela viu uma de suas sobancelhas levantadas e um sorriso erguendo os lábios. — Vá e faça o seu café da manhã. — Disse Jane. — Eu vou lidar com isso. — Max parecia feliz em desaparecer. Olhando para o sol, Mary se deleitou com o brilho quente em seu rosto. Jane limpou a garganta, rindo. — Max não é o melhor homem



para falar se você está esperando tato.

— Eu não estava esperando nada. Nós estávamos falando sobre Jessica e a conversa meio que mudou para algo completamente diferente. — Mary sorriu, chutando algumas das pedras enquanto ela olhava para o chão.

— Eu sei o que você quis dizer com os homens não gostarem de nós por sermos cheinhas. Eu tinha desistido dos homens até conhecer Max. O conheci num bar, eu estava bebendo um coquetel e ele simplesmente não tirava os olhos de mim. — Jane sorriu, imersa na memória. — Ele se aproximou e começou a falar. Lembro-me de estar encantada por ele não ir até outras mulheres esbeltas no bar. Seus olhos estavam em mim e só em mim. Senti-me quente, sexy, desejável. — Mary viu o amor brilhando em seus olhos. Ela invejava o sentimento, desejando que pudesse sentir algo similar. — Depois que ele me mordeu, estava lá, me guiando através da transição. Ele era meu companheiro, Mary. O homem que eu estava destinada a estar. — Jane olhou para a casa. — Toda vez que estou com ele, parece que é a primeira vez tudo de novo. — Jane virou o olhar para Mary. — Eu espero que um dia você possa conhecer esse tipo de sentimento.

— Eu também espero.

Jane estendeu a mão, tocando sua pele.

— Entre quando estiver pronta para o café.

Mary ficou chocada quando ela foi deixada fora sozinha. Olhando para o sol, Mary se deliciava com os



sentimentos em erupção dentro dela. Seu corpo era dela e ela nunca quis perder o calor deste sentimento em torno dela.

Quando Zeke passou os braços em volta da sua cintura, ela se afundou contra ele, sorrindo.

— No que você está pensando? — Perguntou.

— Nada importante. — Eles se aconchegaram juntos e o escaldante calor entre eles não tinha nada a ver com a luz do sol que os banhava.

Os dedos dele trabalharam debaixo de sua camiseta, acariciando sua barriga.

— Eu queria que você estivesse nua. Eu inclinaria seu corpo um pouco mais e deslizaria dentro de você.

— Seu grupo pode nos ver.

— Eu não me importo. Eles sabem a quem você pertence.

A terra, a sua pele, tudo fazia ela se sentir em casa. Mary se sentia segura e protegida, o que era estranho, considerando que ela deveria ser só seu brinquedo.

— Jane e Max estão certos. Se eu saísse sem reclamar você, não haveria um homem na minha alcateia que não gostaria de provar você. Todos sabem que você era virgem e não posso acreditar que nenhum deles tenha tentado entrar em sua boceta. — Disse ele, beijando seu pescoço.

Ela engasgou. Calor inundou sua boceta, encharcando a calcinha. Como ele poderia ter uma resposta tão rápida dela? Tudo o que ele precisava fazer era dar-lhe algumas



respostas rápidas e ela estava pronta para ele. A inundação de calor que fluía através dela deveria envergonhá-la e ainda assim ela estava queimando por ele. Seu pau era a única coisa que ela queria entre as coxas.

— Eu não vou ficar com ninguém de seu grupo. — Ela não podia pensar em estar com outro homem, não depois de seu tempo com Zeke.

— Há algo que eu preciso te mostrar. — Disse Zeke, pegando sua mão.

Ele a levou para longe da casa. Seus dedos apertaram ao redor dela enquanto andavam a distância até a outra casa. Olhando para o lugar que ela considerou sua casa por alguns dias, um mês, Mary foi superada por uma onda chocante de frio. O edifício parecia grande, sombrio e indesejado. Lembrou-se dos sussurros que ela costumava ouvir quando passava pelos outros membros quando ia para o seu quarto.

— Por que estamos aqui? — Perguntou ela.

— Há algo que eu quero saber de você.

A seriedade no rosto dele a fez entender que ele não estava tentando assustá-la.

— OK. — Entrando pela porta da frente, eles foram até a cozinha. A casa tinha um cheiro horrível e repugnante. Pressionando a mão no nariz, ela sentiu uma onda de náuseas rolar sobre ela. — Será que esse é o cheiro da morte deles?



— Não, este é o cheiro que se agarrou ao seu grupo. Eles são um bando sujo, com ações sujas, Mary. Suas almas estavam mortas muito antes de seus corpos.

Mary não poderia lembrar de ter farejando algo tão ruim em toda a sua vida. Tomou cada milímetro de controle para não vomitar por causa da queimadura acre que emanava. Ela teria de tomar um banho para livrar seu corpo do cheiro.

Zeke abriu a porta que dava para o porão. Por alguma razão Mary ficou tensa, sentindo que algo de ruim aconteceu lá em baixo.

— Não, eu não posso ir até lá! — Disse ela, exasperada com suor.

— Eu preciso que você me siga até lá em baixo.

Ver o olhar sombrio no rosto dele não ajudou. Tentando não respirar, ela o seguiu escada abaixo para onde algo ruim a esperava.

A luz iluminou tudo. Imagens passaram pela sua mente. Dor e morte a consumia. Ela olhou do canto mais distante e as memórias de repente a inundaram. Não, ela não podia ficar na casa.

Aproximando-se, ela colocou os dedos em torno da barra, sentindo o chiado da prata. Algo ruim aconteceu aqui e o que era pior, Roger e Dani tinham de alguma forma apagado a memória dela de tudo.



Zeke fechou suas mãos quando Mary segurou a barra, ele nunca viu uma gaiola feita de prata antes. O olhar no rosto dela o deixou saber que isso não era a pior coisa que aconteceu. Seu pai não descobriu absolutamente nada sobre os experimentos, mas ele sabia que Mary era a única pessoa perto o suficiente para ter qualquer informação.

Seu pai pediu que ele tentasse conseguir alguma informação dela, e ele odiava a dor que a fazia sentir. A aversão que sentia estava rolando dela em ondas. Ela desprezou este lugar e temia-o na mesma medida.

— Como eles podem ter afetado as minhas memórias? — Perguntou Mary.

— O que você quer dizer?

— Lembro-me de estar aqui, mas eu também me lembro de suar em bicas, em pânico, enquanto eu assistia algo acontecendo lá. — Mary soltou a barra e caminhou até a maca. Ela estendeu a mão como se quisesse tocá-la, em seguida, retirou a mão. — Eu preciso sair daqui.

Zeke correu atrás dela enquanto ela corria para fora da casa. Para uma mestiça ela era rápida para caralho. Fora, à luz do sol, ele a perseguiu enquanto ela corria sobre o cascalho, em seguida, através do campo. A energia fluida dela e ele gritou seu nome.

Nada a impedia. Ele sabia que ela não estava fugindo dele. Não, algo mais a perseguia e ele precisava chegar até ela antes que caísse.



Então, de repente, a loba de Mary encontrou seus olhos. Não havia dor, enquanto ela continuava correndo. Mary era uma bela loba, marrom dourado. Ele fez uma pausa enquanto a observava correr graciosamente.

Amor, luxúria e respeito vieram à tona, enquanto olhava a mulher que procurara desde que a mordeu. Zeke não perdeu tempo tirando suas roupas. Correndo atrás dela, ele mudou para lobo e então pôde ouvi-la.

— *Finalmente!* — Disse ela. — *Eu estou livre. Eu sou livre e você pode se lembrar do que eles fizeram para nós.*

Sua loba era profundo, implorando para ser ouvida. Todo esse tempo a loba de Mary estava tentando salvá-la, impedi-la de cometer tantos erros.

Logo atrás dela, Zeke ouviu seus pensamentos mais íntimos. Ele era seu Alpha e eles estavam conectados da forma mais profunda. Sua semente estava dentro dela em seu período mais fértil.

— *Eles mataram mestiços. Eles machucaram todos os que entraram naquela sala. É perigoso. Diga a todos o que está acontecendo.*

O que estava acontecendo?

Zeke correu por entre as árvores, atrás dela. Imagens brilharam em sua mente, todas memórias do que aconteceu naquele porão. Ele tropeçou no horror do que sua loba lembrou. A loba de Mary não esqueceu nada. Ela salvou as memórias, esperando o momento certo para mostrar a Mary.



— *Tivemos que esperar por ele. Ele vai nos proteger.*

Mary foi drogada para mantê-la dócil quando eles a injetaram com todos os tipos de drogas. Eles estavam à procura de uma droga que pudesse machucar, até mesmo matar raças completas. Roger e Dani foram gananciosos querendo o poder que tal droga iria dar-lhes.

Ele parou quando reconheceu sua irmã. Mary estava caída no chão, seu corpo ferido e machucado quando ela olhou para a mesa. Sua irmã lutou, gritando, esperneando, alertando-os que sua morte seria vingada.

— *Ela viveu.*

Sua loba falou com ele. Ele não podia deixá-la fugir. Desencadeando em uma corrida, ele perseguiu Mary. Pegando o ritmo, ele chegou à beira da cachoeira a tempo de vê-la saltar. Seguindo-a, viu-a mergulhar como um ser humano. Seu grito feminino foi a última coisa que ouviu antes de afundar.

Subindo à superfície, ele ouviu gritos. Ela estava segurando a grama do outro lado. O corpo dela estava molhado e nu enquanto ela se segurava sobre a grama. A gritaria parou de repente. Nadando para o lado dela, ele colocou a mão nas costas dela, querendo oferecer-lhe conforto.

— Eu me lembro. — Disse ela. — Eu não posso acreditar que eu fui lá mês após mês.

Ela tossiu. Seus dedos afundaram na grama, as unhas cobertas de terra. Colocando as mãos em ambos os lados de



sua cabeça ele pressionou beijos para a parte de trás do seu pescoço tentando afastar as memórias terríveis.

— Estou aqui.

— Como eles podem ter apagado minhas memórias? — Ela perguntou, olhando para ele por cima do ombro.

— Sua loba pegou as memórias para ajudá-la a lidar com o que estava acontecendo com você. Ela estava esperando o momento certo quando ambas estivessem protegidas. — Sua loba estava esperando por ele. Ele sentia isso mais agora do que nunca.

Seu corpo tremia, mas não de frio.

— Você fala sobre minha loba como se fosse outro ser cuidando de mim.

Pressionando uma mão no peito dela, cobrindo o coração, ele beijou seu pescoço.

— Sua loba está aqui. Ela sabe o que é melhor para você. Ela viu o perigo e fez tudo o que podia para mantê-la segura. — O lobo e humano eram um só. Ele adorava a sensação de seu lobo e aceitou-o dentro de seu corpo. — A mulher na mesa, você se lembra dela? — Perguntou.

— Sim. Ela foi empurrada em uma gaiola ao meu lado. Eu me lembro dela me cheirar. — Mary virou-se em seus braços, olhando para ele. — Ela me disse que você não iria parar até que me encontrasse.

Sua família sabia que ele estava procurando, por algum tempo, a mulher que ele mordeu.



— O nome dela era Debbie. Ela é minha irmã e desapareceu há mais de um ano. O que aconteceu com ela?

— Ela escapou. Lembro-me de ela passar através das grades como se elas não significassem nada. Ela foi a primeira sangue-puro que eles tentaram fazer testes. Eu não sei o que mais aconteceu com ela. — Mary olhou para ele com lágrimas nos olhos. — Eles estavam tentando ferir todos os outros grupos.

Empurrando o cabelo para fora do seu rosto, ele olhou em seus olhos. Acariciando seu rosto, Zeke estava tão orgulhoso de sua sobrevivência e até de se lembrar da sua irmã.

— Será que eles conseguiram? — Perguntou ela.

— Eu não sei. Eu vou ter que entrar em contato com meu pai. Sua alcateia está a vários quilômetros de distância. — Inclinando a cabeça para trás, viu que ela estava pálida. — Eu nunca vi uma mudança de mestiços tão rapidamente.

— Eu nunca mudei sem a ajuda da lua cheia. — Ela lambeu os lábios. A imagem de seu pênis desaparecendo em sua boca passou pela cabeça dele.

Inclinando-se, ele pressionou seus lábios nos dela. As mãos dela foram para os seus ombros, segurando-o. Envolvendo uma mão ao redor da sua cintura, ele a puxou para mais perto. Mergulhando a língua em sua boca, ele fechou os olhos saboreando o sabor de sua pele.

Seus gemidos vibraram até seu pênis, endurecendo-o.



Parando o beijo, ele a levantou em seus braços, sua boca grudada em um de seus mamilos. Ela gritou, afundando os dedos em seu cabelo.

Ele iria comê-la. Zeke precisava fodê-la, marcá-la e reclamá-la de forma que nenhum outro homem jamais iria tentar levá-la para longe dele.

— Zeke! — Ela gemeu o nome dele, envolvendo as pernas ao redor dele.

Segurando seu eixo, ele encontrou sua entrada e estocou dentro dela. O corpo dela estava aberto para ele. Depois de todas suas memórias ele queria dar a ela algo prazeroso.

Ela gritou, tirando o peito de sua boca. Segurando-a firmemente, Zeke a pegou duro, indo tão profundamente em seu corpo quanto podia.

Beijando seu peito, ele subiu para reivindicar seus lábios mais uma vez enquanto metia em sua boceta.

Reclame-a.

Ele empurrou a necessidade longe, desejando que pudesse simplesmente desistir. Batendo dentro dela duro, Zeke deixou o prazer engoli-los. Todo o resto poderia esperar até que ele fodesse duramente o seu brinquedo.

Ela é mais do que um brinquedo.

Zeke sabia que Mary era mais, mas por enquanto ele iria aproveitar e desfrutar o que ela lhe dava. Jessica não teria



morrido naquela noite, ao contrário do resto do grupo. Mary também teria sobrevivido. Ele foi condenado a mantê-la.

Um mês.

Ele tinha um mês para fazê-la sua companheira.



Capítulo

Oito

Após uma semana de estadia, Mary sentou-se no jardim jogando cartas com Jane enquanto Jessica estava no balanço olhando para o sol. A menina estava levando a morte de sua família muito bem. O resto dos homens estavam dentro de casa em reunião. Quatro carros tinham chego naquela manhã e Mary sabia que eles eram todos Alphas de grupos diferentes. Jane colocou a palma da mão na mesa, quando duas cartas combinaram.

— O que está acontecendo com você, Mary? — Perguntou Jane.

— Nada. Eu só estou querendo saber sobre o que são todas essas reuniões. — Ela disse, baixando uma carta no monte. Olhando em direção a Jessica, ela não podia deixar de se preocupar com a jovem.

— Ela está indo bem, você sabe.



— Como você sabe? Sua família foi morta diante de seus olhos. Ela deve estar sentindo alguma coisa.

— Os homens têm comentado que Jessica era considerada uma vira-lata entre o grupo.

Mary franziu a testa, olhando para Jessica. Sempre que esteve na casa, Jessica era tratada como uma princesa, embora, ela recordasse, que a jovem não cheirava como o resto do grupo. Na verdade, Jessica cheirava muito diferente do grupo que fizera parte.

— Uma vira-lata?

— Sim, Roger e Dani não eram seus pais verdadeiros. Ela era uma mestiça adotada ou pelo menos é o que dizem as más línguas.

Batendo a mão na parte superior da pilha, Mary ganhou a rodada de cartas. Jane riu.

— Jessica não é mestiça. Ela era sua filha, foi o que me disseram. — Jane a olhou com simpatia. — O que?

— Mary, você não estava lá o tempo todo. Pelo que eu ouvi, você não estava autorizada a se misturar com o grupo. Jessica falou com você e foi punida por isso.

Evitando o que Jane estava dizendo, Mary sabia que desperdiçou tempo para caralho na alcateia. Colocando a pilha de cartas para baixo, ela caminhou em direção a outra menina. Jessica não parou com seu balanço, e havia lágrimas em seus olhos.

—É verdade? — Perguntou Mary.



— Sobre eu ser uma meia raça?

— Sim.

A jovem assentiu.

— Sim. Eu não tinha permissão para falar nada. Eu podia me transformar à vontade, mas Roger e Dani ameaçaram me machucar se eu contasse a alguém sobre o que eu poderia fazer. Ninguém sabia que mestiços poderiam se transformar à vontade. Eles mataram meus pais e meu pai era um puro-sangue. Ele acasalou com minha mãe e eu nasci nove meses depois. Eu vi quando eles mataram meus pais e eles me aterrorizavam. Quando eu te conheci eu pensei que você pudesse me salvar. Eu tinha razão. Todos eles estavam preparados para me deixar morrer naquela noite.

— Como é que você nunca me disse nada desde então?

— Mary perguntou, sentindo-se ligeiramente magoada.

— Nós não tivemos realmente um tempo para conversar.

— Jessica deu de ombros. — Eu não podia contar a ninguém e era mais fácil manter a verdade para mim mesma.

Mary não podia discutir com ela.

— Por que você fingiu ser sua filha?

— Eu sempre quis saber sobre isso, mas eu acho que provavelmente tinha a ver com Zeke e outros Alphas que os visitavam. Eles começariam a fazer perguntas, se vissem uma criança de dez anos, sem os pais, vagando pela casa. Eles fizeram isso para não serem suspeitos de alguma coisa.

—Será que Zeke sabe disso?



Jessica concordou.

— Eles mantiveram os arquivos. Eu nem sequer me lembrava, mas sem as injeções e lendo esses arquivos eu pude lembrar de tudo. Sou loba a muito mais tempo do que você, eu nasci assim, mesmo sendo mestiça. Meu pai não transformou minha mãe até depois de eu nascer. Eu tenho o sangue do meu pai dentro de mim e o lado humano da minha mãe, enquanto você se transformou muito mais tarde na vida.

— O que diabos aconteceu? — Envolvendo seus dedos ao redor do poste de metal do balanço, ela ouvia Jessica falar.

— Levaram-me quando eu tinha dez anos. Roger e Dani fizeram um arquivo com tudo. Eles fizeram testes em mim também.

— Será que eles descobriram alguma coisa? — Perguntou Mary.

— Não. Eles não descobriram nada, mas eles não podiam se arriscar me deixando sair. Por alguma razão, eles não me mataram e decidiram que iria servir para alguma coisa. — Ela parou de balançar e Mary abraçou a jovem. — Eles mataram meus pais e eu fui sequestrada na briga.

— Está bem. Você está segura agora. — Mary viu que Jane desapareceu dentro da casa, dando-lhes alguma privacidade.

— Eu ouvi o que eles estão dizendo, que Roger e Dani são responsáveis pelo sequestro de outros lobos. Eles estavam fazendo testes com eles na esperança de ganhar o



poder. — Jessica estava soluçando. Acariciando seu cabelo loiro, Mary ouviu todos eles saírem da casa.

— Jane disse que você foi punida por falar comigo. — Disse ela.

— Eles não queriam que ninguém soubesse. Eles disseram que você era especial por causa de quem mordeu você.

— O que eles fizeram com você? — Mary perguntou, odiando-se por não saber o que estava acontecendo quando ela os visitou.

— Eles me colocaram em uma gaiola sem comida por uns dias. Outros estiveram em situações muito piores que eu.

— Se você tivesse me dito eu teria colocado um fim nisso. — Disse Mary.

— Eu sei. Eles eram assustadores. Eu não poderia te falar o que estava acontecendo. E se você nunca mais voltasse? A melhor época eu me lembro foi quando Zeke veio para o jantar.

Mary fez uma pausa.

— O que?

— Eles pulverizavam na casa aromas diferentes e ninguém iria desaparecer no porão. Eu não me lembro de estar no porão, mas devo ter ido, para os testes.

Nada fazia nenhum sentido e Mary sabia que ela precisaria conversar com Zeke.

— As injeções que você falou, o que eram elas?



— Elas deveriam nos relaxar. Tranquilizantes com gotas de prata para nos manter dóceis de modo que não lutássemos. Eu li algumas das pesquisas.

Mary olhou para o sol. O calor não fez nada para aquecer seus ossos. O que quer que tivesse acontecido com Roger e Dani, ela sentia que não era o fim.

— É hora do jantar. — Jane disse, as chamando.

— Você vem? — Perguntou Jessica.

— Eu estarei lá em breve. — Ela sorriu para as duas mulheres quando caminhou para a frente da casa. Mary ouviu o som abafado no fundo da cozinha. Entrando no escritório ela viu a papelada que Zeke recuperou, espalhada sobre a mesa. Um par de óculos estava no topo da papelada. Andando mais perto ela passou as mãos sobre os arquivos e reconhecendo o nome de Jessica puxou o arquivo para fora e abriu-o. Uma imagem de uma jovem Jessica olhou para ela e ela odiava a tristeza nos olhos da menina. Ninguém devia ser triste em uma idade tão jovem. Folheando o arquivo viu códigos e nomes de produtos químicos, juntamente com marcas. Nenhuma das notas fazia sentido. Folheando as páginas, viu o plano diário que forçaram a menina a seguir. Eles a agrediram, a fim de forçar a mudança. Depois de muitos meses Jessica finalmente se transformou em lobo.

Havia uma nota na parte inferior.

— Serum induz amnésia. Dada a cobaia um-zero-um e a mesma não apresenta nenhuma memória de tratamento. — Mary leu as palavras na parte inferior, depois não havia mais



nenhuma anotação.

— Eles decidiram que Jessica não era útil, mas a colocaram como possibilidade para verificação futura. Eles iriam usá-la para atrair mais lobos. Seu cabelo loiro e inocência seria uma forma de atração. — Disse Zeke, da porta. Ele carregava um prato de comida. Ao vê-lo sozinho sentiu uma grande onda de necessidade inundar seu corpo. Ela passou toda a noite em sua cama, mas ainda não parecia suficiente.

— Eu não posso acreditar que nós esquecemos tudo isso. — Disse ela. Fechando o arquivo e pensou sobre o que ele disse. — Eles usariam sua virgindade para atrair outros lobos para reclamá-la?

— Sim, eles tinham um plano inteiro configurado. Minha irmã trabalhava para um jornal e ela manteve um olho sobre os cadáveres. Cada corpo tem uma marca que outros lobos podem detectar.

— Sua irmã saiu procurando a resposta para os lobos mortos? — Perguntou Mary.

— Sim, ela não encontrou nada no começo, mas depois tropeçou neste grupo. — Ele se aproximou. O aroma de frango picante era avassalador. Seu apetite desapareceu ontem, mas agora não conseguia parar de comer. Ele colocou o prato na parte mais clara da mesa. — Coma. Você precisa manter sua força.

Balançando a cabeça, ela pegou um pedaço de frango e um guardanapo. Afundando seus dentes na carne succulenta,



Mary gemeu quando os sabores explodiram em sua língua.

— Jane é uma cozinheira fantástica. — Ela adorava cozinhar, mas era bom comer sem se preocupar com nada. Zeke ficou olhando para ela, em seguida, para baixo em seu estômago. — Qual é o problema? — Perguntou ela.

— Nada. — Ele se moveu para atrás dela, acariciando seu estômago quando puxou um arquivo com o nome dela. — Este é o seu.

Mary olhou para o arquivo de repente se sentindo doente.

— Eu não acho que eu quero ler isso. — Ela disse, tocando sua mão que estava em sua barriga.

— Continue comendo. Eu leio isso. — Ela pegou um pedaço do frango. Ele colocou o arquivo para baixo e manteve uma mão sobre ela o tempo todo. — Sua alergia contra a prata foi um problema. Eles escreveram que durante dois minutos você esteve morta na mesa. O médico entrou em pânico, trouxe você de volta à vida e deram-lhe soro. Não havia mais nada que pudessem fazer por você.

— Por que me manter viva? — Perguntou. Se fosse ela, teria matado quem representava uma ameaça a toda a experiência. Ela gostou do fato de que não a mataram, mas não fazia qualquer sentido a manterem viva.

— Eles têm as suas razões. Eu tenho certeza que vamos encontrá-las em breve. — Ele estava sendo vago. — Ela terminou com o frango e estendeu a mão para um pouco mais. — Quero apresentá-la ao meu pai. — Disse.



Tocando em seus braços, ela olhou para trás.

— Isso é sábio?

— Por que não seria? — Perguntou, acariciando sua barriga.

— Nós não estamos exatamente saindo...

Ele riu.

— Meu pai sabe que eu tenho uma mulher em casa. Seria indelicado não a apresentar.

— Eu sou a mulher que você está usando como brinquedo. — Disse ela, mordendo o lábio.

— Os lobos não se preocupam com isso. Você é minha para mostrar como eu quero.

Ela encolheu os ombros. Era seu pai e ela não iria causar atritos entre os membros da família.



Zeke olhou para o arquivo com seu nome, ele não podia dizer que a única razão pela qual eles a mantiveram viva, era por causa dele. Eles sabiam o tempo todo quem a mordeu, mas mantiveram Mary afastada dele, mascarando seu cheiro para que ele não pudesse encontrá-la. Seu pai sabia o que estava acontecendo e também sabia sobre Zeke tomar Mary como um brinquedo.

— Não é a melhor maneira de fazer a sua mulher ficar perto de você, meu filho, — disse o pai.



Felizmente, ele concordou em não contar o segredo de Zeke, sobre ser quem a mordera.

Mary pegou outro pedaço de frango e ele acariciou sua barriga. Ele ejaculou dentro dela e Mary não estava mais fértil, mas grávida de seu bebê.

— Todos esses arquivos...

— Há cerca de vinte. — Disse ele.

— Isso inclui o meu e Jessica? — Perguntou, mordendo outro pedaço de frango.

— Não. São vinte e dois, se você incluir o seu. Minha irmã está lá também.

— O que o arquivo dela diz?

— Está carimbado com 'escapou' sobre ele.

Mary bateu a mão, afastando-se dele. Viu-a limpar a boca no guardanapo antes de pegar a tigela de salada de batata. Ele trouxe mais do que suficiente para alimentá-la, odiava o pensamento dela passando fome e desde ontem ela estava evitando alimentos. Ele não ia deixá-la ficar doente por causa de tudo o que estava acontecendo.

Ela era a razão pela qual ele não ia desistir de encontrar sua irmã.

— Eles tinham um plano? — Ela perguntou, comendo um pouco de salada.

Olhando para os arquivos, ele olhou para ela.

— Estamos tentando descobrir tudo. Parece que eles



tinham um plano para assumir outros grupos. Dani e Roger estavam com fome de poder. Eles tinham a intenção de governar toda a área de lobos ao redor.

— Eu não entendo o porquê. Eles tinham um grupo próprio.

— Eles simplesmente queriam mais. Não era o suficiente para eles manterem suas próprias terras. — Zeke recolheu os arquivos em uma pilha arrumada. Seu pai estava muito feliz sabendo que sua filha lutou para sair.

— Algo tão simples não deveria ter criado algo horrível para caralho. — Disse ela. — Você está falando sobre eles ferirem outras pessoas, outros lobos.

— Eles estavam vindo atrás do meu grupo. — Zeke sentou-se atrás da mesa olhando para ela. As roupas que ela usava não faziam nada por suas curvas. Sua roupa era muito grande, ele não podia deixar que ela usasse as roupas que tinha na outra casa. O mau cheiro do outro grupo agarrou-se a elas.

— O que?

— Sim, está em seu plano de ação. Temos o diário de Dani. Ela era a pessoa por trás de tudo. — Zeke olhou para baixo o comprimento do corpo dela, sentindo uma onda de desejo em seu estômago.

— Existem outras pessoas desaparecidas? — Perguntou.

— Papai está descobrindo isso agora. Ele está falando com outros grupos na esperança de encontrar a resposta



para isso. — Seu pênis engrossou com o pensamento de estar enterrado dentro nela. Ele precisava dela desesperadamente. — Venha aqui! — Disse ele.

Ela balançou a cabeça.

— Não, nós não podemos fazer isso.

— Fazer o quê? — Ele perguntou, brincando com ela.

— Você sabe o quê. Eu não vou pensar em linha reta até que eu saiba o que está acontecendo. — Ela colocou a tigela vazia na mesa e começou a andar.

— Eu preciso encontrar a minha irmã. Ela vai ter as respostas.

— Como? — Ela perguntou, claramente enfatizando a sentença.

Levantando-se, ele caminhou ao redor da mesa indo até ela. Puxando-a em seus braços, Zeke inalou seu aroma fresco e quente.

— Nós temos que sair daqui. — Disse ele.

— O que? Por quê?

— A lua cheia passou e eu preciso voltar à cidade. Meus homens estão aqui apenas para me oferecer proteção sob esta ameaça atual. — Ele empurrou seu longo cabelo castanho por cima do ombro e inalou o cheiro dela. Ela cheirava a sua mulher. Ele sentiu os seus caninos alongarem, preparando-se para tomá-la como companheira.

— O que você quer que eu faça? — Perguntou ela.



— Você virá comigo. Meu pai vai levar Jessica com ele até sabermos mais. O único lugar seguro para lobos agora é dentro da cidade. Nosso contrato é até a próxima lua cheia. Nós temos três semanas.

— Eu sei quanto tempo temos. — Ela olhou para ele. Seus olhos castanhos estavam encapuzados. Movendo a mão para baixo, ele segurou sua bunda, apertando a carne macia. Ela gemeu. — É tudo o que você pensa? — Perguntou ela.

— Você tem um corpo feito para foder. Eu sou igual a qualquer homem com sangue vermelho, qualquer homem que tem o prazer de tê-la para si iria tirar o máximo proveito. — Ela, obviamente, gostava da maneira como ele estava falando. Empurrando a camisa que ele deu a ela, para fora do caminho, ele deslizou os dedos por baixo da sua calça. Sua vagina estava escorregadia ao toque, e queimando. Mary abriu suas coxas dando-lhe um melhor acesso. — Sinto o quanto você precisa de mim. Hoje à noite, você estará pronta para mim. Uma vez que eu começar a te comer, não vou parar até você gozar por todo meu pau. — Inclinando a cabeça dela para trás, ele afundou os dedos na sua boceta enquanto chupava seu pescoço. Ela cedeu, movendo-se em direção aos dedos dele como se sua vida dependesse disso. — Eu tenho você, baby, foda minha mão. — Disse ele.

O corpo dela estava esquentando a cada segundo. Seu lobo ronronou para ele, querendo seu pau.

Sorrindo, ele chupava seu pescoço, pressionando seu



polegar em seu clitóris.

Ela gozou em seus dedos. Minutos mais tarde, quando ele a trazia de volta de seu orgasmo, ouviu uma batida na porta. Removendo os dedos de seu corpo ele chamou seu pai para entrar.

Mary manteve a cabeça enterrada no peito dele. Seu coração estava batendo e sua mão estava acariciando o peito dele.

— Olá, filho, me disseram que eu te encontraria aqui. — Disse o pai.

— Pai, eu gostaria que você conhecesse Mary. — Zeke fez as apresentações rapidamente. Seu rosto estava vermelho brilhante quando ela olhou para seu pai.

— É um prazer te conhecer...

— William, o meu Nome. Imagino que meu filho não lhe tenha dito outra coisa senão pai ou o seu pai.

Ela sorriu.

— Algo assim, sim.

Seu pai estava colocando-a à vontade.

—Filho, vai buscar uma bebida enquanto eu falo com esta garota.

Mary riu.

Rindo, ele pegou o prato de comida vazio e se dirigiu para a cozinha. Jane e Max estavam no canto enquanto alguns dos Alfas conversavam. Eles pararam quando ele



entrou na sala.

— Como a sua mulher está lidando com a notícia? — Perguntou Max.

— Ela está chocada com o que encontramos com Roger e Dani. — O diário de Dani estava no centro da mesa e deu uma visão sobre o que estava acontecendo. — Nada de novo aí? — Ele perguntou, colocando os pratos na pia.

— Ainda não. Nós estamos procurando. Traga-a de volta para casa com a gente, vamos olhar seus contatos, achamos que pode haver uma fonte externa ou qualquer outra coisa. Eu não sei o que diabos está acontecendo para forçar líderes do grupo a se voltarem contra sua própria espécie! — um dos Alphas disse.

Balançando a cabeça, ele encheu vários copos com água e se aproximou de Jane e Max.

— Vocês dois estão prontos para voltar para casa? — Perguntou. Eles eram seus amigos mais próximos e ele odiaria se algo acontecesse com eles.

— Estamos com tudo pronto. — Disse Jane. — Tem certeza que isso é sábio?

— É a nossa única solução com o que está acontecendo, caso contrário vamos correr o risco de estar a céu aberto. — Disse ele.

— Nós os matamos, Zeke. Que tipo de ameaça eles representam? — Perguntou Max.

— Minha irmã ainda está lá fora. Ela está desaparecida



há muito tempo e de acordo com o arquivo dela, não esteve com eles por muito tempo. — Zeke olhou para os Alfas falando entre si. — Eu acho que é lógico sugerir que ela foi pega em algo muito pior. Eu não poderia lidar com qualquer coisa acontecendo com você.

— O que quer dizer sobre algo muito pior? — Perguntou Jane.

— Eles estavam experimentando em nós. Como sabemos que alguém não estava interessado em saber nosso segredo? — Zeke não estava preparado para correr o risco de que um maior grupo, mortal, não estivesse envolvido. Manter todos eles protegidos era a sua prioridade.

Voltando ao escritório ouviu seu pai e Mary falando. Do lado de fora, ele os ouviu rir e brincar durante vários minutos antes de ele entrar. Ele faria tudo para proteger Mary. Zeke se sentia responsável por ela. Ele a trouxe para o seu mundo, mas não esteve lá para protegê-la quando ela mais precisava dele.



Capítulo

Nove

O apartamento de Zeke era muito diferente da casa que ele dividia com o grupo no interior. Olhando para fora da janela do décimo andar, Mary perguntou qual a atração com alturas. Se alguma coisa acontecesse com suas janelas, alguém iria mergulhar para a morte. Olhando para o chão de concreto, ela deu um passo para trás precisando do conforto do chão.

Ele a deixou em sua sala de estar para tomar um banho. Olhando ao redor da sala, Mary foi sufocada por seu pequeno apartamento. O que a surpreendeu foi o quão perto eles viviam. Ela estava a cerca de cinco quarteirões de distância dele. Eles poderiam ter se cruzado na rua e ela não teria sequer percebido.

Não é possível, você se lembraria de um homem como Zeke.



O som do chuveiro sendo desligado alertou-a de sua presença. Virando-se para o som dele se aproximando, sentiu seu rosto queimar ao olhar para ele molhado e coberto em apenas uma toalha.

— Como você pode viver tão alto? — Ela perguntou, voltando-se para olhar para a janela. Calor inundou seu corpo e ela estava envergonhada por uma razão completamente nova.

Zeke riu.

— Querida, eu posso sentir seu cheiro daqui. Eu sei que você me quer. — Ele se aproximou por trás dela, envolvendo os braços em volta da cintura. — Tire a roupa.

— O que? Eu não posso tirar a roupa! — Ela balbuciou as palavras não sabendo ter um pensamento coerente.

Ele deixou seu lado e fechou as persianas mergulhando-os em uma espécie de escuridão, teve uma melhora significava na visão depois de tudo, e pôde vê-lo claramente.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Você faz um monte de perguntas. — Ele tirou a toalha e atirou-a nela. Ela pegou a toalha, antes que batesse no seu rosto.

— Você não está sendo sério! — Disse ela.

— Baby, nós estamos sozinhos no meu apartamento e eu quero você nua.

— Como você pode estar pensando sobre isso agora? Você tem uma irmã para encontrar e pesquisas para



olhar! — A luta a deixou enquanto ele se aproximava.

— Eu também tenho uma família que vai cuidar de tudo enquanto eu passo algum tempo com o meu pequeno brinquedo.

Por que ela tinha que reagir a cada vez que ele a chama de brinquedo? Era ridículo, errado, mas ela derretia toda vez que ele falava isso.

Ele pegou sua camisa, puxando-a pela cabeça e empurrou o jeans que ela usava. Ele não permitiria que ela usasse calcinha e ela estava completamente nua como ele.

Tocando sua bochecha, ele inclinou a cabeça para trás.

— Esta é a única maneira de não pensar sobre o que está acontecendo. — Disse. — Minha irmã está desaparecida há algum tempo, estou apavorado com o que vai acontecer com ela. E se ela está morta em algum lugar e nós nunca a encontrarmos? — Ele deu um beijo em seus lábios. Ela começou a tremer com o seu toque. — E se Dani estava trabalhando para outra pessoa? Eu não sei a resposta a qualquer uma destas perguntas, mas não há nada que possamos fazer.

Fechando os olhos, Mary sabia que ele falava a verdade. Não havia nada para fazer. Não havia motivos para esperar e se preocupar. Nenhum deles podia fazer nada.

— E quanto ao trabalho? — Perguntou ela.

— O que tem isso? Eu liguei antes e eu posso fazer tudo o que eu preciso fazer daqui de casa, com uma ida rápida e



ocasional para o escritório. É mais fácil fazer tudo aqui do que lá. Não se preocupe, querida, eu não estou indo a lugar nenhum. Sua bunda é minha e nós não vamos a lugar nenhum, a não ser foder e passar um tempo com o outro. — Ele levantou-a em seus braços. Rindo, ela enrolou as pernas em volta de sua cintura enquanto ele levou-os de volta para seu quarto.

Zeke estava certo. Ela poderia passar o resto de sua vida se preocupando com o que Dani e Roger criaram, ou ela poderia experimentar novas realizações em seus braços.

Ele chutou e abriu a porta e a jogou na cama. Rindo, ela gritou quando ele a seguiu. Eles lutaram na cama. Mary lutou com ele, mas Zeke era mais forte e mais poderoso do que ela era. Ele apertou as mãos ao lado da cabeça, abrindo as coxas para ficar entre elas.

— Eu entendi você. Lute comigo, Mary.

Ela ficou completamente imóvel desobedecendo-o. Seu pau duro pressionando seu estômago. Todo o resto desapareceu quando ela olhou em seus belos olhos escuros. Ele realmente era um homem sexy. Zeke a fez sentir-se pequena e delicada e tudo o que ele estava fazendo era segurá-la na cama. Seu coração batia contra o peito.

Mary observou-o tomar uma respiração profunda e inalar o cheiro dela.

— Você cheira bem para caralho.

— Você tem uma coisa com o meu cheiro, não é? — Ela perguntou, sorrindo. Aumentou seu aperto em torno de suas



mãos querendo sentir cada grama de sua força. Ele não se mexeu, apenas olhou para ela esperando. Eles estavam em uma batalha de vontades, mas ela não tinha a intenção de ganhar. Não, ela queria ver o quão longe poderia empurrar este homem que tomou sua virgindade. Zeke era mais do que o homem que roubou sua cereja.

Como ele poderia ter roubado minha cereja quando eu livremente dei a ele?

A situação em que ela se encontrava pode não ter começado livremente, mas ela estava aproveitando a situação tanto quanto ele.

— No que você está pensando? — Perguntou.

— Você não gostaria de saber. — Ela levantou uma sobrancelha bem como ele fez a primeira vez que se encontraram.

Ele puxou as mãos logo acima de sua cabeça esticando-a.

— Eu posso fazer muito mais do que entrar na sua cabeça.

— Você só pode ouvir meus pensamentos quando você está em forma de lobo. — Ela engasgou quando a mão dele deslizou em seus corpos. Chorando, Mary era uma escrava do toque de seus dedos quando ele introduziu um dedo em sua fenda, a carícia sobre seu clitóris a fez desejar-lhe tão desesperadamente que não havia como pudesse lutar contra a necessidade que crescia dentro dela. Zeke sabia como tocá-la de uma maneira que a deixava louca e a impedia de lutar



com ele. Ela se tornou exatamente o que ele disse que queria, um brinquedo. Mary queria que ele brincasse com ela, para trazer um prazer tão inegável que ele parasse todos os outros.

— Baby, eu posso ouvir você, não importa o quê. Há tanto para aprender sobre você além de seus pensamentos. — Dedos penetraram sua boceta fazendo-a ofegar. — Seu corpo, o seu cheiro, até mesmo o jeito que você se comporta em torno de mim me diz muito sobre você. — Mordendo o lábio, Mary queria contradizer tudo o que ele disse, mas não podia. Não havia nenhuma maneira de se defender contra seus próprios sentimentos. Ela ansiava por seu toque mais do que ela desejava sua próxima respiração. — Você sente isso também. — Disse ele. Ela assentiu com a cabeça, apertando os dentes contra a verdade olhando-a no rosto. — Meu corpo é igual ao seu, Mary. Estou queimando por dentro. Você é tão sexy, você está me virando em nós. O que ele estava realmente tentando dizer? — Isto é muito mais do que sexo, baby. Você sabe que é. Você sente isso! — Seus dedos saíram de sua boceta, sendo substituídos pelo comprimento grosso do seu pau. Ela gritou, arqueando-se para ele. Seus lábios tocaram sobre seu mamilo, chupando duro. A dor disparou através de seu clitóris. Envolvendo suas pernas em volta de sua cintura, ela reforçou seu domínio sobre ele, puxando-o para dentro.

Zeke não tinha empurrado todo o comprimento do seu pau dentro dela ainda. Ele estava atormentando-a com o que ele poderia dar a ela, em vez de simplesmente dar a ela.

Chorando, ela mordeu o lábio implorando por mais.



— Você vê, baby. Eu posso levá-la selvagem sem sequer tentar. — Sua mão voltou para o clitóris, acariciando enquanto seu pau permaneceu dentro dela sem se mover. — Você pode me sentir?

— Sim! — Ela disse, gemendo.

— Entregue-se a mim.

Ela balançou a cabeça.

Ele continuou a acariciá-la com seu pau ainda dentro dela.

Não implore. Não implore. Não implore.

Zeke beijou por seu corpo, chupando seu pescoço.

— Você pode lutar contra mim toda a noite. Eu não vou desistir. Eu posso fazer isso durante toda a noite e todo o dia. Foder você, provocar você, não deixando você gozar. — Sua ameaça era muito real. Pela primeira vez, Mary choramingou, odiando que ele a segurasse sobre sua cabeça. — Eu sei que você não teve nada por um longo tempo, Mary. Você era virgem em meus braços. Você nunca conheceu o toque de um homem. Posso dar-lhe tudo o que você deseja. Não há nada que eu não faria para vê-la explodir em meus braços. — Ele soprou as palavras contra seu ouvido. Ela estava certa de que ele faria o que ameaçou. — Tudo o que você precisa fazer é dar-se a mim. Eu vou cuidar de você e eu vou explorar o que você precisa. Cada fantasia, cada necessidade seria nossa para explorar.

Lambendo os lábios, ela olhou em seus olhos quando ele



se afastou para olhá-la. Tudo o que ela teria de fazer era implorar e os desejos do seu coração seriam para ela.



O que ela faria? Zeke não sabia se empurrou longe demais. Ela estava implorando por ele. Seu lobo estava empurrando contra as paredes de seu corpo pronto para acasalar. Ele sabia, sem sombra de dúvida que Mary era a mulher que ele mordeu. A única mulher que ele deveria estar para o resto de sua vida. Ela era sua companheira. Seu pai confirmou, depois de passar um tempo com ela em seu escritório.

Segurando-se a ela, Zeke esperou.

O que seria necessário para ela se entregar a ele?

Você foi o único que fez dela um brinquedo.

Ele não poderia voltar naquele momento, Zeke sabia que não a teria em seus braços se não tivesse dado o ultimato. Ele não sabia o que teria feito quando chegou nela aquela noite. Não havia nenhuma chance de que ele a tivesse matado. Será que ela sequer percebeu o poder que tinha sobre ele? Dani tinha o mesmo tipo de poder sobre Roger. Companheiros eram obrigados a seguir um ao outro. Era tanto uma bênção quanto uma maldição.

— Por favor, Zeke, faça amor comigo! Me fode, me dá tudo! — Ela pediu uma e outra vez. Colocando as mãos nos seus quadris, ele saiu de seu calor apertado até que apenas a cabeça do seu pau permanecia dentro. Olhando em seus



olhos, Zeke sentiu-se cair. Mary era o amor de sua vida e ele sabia que parte de seus sentimentos aumentaria quando seus lobos acasalassem, mas a outra parte dele já estava apaixonada pelo que ele já sabia sobre Mary. Ela era linda, impressionante e perfeita para ele. Max e Jane a amavam. Seu pai a amava e ele sabia que sua mãe se sentiria da mesma maneira também.

Aumentando seu aperto ele mergulhou dentro dela. Mary gritou quando ele a fodeu duro e rápido nunca a deixando.

— Se toque! — Disse ele, batendo dentro dela.

Ela passou por seu próprio corpo. Ele adorava ver a forma como os seus dedos acariciavam sobre seus seios grandes, que saltavam com cada um de seus impulsos. Quando ela começou a tocar seu doce clitóris, ele estava pronto para explodir.

Cada vez mais áspero ele empurrou dentro dela, metendo tão profundo quanto podia.

— Sim, sim! — Disse ela, gritando a palavra. Seus pés se cravaram em suas costas, e Zeke realmente sentiu como se finalmente fosse para o céu. Sentindo a diferença dentro dela era de tirar o fôlego. Ela não era mais uma pequena virgem com medo ou tímida, mas uma mulher intensa em obter seu prazer.

Em poucos segundos ela gozou em torno dele e enviou-o ao longo do limite com sua boceta apertada pulsando em torno dele, puxando-o para dentro.



Rosnando, Zeke ficou tenso quando sentiu suas mãos mudarem em torno dela, segurando-a. Ela gritou e antes que pudesse se conter, se lançou para sua garganta rasgando sua marca profundamente ali.

Seu orgasmo continuou até mesmo quando ela ficou tensa em torno dele. Ele derramou seu perfume em seu núcleo e não queria deixá-la se afastar. Ela era sua mulher e mesmo sabendo que deveria esperar, ele não podia.

Reivindicar era a única maneira de forçá-la a continuar com ele no próximo mês. Não havia nenhuma maneira de ele ficar sem ela.

Quando ele a tomou, Zeke retraiu o pescoço apenas para entrar em pânico. Ela jazia caída na cama. Olhando para a marca de mordida ele não viu nenhum problema, não afetou a artéria principal.

— Mary? — Ele balançou a esperança de que ela iria responder a ele. — Mary?

Pressionando a mão em pescoço, ele sentiu o pulso fraco, mas lá.

Saltando da cama, ele pegou seu telefone e discou o número do seu pai. Não conseguia se lembrar de uma única coisa que ele disse, mas quando desligou seu pai e médico da alcateia estavam a caminho. Vestindo um roupão, ele envolveu um cobertor sobre seu corpo para garantir que ela ficasse viva.

Pressionando a cabeça em seu estômago sentiu a vida crescendo dentro dela. Merda, ele nunca ligou para a sua



condição. Sentindo-se mais como um bastardo a cada minuto que passava, ele estava desesperado para ouvir o som da batida.

Quando finalmente alguém bateu na porta, ele correu pelo longo corredor e através da sala de estar para encontrar seu pai, sua mãe e o médico, James.

— Vamos, entrem! — Disse ele.

Parte dele estava envergonhado por sua mãe conhecer a sua mulher bem depois que ele acasalasse com ela.

— O que aconteceu? — James perguntou, colocando o sua maleta na cama.

Sua mãe, Helen, engasgou e correu para o lado de Mary. Ele ficou satisfeito que ela parecesse verdadeiramente preocupada.

— Eu estava fazendo amor com ela e a necessidade de reclamá-la ultrapassou todo o resto.

— Filho, não é bom para você perder o controle em um momento tão vulnerável. — Disse William. Seu pai estava no canto dando ao médico e Helen mais espaço.

— William, querido, lembre-se da sua reivindicação. Não foi exatamente como planejado! — Disse Helen, olhando para cima e sorrindo.

Olhando para trás, viu que seu pai estava corando. Zeke não queria saber o que seus pais fizeram antes dele ser concebido.

— Ela está gestando e é uma mestiça. — Disse James.



— Se você tem um problema com a minha companheira ser mestiça, dê o fora para que eu possa encontrar outro médico que possa tratá-la!

William passou os braços em torno de Zeke, segurando-o.

— Calma, filho! Você está muito nervoso, passe para trás ou você vai se arrepender e, acredite em mim quando digo que, você não quer se arrepender de perder o controle.

Tomando várias respirações, Zeke olhou para o médico.

— Eu não tenho nenhum problema em tratar mestiços, Zeke. Estou feliz por homens e mulheres encontrarem um significado para eles e se isso significa transformar os seres humanos, então que assim seja. — James deu um passo atrás correndo os dedos pelos cabelos. — Não, eu não tenho nenhum problema com mestiços, mas eles vêm com as próprias complicações. Sua mulher não é tão forte quanto sua mãe. Ela está no período e eu cheiro a concepção de um jovem. Zeke, as injeções que sua esposa tomou mantiveram o lobo em uma caixa e sem as injeções ela está lentamente voltando para si mesma, mas está muito longe ainda. — James puxou o lençol para baixo virando a cabeça para o lado para examinar o ferimento. — Você mordeu bem, mas você tem que lembrar que ela é parte humana. Ela não vai curar tão rapidamente quanto nós. — Houve vários suspiros e ruídos de desaprovação vindo do médico.

— Eu posso sentir sua temperatura subindo... — disse Helen.



— Sim, ela vai estar bem amanhã. Seu corpo vai se curar aos poucos, assim que os efeitos secundários das injeções desaparecerem lentamente e, com isso, ela vai ficar mais forte. Eu acho que você vai se surpreender com o quão forte sua mulher realmente é. — James limpou o ferimento.

Mary choramingou.

O aperto de seu pai aumentou e ele observou Helen confortá-la. Deveria ter sido ele ao seu lado, segurando-a perto.

— Ela sabe que você está acasalado? — Perguntou James.

— Não. Temos um acordo de um mês, ela não sabe mais nada além do que aconteceu com o seu grupo.

— Ela não é parte de seu grupo. Seu perfume iria agarrar-se a ela e não importa o que, Zeke, você não iria se livrar desse cheiro. Ela é da sua alcateia. Estou surpreso que você não pôde sentir o cheiro antes. — James se aproximou e inalou. — Sim, ela é toda sua. O jovem que cresce nela é seu também. — Orgulho o encheu com o poder que ele mostrou. Sua mulher era parte de seu grupo já. O lugar de Mary dentro de sua alcateia também explica por que seus homens eram tão educados e respeitosos com ela.

— Zeke, eu não estou impressionada de que você tenha engravidado uma mulher sem que eu a conhecesse! — Disse Helen, repreendendo-o.

— Estou feliz por você, filho! Criamos um bom estoque.



Helen revirou os olhos enquanto William riu. Zeke não se preocupava com estoque ou qualquer coisa que não seja saber que sua mulher estaria segura.

James mediu sua temperatura e verificou sua pressão arterial após limpar seu pescoço.

— Ela vai ficar perfeitamente bem. — Disse James. — Você vai ter mais dificuldade em explicar os seus atos do que qualquer outra coisa. — O médico levantou-se e caminhou em direção a maleta que deixou na base da cama. — Quando estiver pronto dê-lhe isso, são comprimidos que todas as mulheres grávidas precisam. As fêmeas humanas só precisam tomar um comprimido por dia enquanto sua mulher terá de tomar dois. Lobos digerem mais rápido do que os seres humanos e também ela é mestiça, não seria necessário tanto quanto uma loba pura. — James embalou tudo. — No momento em que ela souber a verdade traga-a para mim. Eu gosto de manter um olho em nossas cadelas gestantes no caso de algo correr mal.

— Mary. — Disse Zeke.

— O que disse? — Perguntou James.

— O nome dela não é cadela. É Mary. Ela não vai ser amável se você a chamar disso. — Zeke não queria que nenhum dano acontecesse a mulher dele. Já era ruim o suficiente o que ela sofreu nas mãos de Dani e Roger.

— Lembrarei. Não há nada pior do que uma mulher grávida, temperamental e nossas mulheres podem causar alguns problemas. É um prazer fazer negócios. Estou indo.



Zeke olhou para sua mulher, desejando que ele tivesse saído. Ele nunca iria ficar à vista de seu ser ainda fora de seus pensamentos.

— Eu gosto dela! — Disse Helen. — Ela cheira tudo de bom e perfeito.

Sorrindo, Zeke assentiu.

— Foi ela quem eu mordi fora do trabalho. Eu passei tanto tempo a caça dela e Debbie que eu nem sequer percebi que elas estavam debaixo do meu nariz. — Pensando sobre sua irmã, ele virou-se para seu pai. — Há alguma notícia sobre ela?

— Não, não há notícias. É como se ela nem sequer existisse no momento em que escapou daquele maldito lugar. — William disse, praguejando.

— William, por favor, olha a boca! Eu já lhe disse, Debbie está viva. Gostaríamos só de saber se algo aconteceu.

Seu pai fechou os olhos, enxugando-os.

— Nós vasculhamos toda a porra da floresta. Não há nenhum sinal de quaisquer outros grupos ou nossa filha. Eu estou dizendo a você, ela está morta.

— Pai, não acabou ainda! — Disse Zeke. — Se eu pude encontrar minha companheira, nós vamos encontrar Debbie!

Zeke realmente acreditava que sua irmã estava lá fora. Debbie era uma pessoa resiliente. Se alguém pudesse sobreviver ao que Roger e Dani fizeram e fugir, essa pessoa era Debbie.



Capítulo

Dez

Mary gemeu quando se virou. O corpo dela estava tremendo e os sons vindos que vinham do seu redor não estavam ajudando. O sol estava muito quente sobre sua pele, clareando o chão, ela colocou a mão em seu pescoço sentindo a carne machucada, que estava ligeiramente inchada.

Puxando as mãos dela, não viu manchas de sangue, em seus dedos. Levantando-se, ela tropeçou para o banheiro, onde viu que um pedaço de seu pescoço estava vermelho e inchado. A perda de controle de Zeke era evidente. Suas mãos estavam bem, embora ela recordasse que suas patas vieram à tona.

— Mary? — Perguntou Zeke. Virando-se ela o viu encostado no batente da porta, olhando para ela.

— O que? O que porra aconteceu? Por que de repente eu me tornei a porra de um brinquedo? — Ela olhou para ele perguntando como ela sobreviveu a noite



passada. Pressionando uma mão em seu estômago estava pronta para vomitar quando outra mulher chamou seu nome.

Franzindo a testa, ela olhou para Zeke, em seguida, sobre o seu ombro.

— Minha mãe e meu pai estão aqui e eles estão fazendo o café. Minha mãe faz um café da manhã incrível. Eu prometo que você não vai se decepcionar. — Disse ele, indo para o quarto.

— O quê? — Perguntou ela, apertando a mão na testa. Mary não estava usando nenhuma roupa e do jeito que se sentia naquele momento, não estava preparada para lidar com seus pais.

— Eu sei que você tem um monte de perguntas. — Disse ele, aproximando-se. — Mary queria se afastar para não deixar que ele a tocasse, mas não conseguia parar o anseio que construía dentro dela. Ela desejava os braços dele em sua volta. — Vou responder suas perguntas e te dar tudo o que seu coração deseja. Tudo que eu peço é que você saia e passe algum tempo com os meus pais. Não é toda a família, apenas os meus pais.

Negar estava fora de questão.

— Bem. Você tem que me prometer que vamos falar, propriamente falar, e não apenas transar.

O sexo é tão bom.

Ignorando seu corpo, ela olhou para ele esperando que ele recusasse.



— Está bem.

— Ok, eu vou, ahn... colocar uma roupa.

Zeke a seguiu de volta para o quarto onde ele lhe entregou uma muda de roupas. Ela usava uma camiseta e um par de shorts, que amarrava na cintura. Eles eram grandes demais para seu corpo, mas cobriram o suficiente para lhe dar um pouco de dignidade.

— E se eles me odiarem? — Perguntou, mordendo o lábio nervosamente.

— Acredite em mim, baby, eles não te odeiam. Minha mãe quer me castrar por te manter aqui só para mim mesmo.

— Nós mal nos conhecemos. — Disse ela.

— Nós nos conhecemos há mais de uma semana e para um monte de lobos é uma vida já. — Zeke passou as mãos para cima e para baixo nos braços. Ele estava nervoso? — Vamos lá, eles querem conhecê-la e eu estou cansado de estar com fome. — Zeke pegou sua mão, levando-a para fora da segurança do quarto.

— Espere, pare! — Disse ela.

— Querido, é você? Será que Mary come bacon crocante? — Disse a mulher.

— Minha mãe se chama Helen e você sabe o nome do meu pai. — Disse Zeke. — Como é que você gosta de seu o bacon?

— Crocante.

Empurrando alguns cabelos dispersos fora de seu rosto,



ela seguiu atrás dele para a cozinha aberta. O apartamento era grande o suficiente para caber uma família inteira.

— Mãe, pai, eu gostaria que todos vocês conhecessem minha mulher, Mary. — Zeke disse, segurando-a na frente dele.

Ela viu seu pai em primeiro lugar e sorriu para ele. Em seguida, ela viu a bela mulher de cabelos escuros, que parecia um pouco com Zeke. Mas ele parecia muito mais com seu pai.

— Oi! — Disse ela.

— Querida, é um prazer finalmente vê-la acordada. — Disse Helen, circulando o balcão. Ela usava um avental sujo de gordura. — Quando William me disse que meu menino conseguiu uma companheira, eu não podia acreditar.

Os homens na sala tentaram abafar Helen.

Companheira?

— Calem-se, rapazes. Ela vai saber mais cedo ou mais tarde. — Helen ficou na frente dela. — Agora, deixe-me dar uma boa olhada em você. — Disse ela, segurando suas bochechas e virando a cabeça dela de um lado para o outro.

Mary passou pela avaliação como se fosse uma vaca premiada.

— O que quer dizer companheira? — Perguntou ela.

Os homens ficaram tensos, enquanto Helen beijou sua bochecha.

— É tão bom ter outra mulher na família. Por alguma



razão, nossa linhagem parece gerar um monte de homens.

Helen sentou-se em uma cadeira no balcão. Ela notou quatro cadeiras postas de uma maneira com que todos pudessem se ver.

Ninguém explicaria o comentário de companhia?

— Companhia? — Mary perguntou novamente.

— Querida, meu filho escolheu uma mulher bem em você. — A carne levantada de seu pescoço se arrepiou.

Estamos acasalados. Já era hora.

— Eu realmente não sei o que você quer dizer.

— Mary, querida, você nunca viu as marcas de uma fêmea acasalada? — Perguntou Helen.

— Não! — Mary disse, olhando para trás em Zeke.

Zeke estava olhando para sua mãe. Se olhares pudessem matar, ela estaria morta.

— Helen, isso é o suficiente! — William disse, aproximando-se. — Nós vamos tomar café da manhã e, em seguida, vamos deixá-los para que conversem. Este não é nosso grupo e não é da nossa conta.

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Mary ficaram em pé. O Alpha dentro de William estava exigindo obediência.

— Eu sei. Eu sei. Não precisa soltar o Alpha em cima de mim! — Helen bateu nas bochechas dele quando ele passou por ela.

Tudo o que ela queria fazer era tomar o café da manhã o



mais rápido possível. Pegando o garfo, ela ficou tensa quando sentiu Zeke sentar-se ao seu lado.

Ele não fez nenhum movimento para falar com ela, o que ela era grata.

Durante o café da manhã Helen falou de Zeke quando criança, os bons e velhos dias da infância. Ela deu um resumo dos fatos vergonhosos dele, durante toda a vida e isso fez Mary relaxar, mesmo estando consciente de Zeke.

Quando o café da manhã terminou, ela tirou os pratos enquanto Zeke levou seus pais para a porta. Mergulhando as mãos na água com sabão ela curvou sua mão ao redor da lâmina da faca. Zeke se aproximou por trás dela, quando estava perto o suficiente para tocá-la, Mary se virou, apontando a faca na direção dele.

— Você vai começar a falar ou então eu vou cortar você, porra! — Disse ela. Suas emoções estavam por todo o lugar, mesmo enquanto brandia a faca para ele, ela não pôde evitar em achar que estava exagerando. Ele levantou as mãos em sinal de rendição e o sorriso nos lábios dele a deixou ainda mais irritada. — O que sua mãe estava dizendo sobre acasalamento? Por que você mordeu meu pescoço e como você explica sua falta de controle? — Perguntou ela.

— Solte a faca. — Disse ele, estendendo a mão para ela. Entregando-lhe a faca, o calor encheu suas bochechas.

— O que há de errado comigo? — Ela tocou seu rosto, perguntando o que diabos ela fez de errado.

— Você está passando por algo. — Ele parou, olhando



para o chão na frente dele.

— O quê? Pelo que estou passando? — Ela perguntou, confusa.

— Minha mãe não estava errada, estamos acasalados. Na noite passada, eu perdi o controle. — Mary olhou para ele. O silêncio na sala era ensurdecedor. — Há um monte de coisas que você não sabe. — Disse Zeke.

— Bem, por que não começa a me contar sobre todas essas coisas que eu não sei! — Ela estava cansada de ser mantida no escuro sobre tudo. Tocando seu pescoço, sentiu o vergão na pele e desejava que houvesse algo mais que pudesse fazer.

— Eu vou te dizer. Podemos lavar os pratos sem você tentar me matar? — Perguntou.

Olhando para ele, ela terminou de lavar a louça, enquanto ele secava e guardava. Quando terminou Mary caminhou para as janelas olhando para fora sobre a cidade. Ela não precisava voltar ao trabalho por mais três semanas.

Correndo os dedos pelo cabelo, ela tentou se concentrar em três semanas, mas ela estava começando a pensar que seu tempo não estava próximo de acabar.

— Você não vai me deixar ir embora após um mês, não é? — Ela perguntou, vendo o reflexo dele na janela.

— Não, eu não vou. Eu não posso deixar você se afastar.

Balançando a cabeça, ela sentiu as lágrimas caírem dos



olhos. Mary sabia que devia estar chateada com as notícias, mas parte dela estava aliviada ao ouvi-lo dizer que não se livraria dela.

— O que você precisa me dizer? — Perguntou.

— Eu era o cão que você viu no beco. — Disse. Seus braços em volta de sua cintura segurando-a com força.

— O que?

— Eu sou o único que farejou você, Mary. Eu fui o grande cão preto que não pôde resistir a você. Eu senti seu cheiro por algum tempo, e, em seguida, você estava saindo do prédio e eu não podia parar. Fui eu quem te mordeu. — Confessou. Seu coração batia acelerado quando ela se lembrou do cão negro se aproximando. Na época, ela estendeu a mão, em uma tentativa de tocá-lo. Ele a atacara, afundando seus dentes em seu braço. A dor foi excruciante, depois disso tudo o que ela se lembrava eram Roger e Dani. Eles a levaram para longe dele. — Eu tinha toda a intenção de encontrá-la. Na verdade, eu nunca desisti de tentar encontrá-la... — disse ele, surpreendendo-a.

— Você estava procurando por mim? — Perguntou ela.

— Sim. Perguntei a Roger e Dani se eles a viram. Eles sempre me diziam que não. Eu nunca pude sentir seu cheiro, acreditamos que as injeções que lhe deram foram uma tentativa de mascarar o seu cheiro. E deu certo para caralho!

— Por que você está me contando tudo isso?





A grande questão que ele estava esperando. Lambendo os lábios, ele cruzou os braços e olhou para ela.

— Você é minha companheira destinada, Mary. — Ele disse a verdade.

— O que?

— Nossos lobos se reconheceram. Você é a mulher que eu estou destinado a passar o resto da minha vida.

— Como isso é possível?

Aproximando, ele invadiu o seu espaço pessoal.

— Você pode sentir a sua loba me querendo, Mary. Ela me conhece. Nossos lobos são uma combinação perfeita e se você me der uma chance eu vou provar para você que eu sou o homem para você.

Ela balançou a cabeça voltando-se para as janelas.

— Isto é tudo tão confuso.

Estendendo a mão, ele agarrou seus ombros não querendo deixá-la se afastar. O que começou com ela sendo seu brinquedo, se tornou muito mais. Na busca para encontrar sua irmã, ele descobriu a mulher que lhe confortaria a alma e seduziria seu corpo.

— Nos dê uma chance.

— Te conheci com você assassinando os líderes da minha alcateia...



— Eles estavam usando-a como um experimento científico do caralho. Todo o grupo era tão corrupto quanto seus líderes! — Disse, tentando argumentar com ela.

— Você ia matar uma adolescente! Jessica é jovem para caralho para morrer.

— Eu não a teria matado! — Ele admitiu a verdade para ela.

Ela fez careta, olhando para ele.

— O que? Max me disse isso antes. Você não precisa dizer isso.

— Sim, eu preciso dizer. Eu não sou um monstro, Mary. Eu não a teria matado, eu a deixaria de lado. Ela não tinha cheiro corrompido ou nada parecido como o resto do grupo. Ela cheirava como você, inocente.

Ele ouviu e sentiu ela tomar uma respiração profunda.

— Esta é a coisa mais estranha que já aconteceu comigo. — Disse ela.

— Eu amo você, Mary. — Zeke percebeu que devia ser o único a pronunciar aquelas palavras. Ela poderia fazer com elas o que quisesse, mas ele não se esconderia de seus sentimentos.

Ela virou-se em seus braços, olhando para ele.

— Como sabemos que isso não é por causa dos lobos? Como você pode me amar? Você não me conhece direito.

Tomando-lhe a mão, ele apertou-a sobre o coração.



— Desde que eu te transformei, Mary, eu estive procurando por você. Seu cheiro me deixou louco, nunca conheci uma mulher como você. Nenhuma das outras mulheres nas alcateias foram únicas para mim. — Pressionando a palma da mão contra o peito dela, ele sentiu a rápida batida de seu coração. — Eu sei que você é perfeita para mim e para o grupo.

— Eu sou uma mestiça. Como pode uma mestiça ter um lugar em seu grupo? Você é um Alpha, Zeke. Você não é um mestiço ou um membro inferior ou qualquer outra coisa. Eu nem entendo de política de lobo! — Disse ela, argumentando seu ponto.

Segurando seu rosto, ele se inclinou para baixo fechando a distância entre eles. Acariciou os lábios dela com os seus, ao longo da suavidade gorda até que saqueou sua boca com a língua. Ela o recebeu, acariciando-o de volta. Zeke sentiu seu sangue ferver. Os sentimentos construídos dentro dele a um passo da febre. Mary era a sua mulher. Seus lobos eram uma combinação perfeita para ele.

— Você não pode me beijar para fazer com que os problemas vão embora. — Disse ela, choramingando.

— Eu posso. Eu sou a porra do Alpha e eu posso fazer o que diabos eu quero! — Passando o polegar ao longo de seu lábio inferior, ele gemeu quando sua língua espiou para fora, lambendo-o. — Eu preciso que você confie em mim. — Disse ele.

Os olhos dela estavam vidrados de lágrimas e sua pele



estava quente por uma mistura de seu beijo e a gravidez.

Você tem que dizer a ela sobre a gravidez.

Primeiro ele precisava que ela entendesse que eles eram um casal. Neste momento ele sentiu seu lobo ronronando por sua proximidade.

— Eu amo você, Mary. Isso é certo e você sabe que nós estamos destinados a ficar juntos.

Sua mão tremia quando ela apertou a palma da mão contra o peito dele.

— Então me mostre! — Disse ela.

— O quê?

— Eu nunca vi um par acasalado, além de Roger e Dani. Jane e Max eu só realmente vi brevemente. Mostre-me um casal.

Agarrando o celular do bolso, ele discou o número de seu pai.

— Qual é o problema, filho? — Perguntou.

— Esta sexta-feira, está tudo bem se eu levar Mary para uma reunião da alcateia? Ela precisa ver outros casais acasalados e eu acho que é tempo para ela ver o que é ser um lobo decente. — Ele não quebrou o contato visual com ela. Zeke precisava da permissão de seu pai antes de entrar em uma reunião do grupo. A alcateia de William era muito maior do que a sua própria, por causa de sua idade. Zeke esperava criar um bom grupo, sem medo de começar uma guerra.

— Eu aceitarei. Você vai precisar deixar Mary conhecer



as leis de respeito dentro de um encontro, mas eu estou mais do que feliz em tê-la lá. — Disse William.

Zeke concordou e desligou o telefone.

— Você quer ver outros casais acasalados? Então, nesta sexta-feira nós entraremos no território do meu pai. Você vai ver outros casais acasalados e haverá regras que você terá que respeitar.

— Quais são as regras? — Perguntou ela.

Tomando-a nos braços, ele a levou até o sofá. Ele precisava tocá-la de alguma forma para ele saber que ela existia.

— Estamos indo para um outro território e com isso temos regras a seguir.

— É o seu pai. — Disse ela.

Sorrindo, Zeke sacudiu a cabeça.

— Só porque somos relacionados não significa que não seguimos as regras. Meu pai não gosta de conflito dentro de sua alcateia, estarei me submetendo as suas regras e ele é o Alfa enquanto estamos lá.

— Que significa...?

— Nós vamos estar sob sua proteção. Todos os conflitos que acontecem são tratados por ele. Nós entraremos com você sendo minha mulher, minha companheira. Você não pode se aproximar de outros machos. Isto é puramente para casais acasalados ficarem juntos. Não é sexual, mas algumas noites podem levar ao sexo quando as tensões estão em alta.



Mexendo nos fios de seu cabelo, Zeke não podia parar de tocá-la, mesmo se quisesse. Ela se inclinou para perto dele, permitindo seu toque. Cada movimento que ela fez abriu-a ao seu toque. O lobo dentro dela estava roçando a superfície, tentando se aproximar mais uma vez. Quando eles correram juntos, ele sabia que seria uma força a ser reconhecida.

— O que mais eu preciso saber? — Ela perguntou, sem fôlego.

— Você não pode julgar a todos. Haverá raças puras e mestiços, juntamente com vários casais com mestiçagem.

— Por que eu iria julgar? Amor é amor. — Ela esfregou sua mão enquanto ela acariciava sua coxa.

Rindo, ele segurou seu rosto sentindo a maciez de sua pele.

— Você ficaria surpresa com quantas pessoas julgariam meu pai ou até eu mesmo. Você foi a primeira mestiça a participar do seu grupo, e até onde eu posso garantir, a última.

Ela estremeceu, afastando-se quando ele trouxe os velhos temas.

— Eu odeio cada um deles pelo que fizeram. Como está Jessica?

— Ela está ficando melhor. Suas memórias estão voltando e ela odeia o fato de que eles tomaram isso dela. — Zeke estava triste em pensar sobre a outra garota.



— Eu aposto. Meu tempo com eles é distorcido, mas com o passar dos dias eu estou lembrando mais e mais.

— Espero que, eu os tenha pego antes que eles fizessem algo muito pior. — Disse ele.

— O que poderia ser muito pior? — Perguntou ela.

— Se eles já disseram a alguém sobre o que eles estavam fazendo, haverá outros lá fora, com ganância suficiente para olhar o passado e experimentar por conta própria. — Passando a mão pelo rosto, Zeke se sentiu cansado de repente. Sabendo que haviam pessoas lá fora que não se preocupavam com a extinção de outros grupos o assustou muito mais do que qualquer outra coisa.

— Eu espero que você esteja certo. — Ela se aconchegou contra ele. — Você é tão quente. — Eles ficaram em silêncio por alguns minutos. Ele acariciou o cabelo dela, saboreando o tempo que eles compartilhavam juntos, sem qualquer medo ou preocupação. Sua maior preocupação era a sua irmã desaparecida, Zeke realmente esperava que ela estivesse a salvo em algum lugar longe de qualquer perigo. — Me diz, tudo vai ficar bem? — Perguntou ela.

Rindo, ele beijou sua cabeça.

— Tudo vai ficar bem. Eu não deixaria nada acontecer com você, e isso eu posso prometer.

O resto do dia foi gasto com ela em seus braços enquanto eles assistiam filme após filme. Zeke estava contente em simplesmente segurá-la e nunca a deixar se afastar. Sexta-feira não poderia vir em breve, mas ele teria



que esperar pelo momento certo. Ele segurou-se para não falar de seus sentimentos até então.

Ele se perguntou se Mary percebeu que tudo o que ela pediu, ele deu a ela. Eles estavam acasalados e negar-lhe qualquer coisa já não era possível para ele. Ele não podia dizer que ela estava grávida ainda. Ela claramente não sabia sua condição, pois não se acostumou ainda a ser um lobo. Roger e Dani levaram muito tempo para ela se acostumar com seu lobo e a mudança. Ele sabia que seu lobo gostava dele, foi por isso que a pequena lobinha ficou calma. Era apenas uma questão de tempo antes que o lobo quisesse ter uma corrida final, antes dela permanecer dormente para o bebê nascer. As maravilhas de sua espécie estavam ligadas à magia do nascimento. Antes que ela entrasse no segundo mês, ela poderia ter uma mudança final, mas depois disso, ela mataria o bebê. Merda! O que ela ia fazer quando descobrisse que ele a engravidou, do mesmo jeito que a reivindicou?



Capítulo

Onze

Olhando fixamente ao redor do espaço, Mary viu mais de trinta casais diferentes, misturando-se, falando, rindo ou apenas sentados acariciando um ao outro. Ela usava uma calça jeans com uma camisa de Zeke. Seu aroma a rodeava e nos últimos dias ela percebeu que o cheiro dele acalmava os nervos. Cada vez que ela sentia seu lobo perto da superfície, seu estomago revirava e isso a assustava. Sempre que Zeke estava com ela sua loba ficava calma.

Ela estava começando a se perguntar quem era a dona dela, ela mesma ou Zeke.

Ele estava ao lado dela vestido de forma semelhante, em jeans e uma camisa. À primeira vez que Mary o viu ficou horrorizada com a sua roupa informal. Zeke riu, lembrando-lhe que eles iriam para uma sala cheia de lobos, não havia necessidade para a roupa formal.



William e Helen os recebeu na porta e o casal parecia estar mais apaixonado do que Mary lembrava. Segurando o braço de Zeke ela olhou para todos os casais.

— Como você sabe quem está acasalado? — Perguntou ela.

Zeke a levou a um canto da sala, o que lhes deu a privacidade e também significava que eles podiam olhar ao redor.

— Durante um acasalamento o macho nem sempre é suave... — disse ele, estendendo a mão para acariciar o vergão em seu pescoço. — A maioria dos homens vai colocar sua reivindicação no pescoço, para que a maioria dos lobos vejam. É uma marca de propriedade, amor e reivindicação, mas também serve para alertar outros machos a não tocarem em sua propriedade.

— Então, eu sou sua propriedade agora? — Ela cruzou os braços tentando cobrir os mamilos, que pularam duros.

Ele riu.

— Baby, sua boceta está toda molhada. Você foi minha muito mais de ser meu brinquedo. — Ele acariciou um dedo em sua coxa vestida de jeans. — Eu estou sendo educado. Olhe ao seu redor, Mary. Eu sei que você pode ver o amor, a necessidade em cada casal acasalado. — Ele fechou a pequena distância entre eles. — Eu também sei que você sente algo por mim. Eu sei que você mudou em torno de mim e eu também sei que você será o meu brinquedo por um longo tempo.



— Isso é um monte de coisas para saber. — Disse ela, gemendo em sua proximidade.

Seu corpo estava em chamas, mais uma vez por seu toque.

— Não é tudo o que sei. — Sua mão deslizou até sua boceta. — Você é minha, Mary. Olhe a sua volta. Veja por si mesma.

Ela viu Max e Jane sentados no sofá falando com outro casal que não conhecia. Helen e William estavam perto, caminhando ao redor da sala.

— Essas pessoas são a sua família? — Perguntou ela.

— Nem todos estão relacionados, mas somos muito próximos. — A outra mão se afundou em seu cabelo, inclinando a cabeça dela para trás. — Todos os lobos se sentem relacionados de alguma forma. É por isso que eu sabia que Roger e Dani fizeram algo errado, eles já não cheiravam como uma alcateia, mas algo corrupto e não muito agradável. Eles me causavam repulsa.

— O que eu cheiro? — Ela choramingou quando os lábios dele beijaram ao longo de seu pescoço. O ar entre eles mudou, tornando-se, de repente, cheio de necessidade, sexo e algo mais. Mary sabia que Zeke estava certo, ela estava apaixonada por ele. Ele foi o primeiro homem a fazê-la se sentir desta forma e não podia imaginar sua vida sem ele, o que a assustava.

Por toda a sua vida ela pensou que levaria muito mais tempo, do que algumas semanas, para se apaixonar. Seu lobo



conectado com a sua e ela tinha agora seus sonhos preenchidos de imagens deles juntos. Mary sabia que seu futuro estava com ele, mas ela precisava estar totalmente certa.

Vendo os casais juntos, Mary sabia que eles eram exatamente o mesmo.

— O céu, como a melhor fruta ou sobremesa na mesa. Você é tudo que eu sempre quis. Eu podia sentir seu cheiro em uma sala lotada ou na cidade. Eles a levaram para longe de mim, mas eu não vou deixar isso acontecer novamente. — Seus lábios cobriram os dela e Mary aceitou sua palavra e seu amor.

O som de alguém limpando a garganta afastou Zeke de seu corpo.

— Filho, por favor, tentamos manter as coisas simples um pouco mais... — disse William.

Helen riu.

— É bom ver vocês dois aqui. Quando William me disse que você viria eu não podia esperar para vê-la novamente.

— Qual é o problema, pai? — Perguntou Zeke.

Ela sentiu-o tenso quando ele segurou sua mão.

— Eu preciso ter uma palavra com você, Zeke. Alfa para Alfa. Helen se ofereceu para manter a sua companheira segura.

— É importante?

— Muito. Caso contrário, eu não impediria um encontro



de companheiros em uma conversa particular. — Disse William.

— Ok. — Ele se virou para ela. — Eu estou indo, mas eu prometo a você, mamãe vai cuidar de você.

Mary assentiu. O que mais ela poderia fazer?

— Zeke, espere! — Disse ela, querendo que ele soubesse como ela se sentia. — Eu entendo. — Olhando para o chão, ela enfiou um pouco de seu cabelo atrás da orelha. — Eu também te amo.

Ele fez uma pausa, e então o maior sorriso que ela já viu iluminou todo o seu rosto.

— Você escolhe o pior momento para me fazer sentir o homem mais feliz do mundo. — Zeke pegou-a em seus braços. — Eu te amo, baby e eu prometo que vou fazer isso dar certo, por você.

Seus lábios a beijaram com força e ela se derreteu contra ele. Segundos depois, ele se afastou e ela estava sozinha com Helen.

A outra mulher colocou os braços ao redor dela.

— Estou tão feliz. — Rindo, Mary abraçou a mulher mais velha de volta. — Meu menino passou muito tempo falando sobre você e como iria encontrá-la. Eu não tinha dúvidas de seu esforço, mas eu comecei a pensar que ele comeu alguma erva daninha e simplesmente imaginado sua existência. — Helen riu. — Eu sei que ele não é mais um menino.



— Zeke falou sobre mim? — Perguntou Mary.

— Sim. Ele não sabia seu nome, é claro. Zeke nos disse que ele sabia que você era a única. Esse menino nunca vai desistir de qualquer coisa. — Helen as levou para os sofás, onde vários casais estavam se amassando ou em diferentes estágios de nudez.

— Eu, ahn, eu nem sabia o nome dele.

— Ele é um bom Alpha. Zeke sabe manter seus sentimentos perto de seu peito. Como seu pai, ele tem algumas poucas pessoas próximas o suficiente para ele que ele possa confiar. — Helen entregou-lhe um copo de líquido escuro. — É scotch, minha querida. Vai mantê-la quente enquanto ele estiver ausente. Negócios virão primeiro. — Havia um sorriso em seus lábios.

— Como você pode ficar se o grupo vem primeiro? — Mesmo quando ela disse as palavras Mary sabia que ela não se importava se o grupo viesse primeiro.

— Eu sei, querida, que, quando o meu homem me deixa sozinha hoje à noite ou mesmo amanhã ou talvez em uma semana, ele vai fazer isso por mim. — Helen fechou os olhos. Sentindo-se como uma intrusa, Mary desviou o olhar. — Querida, eu conheço o meu filho e ele vai fazer isso por você do seu próprio jeito. Você vai ser protegida e você nunca mais vai querer nada.

Sorvendo o uísque Mary tentou não tossir com o gosto forte queimando.

— Eu não quero nada dele. Eu estou feliz só de estar



perto. — Disse Mary.

— Você está se tornando uma das minhas pessoas favoritas! — Helen tocou na mão dela.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo quando a música aumentou. Ela notou que vários casais já estavam nus e as coisas tomaram um rumo diferente.

Sem saber para onde olhar, ela olhou para baixo em seu copo.

— Os lobos não se preocupam com nudez. Estar nu é mais natural do que estar vestido. Fiquei surpresa ao ver Zeke de roupa. Ele fica mais confortável de shorts ou qualquer coisa que o deixa exposto. — Disse Helen, explicando as coisas para ela.

Mary sentiu o rosto aquecer.

— Acho que ainda sou nova para tudo.

A gola de sua camisa estava começando a coçar. No canto, viu que Jane estava nua e seus braços estavam envolvidos em torno do pescoço de Max enquanto beijava a trilha de seu pescoço antes de reivindicar seus lábios. Os dois pareciam alheios a tudo ao seu redor.

Ela sentia a pele sensível ao toque, realmente queria Zeke. Sua necessidade estava crescendo e seu lobo estava começando a acordar. Tocou a cabeça com os dedos e tentou tomar respirações profundas e calmantes. A última coisa que ela precisava era perder o controle em uma sala cheia de lobos.



— Mary, você está bem? — Perguntou Helen. A preocupação passou pelos pensamentos nublados de Mary.

— Não, eu preciso de Zeke.

Nós precisamos de nosso companheiro.

Balançando a cabeça, ela respirou fundo várias vezes, precisando de seu homem para acalmar o animal dentro dela.

Altere.

Companheiro.

Caça.

— Mary, eu preciso que você me ouça. — Disse Helen. Quando a mulher mais velha a tocou no seu braço agora sensível, Mary saltou para trás com um assobio. — Ouça, este é o meu território e você vai me obedecer. — A simpatia nos olhos de Helen perturbou-a. Mary sentiu o poder derramar de Helen, tomando o controle da situação. — Ouça-me, Mary, existem muitas pessoas. Você pode nos machucar tanto quanto nós te machucariamos. Você não é da alcateia e você está aqui como convidada. Siga-me e eu posso te proteger. — Helen a tocou e Mary fez tudo o que podia para impedir-se de gritar com a outra mulher.



— Nós encontramos ela. — William disse, sentado atrás de sua mesa. Vários líderes do bloco estavam em torno da sala, olhando para o pai. Zeke não podia acreditar que ouviu corretamente.



— O quê? — Perguntou, se aproximando.

— Debbie, nós a encontramos. Ela está em perfeito estado de saúde, mas ela precisa que todos nós vamos até ela. — William parecia animado.

— Por que estamos aqui sentados esperando? Devemos estar lá e trazê-la de volta para nós. — Eles finalmente encontraram Debbie. Depois de todo esse tempo, Zeke não podia acreditar na notícia. Sua mulher acabou de admitir que o amava e agora ele sabia que sua irmã estava viva. Ele não podia deixar de se sentir feliz com a notícia. Sua vida estava ficando cada vez melhor. O futuro estava parecendo surpreendente.

— Ela pediu-nos para esperar. Eu tenho a localização dela e ela nos pediu para esperar. Sua situação é delicada e as pessoas que ela está não vão confiar em nós. Dani e Roger têm muita culpa nisso. — Disse William.

— Eu aposto. Experimentar em nossa própria espécie ou qualquer outra é abominável para caralho. Eu queria estar lá para matá-los novamente! — O Alpha de um dos outros grupos falou da parte de trás.

Todos concordaram.

— Que situação? — Perguntou Zeke.

— Debbie não foi a única que escapou. Várias pessoas ao longo dos anos conseguiram escapar. Dani e Roger têm feito isso há anos, os fugitivos formaram um grupo, mas eles são, ahh, estão acostumados a viver isolados e eles não têm uma grande dose de confiança em nossa espécie. Além disso,



eles tentaram ficar longe dos seres humanos completamente. Debbie não teve a oportunidade de entrar em contato conosco, mas ela finalmente conseguiu entrar em contato agora. — William passou a mão pelo rosto. — Debbie gosta deles e quer que nós esperemos para que ela possa provar-lhes que eles podem confiar em nós.

— Esperar uma semana vai ganhar a sua confiança? — Zeke falou não acreditando que algo tão simples poderia gerar confiança.

— Sim. O Alpha de seu novo grupo pediu uma semana para provar a eles, que podemos nos segurar, em seguida, eles vão aceitar-nos perto de seu território.

— E sobre os experimentos de Dani e Roger? Como sabemos que acabou? — Perguntou Zeke, pensando em sua mulher e os danos que os outros causaram a ela.

— Debbie assegurou-me que eles têm a única pessoa responsável por colocar a ideia em suas cabeças. Confio na sua irmã, Zeke. Ela é puro-sangue e não nos levaria a uma armadilha.

Os outros Alphas concordaram. Zeke sabia que sua irmã era confiável e sabia como cuidar de si mesma.

— OK. Então o que você precisa de mim? — Perguntou Zeke.

— Na próxima semana precisamos de você e Mary para o encontro. Eles vão trazer o homem responsável por causar tantas mortes. Juntos, vamos pôr um fim a esses bastardos.



Uma batida na porta soou, dando a todos uma pausa.

— Entre. — Disse William.

Jane apareceu parecendo perturbada. Ela tinha um cobertor sobre sua nudez.

— Zeke, é Mary. Seu lobo está tentando sair novamente. Nós precisamos de você. Helen não pode mantê-la sob controle.

Correndo para fora da sala, Zeke seguiu o cheiro de sua mulher. Encontrou-a gritando em agonia com Helen ainda tentando contê-la.

— Sinto muito, meu filho, eu fiz tudo que podia.

Mary estava chorando enquanto seus braços ficaram em ângulos estranhos. Tirando sua mãe da frente ele pegou Mary em seus braços.

— Baby, eu estou aqui. — Ele disse, envolvendo seu corpo em torno dela.

Ela fez uma pausa, dando-lhe a chance de falar com ela. O lobo dentro dela parou.

— Esta não é a maneira que eu queria dizer a você, baby, mas você está grávida do meu bebê. — Ele apertou a mão em sua barriga. — Eu preciso que você pare de arranhar seu caminho para fora, você terá a sua noite sob a lua em breve. Mais uma vez e então você tem que parar com isso.

— Eu estou grávida? — Perguntou Mary.

— Sim. Sinto muito, querida, eu estava esperando ter um pouco mais de tempo para lhe dizer o que mudou. — Ele



a acalmou, incitando os outros a saírem para dar-lhes a muito necessária privacidade.

A porta se fechou e ele rasgou suas roupas. O lobo estava descansando novamente satisfeito com sua reivindicação sobre eles.

— Eu não posso acreditar que estou grávida. — Sua mão foi para a sua barriga.

— Você não vai brigar comigo? — Perguntou.

— Não, eu não posso brigar com você. — Ela colocou os braços ao redor dele. Abraçando-a, ele acariciou suas costas e, em seguida, segurou sua bunda, querendo enfiar seu pau dentro dela. — Eu sinto muito por fazer isso.

— Você ainda é nova. Eu vou bater em sua bunda, dentro de alguns anos, se você continuar fazendo isso.

Ela riu. O som elevou seu coração.

— Combinado.

Beijando seu pescoço, ele sentiu seu pau crescer, pronto para transar com ela.

— Eu sei de outra coisa que poderíamos fazer... — disse ele, mordendo seu pescoço.

— Coma-me, Zeke.

— Você leu minha mente. — Empurrando-a de costas ele deslizou dentro do calor apertado, sentindo o aperto com cada impulso.

Ela gritou. Sua boceta já estava escorregadia por



ele. Colocando a mão entre eles, ele acariciava seu clitóris trazendo-a mais perto do orgasmo. Em poucos segundos ela gozou em torno dele, fazendo-o meter nela mais do que nunca, reivindicando seus lábios, mergulhando sua língua dentro.

Mary gritou ao seu redor. Sua boca se abriu e ele aproveitou.

Puxando fora de sua boceta apertada, ele a virou rapidamente colocando-a de joelhos na frente dele.

O anel enrugado e apertado da sua bunda brilhou para ele, por causa do creme que escorria dela. Metendo de volta para dentro, Zeke olhou para a sua bunda sabendo que ele iria reclamá-la ali.

Correndo as mãos sobre sua bunda, ele abriu suas bochechas, expondo-a.

— Zeke, por favor! — Disse ela, gemendo.

— Não se preocupe, querida. Eu vou cuidar de você. — Fodendo-a duro e rápido ele sentiu o vínculo do acasalamento vindo sobre ele. Atingindo o outro lado da cama, ele abriu a gaveta para encontrar alguma lubrificação. Seu pai sempre fez com que cada quarto estivesse preparado para qualquer reivindicação. Quando ele era mais jovem Zeke achou estranho, mas seus pais o fizeram entender o que está sendo preparado.

Arrancando a tampa, ele revestiu os dedos e pressionou-os contra a sua bunda. Ela se esticou em torno de seus dedos. Acariciando suas costas com a mão livre, Zeke



trabalhou seus dedos dentro dela até que ela finalmente relaxou em torno da invasão.

— Eu amo você, Mary. Eu nunca deixaria nada acontecer com você. Você é minha mulher, minha companheira e eu vivo para servi-la. — Disse Zeke, falando com todo o seu coração. O que começou como um simples acordo para ela ser seu brinquedo, se tornou algo muito mais bonito. Mary era sua companheira e ela carregava o seu bebê.

— Eu amo você, Zeke. Tudo o que sou é seu. — Ela falou as palavras que conhecia. Considerando que ela não foi treinada com a etiqueta-lobo adequada, Zeke ficou impressionado.

Ele saiu de sua boceta, cobrindo seu pênis com o lubrificante restante antes de pressionar a ponta de volta para sua bunda.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Eu vou foder sua bunda, como prometi que faria.

Zeke cheirava sua excitação, que se aprofundou quando ele mencionou tomar sua bunda.

— Sim.

Ela gritou quando ele pressionou a cabeça do seu pau em sua bunda. Mary não lutou com ele, mas levou vários minutos para relaxar mais uma vez.

Lentamente, ele fodeu sua bunda. Quando ela tomou tudo dele, Zeke acariciou suas costas acalmando-a com as palavras.



— Eu estou dentro de você, baby.

O cheiro do acasalamento encheu a sala em torno deles. No momento em que ele deixasse este quarto, qualquer outra cadela que passasse perto dele saberia que ele pertencia a outra mulher. Zeke sentiu o instinto primitivo de foder vindo sobre ele. Segurando seus quadris, ele saiu de sua bunda, vendo seu pau aparecer pouco a pouco. Mergulhando para dentro, Zeke fodeu sua bunda com força, sentindo-a apertar em torno dele.

— Você vai gozar, baby? — Perguntou.

— Sim.

Ele tocou seu clitóris, acariciando ali. Em poucos segundos ela gozou e seu cu apertou ainda mais ao redor de seu pau. Gemendo, Zeke sabia que não seria capaz de se segurar mais. Fodendo sua bunda com força, ele sentiu a agitação dentro de si, o aroma natural do acasalamento cancelou tudo o mais e derramou em seu corpo.

Gemendo, Zeke ficou tenso quando gozou em sua bunda. Ele não se moveu para longe dela e estocou uma última vez. Quando o orgasmo começou a abrandar, ele caiu ao lado dela.

— Uau! — Disse ela. — Eu não tinha ideia que esta lua cheia ia ser diferente.

Ele riu.

— Você está grávida e acasalada. Ele só serve para mostrar como a vida pode mudar instantaneamente. Você



mudaria alguma coisa?

— Sim, eu não teria confiado em Dani e Roger tão rapidamente. — Disse ela, limpando o suor da testa.

— Nem todos nós somos assim. Eu prometo a você. — Beijando seu pescoço lentamente ele saiu de sua bunda.

— Eu acho que é hora do banho para nós dois.

Levantando-a, levou-a até o banheiro. Ela ainda ficou quieta enquanto ele enchia a banheira com água. Colocando-a na água quente, ele deslizou atrás dela, envolvendo os braços em torno de seu corpo, abraçando-a.

— Eu nunca vou me cansar disso. — Disse.

Fechando os olhos, ele inalou seu aroma fresco, amoroso.

— E eu sei que nunca vai ficar entediada. Você sabe o que isso significa, não é? — Perguntou.

— O que?

— Você vai ter que casar comigo. Vou organizar tudo e tudo que você precisa fazer é aparecer.

Ela riu, recostando-se contra ele.

— Qual foi o motivo da sua reunião com seu pai? — Perguntou ela.

— Eles encontraram Debbie. — Ele disse a ela todos os detalhes sobre o que aconteceu no escritório de seu pai.

— Um grupo totalmente novo?

— Sim. Eu não sei o que isso significa, mas ele sugeriu



que Debbie estava com eles. Eu vou precisar de você comigo quando isso acontecer, baby. Com você lá eu imagino que ajude a aliviar quaisquer tensões. — Ele odiava pedir isso a ela, mas ele não via qualquer outra escolha.

— Você quer que eu vá com você para a reunião? Pensei que seu pai já tinha pedido. — Ela olhou para ele.

— Ele pediu, mas eu ainda sou seu Alpha. Você não segue as ordens de ninguém além de mim.

— No quarto ou fora dele? — Havia um brilho em seus olhos que ele nunca viu antes. Inclinando-se, ele esfregou o nariz no dela.

— Ambos, baby. Não se esqueça quem é o chefe aqui.

— Como se eu pudesse esquecer. Eu estarei lá para você na sexta-feira. É o mínimo que eu poderia fazer e não é como se meu tempo com você já estivesse acabado.

— Cadela, nosso tempo juntos apenas começou. — Ele afirmou, sabendo em seu coração que tudo ia ficar bem.



Capítulo

Doze

Na sexta-feira seguinte Mary olhou através do campo o grupo que se aproximava. Havia tantos deles e muito poucos ao lado de William e Zeke. Se algo de ruim estava para acontecer, ela sabia que eles estavam em menor número e cercados, não haveria segurança para qualquer um deles. Apertando sua mão ao redor da mão de Zeke, ela o sentiu tenso ao seu lado. Ao longo da última semana, o vínculo entre eles se estreitou, neste tempo ela descobriu que eles realmente trabalhavam no mesmo prédio, mas ela trabalhava próximo ao térreo e nunca se aventurava para cima, já Zeke passava a maior parte do seu tempo nos pisos superiores e nunca descia. No momento em que eles se cruzaram, o cheiro dela teria desaparecido, talvez pelo grande número de pessoas que trabalhavam na empresa.

Ele era o CEO da empresa que trabalhava. Ela percebeu que vários lobos, na verdade, eram proprietários de algumas das empresas mais rentáveis, para que eles pudessem



controlar seus dias de trabalho, em época de lua cheia.

— Ali está a minha irmã. — Disse.

— Onde? — Ela olhou para o conjunto de pessoas que se aproximavam deles e não poderia encontrar uma única pessoa.

— Não. — Ele apontou para a mulher ao lado de um homem grande e musculoso.

— Vamos, rapazes, não estamos ficando mais jovens. — William gritou para eles. Não haviam muitos do lado dela e ela começava a desejar ter recusado acompanhá-los.

— Tudo vai ficar bem. — Disse.

— Como você sabe? Eu sinto que estou em algum filme histórico caminhando para a batalha. — Eles estavam arrastando algo junto com eles, a distância ela viu uma corda enrolada em volta do pescoço de um homem. O homem em questão estava sangrando e machucado.

Em um momento eles estavam a alguns centímetros de distância uns dos outros.

— Pai, irmão, Alphas... — disse Debbie, chegando perto. O cheiro saindo de Debbie era o mesmo do grande gigante segurando a corda. — Este é George, ele é um fugitivo como eu, mas teve que sobreviver muito mais tempo do que eu. Levaram-no a mais de dez anos atrás e o mantiveram por cinco anos, até que ele estivesse forte o suficiente para se libertar. — Debbie olhou para trás desejosamente. — Ele me salvou e é meu companheiro.



— Querida, parabéns! Estou tão feliz em ver que você está viva. — William parou, Mary ouviu a emoção em sua voz, ele estava lutando para se controlar. — Por que você não veio até nós mais cedo?

— Com Roger e Dani vivos eu não podia arriscar. Eles eram perigosos. Quando a notícia de seu abate chegou até nós, sabíamos que precisávamos esperar. Nunca foi sobre se esconder, pai. Nós somos um grupo, alguns de nós somos mestiços, outros raças-puras. Estamos misturados, mas unidos pelo que eles fizeram com a gente. Eu cheiro um de nós, entre vocês e eu sei que ela está coberta pelo cheiro de Zeke. — Disse Debbie.

Mary levantou a mão em saudação, pensando em Jessica.

— O que aconteceu lá fora, Debs? — Perguntou Zeke.

— Eu saí para encontrar informações sobre os corpos desaparecidos, haviam tantos que não dava nem para contar. Roger e Dani não mantinham os documentos das pessoas que eles mataram. Alguns dos corpos despejados não estavam mortos. — Debbie parou para olhar para trás. — Todas essas pessoas sobreviveram ao que eles fizeram. Este homem. — Debbie apontou para a pessoa que estava sangrando. George puxou-o na frente, apresentando-o a eles. — Ele é o único responsável pelos experimentos. Seu nome é Luther Dale. Ele é um cientista e um meia raça.

George pegou Luther ao redor do pescoço.

— Foi ele que incentivou Roger e Dani a capturarem



outros como nós. — Disse George, rosnando no rosto do homem.

Mary observou incapaz de falar.

Debbie jogou um saco para o chão.

— Ele é um mestiço, foi transformado por uma mulher de sangue puro e ele odiava sua condição tanto que ele começou a experimentar em si mesmo. Encarcerando-se para que o lobo dentro dele estivesse preso, incapaz de sair.

— Funcionou. — Disse Luther, olhando para todos eles. — Vocês são monstros do caralho. Mostrei a cadela que me transformou a não se meter comigo. Essa puta repugnante me transformou contra a minha vontade. Eu a matei e depois fui para Dani e Roger, eles seriam as minhas próximas vítimas. Eu vou livrar o mundo de vocês, seus filhos da puta do mal, e eu vou nadar no sangue que eu derramar. Eu vou acabar com vocês, todos vocês, parte a parte, porra!

O veneno escorrendo de sua boca surpreendeu Mary. Dando um passo para trás, ela sentiu o corpo tenso, pronto para atacar e matar.

— Ele prometeu-lhes o poder completo sobre os lobos. Com as injeções e as experiências ele esperava matar todos os de raça. — Disse Debbie. Lágrimas escorriam de seus olhos e mostravam a sua dor.

— Eu estava conseguindo até que descobriram o que eu estava fazendo! — Disse Luther.



— O que você estava fazendo? — Perguntou William.

— Eu estava matando seus projetos. Eles pensaram que eu estava ajudando-os a construir uma raça melhor, mas eu nunca iria ajudar esses cães, porra! — Luther cuspiu no chão. — Vocês são fodidos animais e quanto mais cedo vocês estiverem mortos e enterrados mais feliz eu vou ser.

Andando para a frente, Mary olhou para ele.

— Eu estava recém-transformada e você experimentou em mim?

— Não, eu estava longe. Quando descobriram quem eu era eu fugi. — Disse Luther, olhando para ela. O olhar em seus olhos a assustou, o mal que espreitava em suas profundezas era tão puro, tão cheio de ódio.

— Mas Dani e Roger continuaram seus experimentos. Ele plantou a semente em suas cabeças e eles matariam todos exatamente como ele imaginava, — disse Debbie, envolvendo os braços em torno de George.

— Este é o meu povo e eles querem vê-lo morto. Vou dar isso a eles. Debbie, meu amor, como pedido você teve a chance de ver as provas antes de matá-lo. — Disse George, segurando sua companheira com força.

Mary reconheceu o vínculo, como ela sentia com Zeke.

— Este homem não tem utilidade para nós. Eu nunca toleraria tirar uma vida, mas vendo como esse homem tomou muitos dos nossos e não há nenhuma lei humana que pode mantê-lo preso, eu acho que é apenas melhor lidarmos com



ele do nosso jeito. — Disse William. Ele virou-se para o resto dos Alphas. — Se algum de vocês discordam da minha declaração, então eu sugiro que você se apresente aqui e agora e proteja este assassino.

Indo para o lado de Zeke, Mary se aconchegou contra seu calor morno, inalando seu aroma reconfortante.

— Eu te amo. — Disse ela.

— Isso tudo vai acabar logo. Depois disso, você e eu vamos nos divertir um pouco longe de toda essa merda.

Ela gostou disso.

Ninguém deu um passo adiante. George tirou a corda do pescoço do homem e Luther fugiu no momento em que ficou livre. Mary observou o grupo de George que foi testado e utilizado nas pesquisas, se transformar em lobos e correrem depois que o homem tentou escapar.

Mary afastou-se no momento em que eles o pegaram, não precisava ver mais do que o necessário. Os gritos foram o suficiente para que ela soubesse que o homem estava realmente morto.

Debbie correu para seu pai, abraçando-o com força. Zeke se aproximou, com ela grudada ao seu lado, virando-os para olhar George.

O grande homem olhou para trás com igual medida.

— Eu não sei quem você é e eu realmente não me importo. Se você ferir a minha irmã, eu vou te matar. — Disse Zeke.



— É a sua companheira? — Perguntou George.

— Sim, Mary, este é George. George, esta é Mary. — Tão rapidamente quanto cresceram, as tensões foram baixando. Ela ficou com seu homem enquanto ele falava com George e os outros Alphas. Mary foi pega de surpresa com a rapidez com que todos eles a aceitaram como companheira de Zeke.

Debbie a abraçou e enquanto os homens estavam falando, elas estavam começando a conhecer uns aos outros.

— Estou satisfeita pelo meu irmão finalmente te encontrar. — Disse Debbie.

— Eu também. Eu não sabia que ele era meu companheiro. — Mary olhou para trás para ver Zeke olhando sua bunda. Calor encheu suas bochechas enquanto olhava para Debbie.

— Não se sinta constrangida. É a forma do lobo deixar sua mulher saber o que vem em seguida. Meu irmão está apaixonado por você. Qualquer pessoa que saiba o que é amor pode vê-lo.

Sorrindo, Mary enfiou alguns fios de cabelo atrás das orelhas.

— Você está acasalada assim?

— Sim, George me salvou. Eu estava no rio cerca de 5 quilômetros de onde Roger e Dani me prenderam. Eu estava morrendo, podia sentir o cheiro da morte em mim. Ele me ajudou a sair da água, eu estava morrendo de frio. George e o grupo dele cuidaram de mim até que eu me curasse.



— Ele não a manteve contra a sua vontade? —
Perguntou Mary.

— Não, eu poderia tê-lo deixado a qualquer momento. Eu não queria. Por que deixar alguém que você sabe que vai amar para o resto da sua vida? Ele é minha alma gêmea. — Disse Debbie.

— Sei exatamente o que você quer dizer.

Depois disso, ela pegou a mão de Zeke e juntos eles se dirigiram para a noite. Nada mais poderia dar errado, tanto quanto lhe dizia respeito.



— Minha alcateia ama e adora você, Mary. Esta é a sua última chance de correr solta. Vamos lá, saia do banheiro e deixe de ser um bebê chorão. — Disse Zeke. Mais de uma semana se passou desde que ele viu sua irmã. Ele a visitava regularmente e estava ajudando a aclimatar o grupo desde a sua captura e tortura.

— Eu estou saindo. Eu não estou acostumada a estar nua, sabia?

— Não é como se você tivesse que se vestir, baby. Tire suas roupas e vamos lá. Temos que ir. Jessica já está lá fora, em forma de lobo. — Ele não ia dizer a ela que Jessica teve a chance de se esconder atrás de um arbusto para mudar. O grupo adotou Jessica como seu próprio lobo e ela vivia com ele e Mary. Ele gostava de ter a jovem ao redor e Jessica tinha um jeito especial, o que significava que Mary dava a ela tudo



o que ela queria. Ele estava treinando a menina para adotar a habilidade. Até agora, ela não foi bem-sucedida, mas fez apenas uma semana.

— Tanto faz. Eu estou saindo.

A porta do banheiro se abriu e a estrela brilhando olhou para ele. Suas mãos em concha em sua barriga. Ela não estava mesmo mostrando ainda, e ela estava dando desculpas sobre ser gorda.

— Você é linda, querida. — Disse ele.

— Eu sou gorda.

— Eu baterei nessa bunda se você disser uma coisa dessas. Você é uma bela mulher sexy, desejável. Eu te amo e meu grupo vai te amar. Nós somos sua família. — Ele tomou suas mãos levando-a para fora para o ar fresco. — Esta vai ser sua última chance de mudar com o bebê a caminho.

Ela fez beicinho e ele achou a coisa mais adorável do mundo.

— Eu te amo. — Disse ele, beijando seus lábios.

— Eu te odeio.

— Não, você não me odeia. Pare de tentar mentir! — Ele a levou ao fundo do corredor, em seguida, as escadas até que estavam na porta da frente. Mary cravou seu calcanhar no chão, se recusando a ceder. — Eu vou jogar você por cima do meu ombro e ir lá para fora, de qualquer maneira. Você escolhe. — Disse ele.

— Bem, estou indo, mas você não está sendo justo! —



Ela tentou sair de seus braços.

Ele não iria libertá-la. Abrindo a porta, ele caminhou para o céu e para a lua cheia, seu grupo estava a postos sob o brilho do luar. Zeke era mais feliz quando viu que Jane e Max estavam mais próximo de toda a sua alcateia. Mary era mais próxima de Jane pois as duas mulheres eram mestiças.

— Posso voltar agora? — Perguntou ela.

— Não, ainda não. Pare de ser impaciente comigo! — Conduzindo-a para fora tanto quanto ele ousou, Zeke enfrentou os homens e mulheres de sua alcateia. — Eu gostaria de apresentar-lhes a minha companheira, Mary. Esta será sua última mudança, enquanto ela está carregando meu bebê. — Apertando a mão na barriga dela, Zeke estava feliz quando ela não lhe deu um tapa. Os lobos uivaram todos juntos mostrando-lhe sua aceitação do que ele declarou. — Cuidem dela. Ela é a rainha de seu Alpha! — Outra onda de uivos os cumprimentou.

— É bom que eles estejam uivando? — Perguntou ela.

— Sim, eles te aceitam, baby. Eles vão cuidar de você como eu. Nada jamais vai prejudicá-la novamente.

Jessica se aproximou em forma de lobo. Zeke ficou tenso quando ela se sentou sobre as patas. Por alguma razão, ele esperava que ela atacasse, mas ela inclinou-se em submissão aceitando seu novo grupo.

— Calma, menina... — disse Zeke, tocando em sua cabeça.



A menina gemeu antes de sair.

— Você não vai se livrar dela, não é? — Perguntou Mary.

— Ela é nossa agora, baby. — Beijando sua boca, ele soltou sua mão e lentamente se transformou em lobo.

— *Você fez bem, Alpha.*

— *Ela vai ser uma boa mulher para você.*

— *Parabéns por sua companheira e seu filhote.*

Ele ouviu as palavras de seus homens, sabendo que fez a escolha certa para sua vida e para seu grupo.

Mary olhou para ele, estendendo a mão. Ela fez isso uma vez antes e ele a mordeu. Inclinando a cabeça, ele lhe ofereceu uma chance para ela acariciá-lo. Seus dedos se afundaram em seu cabelo.

— Você é tão bonito. — Disse ela.

Esperando pacientemente ela olhou para a lua cheia, e lenta e graciosamente seu lobo marrom olhou para ele.

— *Obrigada por não me morder neste momento.*

— *De nada.*

Ele abafou o barulho do seu grupo por um tempo. Mary não precisa saber alguns dos pensamentos eróticos dos seus homens quando ele veio para ela. Ela sabia mais do que o suficiente no momento. Zeke não era o único em sua alcateia que achava que Mary era uma mulher sexy.

— *Aproveite a sua noite, baby. Vai ser a sua última por um tempo.*



Ela baixou a cabeça e, em seguida, decolou. O grupo correu selvagem durante toda a noite. Ele ouviu alguns deles perseguindo veados ou animais selvagens da floresta. Outros apenas corriam, ele seguiu Mary em direção ao lago que visitaram uma vez antes. Ela correu várias milhas, uivando para a lua. Zeke ficou perto o tempo todo. Ela não mostrou sinais de abrandamento ou cansaço.

— *Você está com medo?*

— *Não, eu estou preocupado. Sua segurança é minha prioridade.*

Mary virou para ele, batendo seu lado quando o cheirava.

— *Divirta-se!* — Ela correu na direção oposta da cachoeira. Dando-lhe uma colher de chá por vários segundos, Zeke riu por dentro e, em seguida, correu atrás dela. Ele não se importaria de passar o resto de sua vida tendo que ir atrás dela. — *Vamos, treinador lento!*

Correndo atrás dela Zeke lhe permitiu pensar que estava ganhando. Ele poderia vencer a qualquer momento. Ela circulou em torno da cachoeira e antes que ele pudesse impedi-la, ela saltou sobre a beira mergulhando na água. No meio do caminho ele a viu se transformar em um ser humano e se entregar. Ele estava muito irritado, Zeke mudou de forma antes de saltar sobre a beira. Quando a trouxesse de volta em seus braços, iria espancá-la até que seu traseiro estivesse vermelho para caralho.

Subindo para a superfície viu que Mary estava



flutuando de costas, olhando para a lua.

— Está louca, porra? — Perguntou.

— O quê? — Ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Você perdeu a cabeça? Saltar não é engraçado, caralho! — Disse ele, sentindo o temperamento esfriar quando ela sorriu para ele.

— Eu não queria perturbá-lo. Eu amei a corrida da última vez que estivemos aqui. — Ela foi para o seu lado, envolvendo os braços em volta do pescoço. — Eu amo você, Zeke. Eu queria lembrar da nossa noite juntos. Você, eu e a lua cheia. Você não pode ver o que eu queria? Este é um belo local e perfeito para nós passarmos a noite juntos.

Seu lábio tremeu e ele era um caso perdido. Zeke não podia ficar bravo com ela.

— Não faça uma merda como essa de novo. — Disse.

— Você é um otário quando se trata de mim, não é?

— Você tem esse direito, baby. Eu não poderia lidar com qualquer coisa acontecendo com você. Você é o meu futuro.

Ela deu um beijo em seus lábios.

— Nós temos que planejar meu casamento de branco.

— Você não é virgem, baby. Eu cuidei disso. — Ele agarrou a bunda dela, apertando-lhe a carne.

Mary riu.

— Eu era uma virgem, e você me deve. Eu vou ter um casamento de branco, e você não vai tirar isso de mim.



— Eu não sonharia em tirar nada de você, baby. Você só tem que se lembrar de quem você pertence e eu vou dar-lhe o que quiser.

Beijou seus lábios e ele abriu-se para ela. Mary saqueou sua língua em sua boca. Seus gemidos foram abafados pelo barulho de água. Segurando-a com força, apertou-a contra a beira da cachoeira. Ela engasgou, envolvendo suas pernas em volta de sua cintura quando ele encontrou seu núcleo.

— Se você jogar as cartas certas, Alpha, eu vou ser seu brinquedo por muito mais tempo do que esta noite. — Disse ela.

— Baby, você nunca vai ser nada além do meu brinquedo. — Ele brincava com ela, batendo em seu calor fundo. — Até o final da noite você vai gritar meu nome quando implorar por mais.

Ela inclinou-se para sussurrar em seu ouvido.

— Você estará gritando muito mais.

Zeke não tinha dúvida de que ela o levaria a fazer exatamente isso. Ele era seu escravo tanto quanto ela era seu brinquedo. Com a lua cheia brilhando ao seu redor, Zeke tomou-a com força, fazendo amor com ela na água. Eles eram um casal acasalado, destinados a isso, e realizados pelo amor brilhando entre eles.



Epílogo

Seis meses depois

Olhando por cima das últimas instruções na construção do berço Mary estava perdida. Ela ouviu o grupo trabalhando nos reparos solicitados, por ela, na casa. Com o grande dia se aproximando estava confinada à casa da alcateia, a fim de descansar e não correr riscos. Estava tudo certo para Zeke que ainda estava autorizado a trabalhar. Ela foi confinada para descansar pelo médico do grupo, James.

Mesmo quando Zeke pediu-lhe para não fazer, verificou as credenciais de James. Ela não confiava em um médico que exigia repouso de uma mulher grávida de sete meses. Ok, ela não era médica, mas detestava ser colocada em repouso e não foi exatamente o repouso na cama, apenas descansar.

Soprando o cabelo do rosto, ela olhou para a barriga arredondada.



— Eu espero que você saia em breve, amigo. Eu preciso sair e mudar ou fazer algo. Eu estou ficando maior do que um elefante. — Esfregando seu estômago, ela olhou para as instruções. Fazer um berço não deve ser tão difícil. Era sua primeira vez tentando fazer qualquer coisa.

Empurrando seu cabelo da frente ela se ajoelhou sobre a madeira tentando descobrir o que cada peça era.

Os homens estavam martelando dando-lhe um novo patamar, as instruções de Zeke eram simples: Fazer o que ela dissesse.

Mary odiou no primeiro momento, mas ter um grupo completo de homens que querem ser agradáveis era um alívio bem-vindo. Ela nunca esteve sem companhia. Jessica também estava sendo ensinada em casa e fez companhia a ela em todos os momentos.

— Zeke vai ter um ataque quando ver o que você está tentando fazer. — Jane disse, entrando com leite e cookies.

— Isso é para mim? — Perguntou.

— Não, eu te trouxe leite e biscoitos para provocá-la. É claro que eles são para você. Jane colocou a bandeja sobre a superfície livre mais próxima antes de se sentar. — Vamos dar uma olhada no que você está tentando fazer.

Entregando a Jane as instruções, Mary deu uma mordida nos biscoitos. Depois de vinte minutos, as duas ainda não montaram a cama.

— Isto é para o seu homem. — Disse Jane.



Como se as palavras de Jane invocassem algo, Mary olhou na porta para ver Zeke inclinando-se contra ela.

— Eu disse que ia lidar com o berço quando chegasse em casa.

— Eu estava entediada e você não me deixa fazer nada.

— Você está grávida, carregando meu bebê e você é mestiça. James instruiu-a a descansar por causa dos perigos que enfrentamos.

Jane saiu quando Zeke entrou na sala. Ele a pegou do chão, beijando-a profundamente antes de cair de joelhos para beijar sua barriga.

— Agora, minha querida esposa, no que posso ajudá-la?

— Ela olhou para o anel em seu dedo mostrando para o mundo a quem ele pertencia.

— Nada. Você pode me beijar e me dizer o quão sexy você acha que eu sou. — Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e sentiu suas bochechas queimarem enquanto lutava para chegar perto dele. Sua barriga grande ficou mais uma vez na frente. — Esqueceu-se de dizer o que você pensa de mim.

— Ei, você é minha linda sexy esposa, grávida, e eu vou te amar, não importa quão grande você fique com o meu bebê.

— Grande?

Ele a silenciou com os lábios e Mary não conseguia se lembrar por que eles estavam tendo uma pequena



discussão. Os últimos seis meses foram de bem-aventurança. Ela se acasalou, casou, engravidou e gostou. Com os braços de Zeke envolvidos em torno dela, Mary se sentia como a mulher mais sortuda do mundo. O berço podia esperar e assim poderiam todos os reparos na casa. Quando Zeke, seu Alpha, seu marido, estava em casa, todo o resto podia esperar.

— Eu te amo, amor.

— Eu também te amo.

Dois meses depois, Mary deu à luz um menino saudável e forte. Ela nunca esqueceria o olhar no rosto de Zeke, enquanto olhava para seu filho. Foi então que ela realmente percebeu que o seu amor era absoluto. A maneira como ele estava olhando para seu filho era semelhante à maneira como olhava para ela.



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).